



**POLITÉCNICO
DE LEIRIA**

ESCOLA SUPERIOR
DE EDUCAÇÃO
E CIÊNCIAS SOCIAIS

Acompanhamento e apoio individual diário em crianças com autismo na educação pré-escolar

Relatório de projeto

Adriana Maria Paulo Carreira

Trabalho realizado sob a orientação de

Professora Doutora Marta Fonseca

Leiria, setembro de 2023

Mestrado de Educação Especial – Domínio Cognitivo-Motor

ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS SOCIAIS

INSTITUTO POLITÉCNICO DE LEIRIA

AGRADECIMENTOS

À minha avó, pela bondade. Obrigada por ser a minha luz e a minha fé.

Aos meus pais, pelo que sou. Obrigada por me terem ensinado a ter força e fé em realizar os meus sonhos.

Ao meu irmão, pela empatia e simplicidade. Sem ti não seria o que sou e nada disto existiria. O mundo é mais bonito com a tua presença.

À minha irmã, pela força e empenho. Obrigada por me inspirares todos os dias a ser melhor e mais forte.

Ao Manuel, pela motivação, compreensão e companheirismo nos dias mais difíceis. Sem ti, tudo teria sido mais difícil. Obrigada por me mostrares que vale sempre todo o esforço.

À Cheila, pela ajuda, apoio e força. Obrigada por estares sempre ao meu lado, tanto nos momentos mais bonitos, como nos mais desafiadores.

Aos meus amigos, pelo apoio e suporte. Obrigada por todas as vossas palavras de força e motivação e por me ajudarem no necessário.

À Sofia, pela tolerância e flexibilidade. Obrigada por me teres dado a hipótese de poder colocar a realização deste trabalho como prioridade.

À professora Daniela, pela valorização. Obrigada por me mostrar que o ensino superior era possível. Tão possível que hoje estou aqui.

À minha orientadora, professora doutora Marta, pela orientação e apoio. Obrigada por atender as minhas dificuldades, desesperos e me colocar no caminho correto.

Aos professores, pelos ensinamentos. Obrigada por nos darem as melhores ferramentas e pelas partilhas durante este percurso académico.

Aos colegas de mestrado, pela inspiração e partilha. Obrigada por me inspirarem a ser melhor e por termos partilhado bons momentos.

A todos, do fundo do meu coração, muito obrigada.

RESUMO

O presente relatório intitulado “Acompanhamento e apoio individual diário em crianças com autismo na educação pré-escolar” insere-se no âmbito do Mestrado de Educação Especial – Domínio Cognitivo-Motor, da Escola Superior de Educação e Ciências Sociais do Instituto Politécnico de Leiria. O estudo pretende entender de que forma é que o acompanhamento e o apoio individual diário de assistentes operacionais – auxiliares de ação educativa – contribuem para o desenvolvimento nas crianças com perturbação do espectro do autismo em educação pré-escolar, de acordo com a perceção dos educadores de infância, professores de educação especial e assistentes operacionais. Os objetivos do estudo são descrever as ações de assistentes operacionais para com as crianças com autismo em salas de educação pré-escolar, identificar a necessidade de assistentes operacionais no acompanhamento e apoio para com crianças com autismo em educação pré-escolar, analisar o contributo de assistentes operacionais no desenvolvimento das crianças com autismo em educação pré-escolar, de acordo com a perceção dos educadores de infância, professores de educação especial e assistentes operacionais e valorizar a função de assistente operacional no acompanhamento e apoio individual da criança com autismo em salas de educação pré-escolar. A metodologia utilizada seguiu uma abordagem qualitativa, considerando-se um estudo de caso, em que se utilizou a pesquisa qualitativa e inquéritos por entrevista, mais especificamente, entrevistas semiestruturadas. A recolha de dados foi realizada em escolas de educação pré-escolar, ao pessoal docente e não docente, que se encontrava em interação com as crianças com perturbação do espectro do autismo, pertencentes a um agrupamento da Região Centro de Portugal. Os resultados do estudo demonstram que as assistentes operacionais - auxiliares de ação educativa -, realizam trabalho de acompanhamento e auxílio a todas as crianças numa vertente evolutiva da autonomia e independência das crianças. Quando têm o papel de assistente de acompanhamento e apoio individual a crianças com perturbação do espectro do autismo trabalham em parceria com os educadores de infância e o docente de educação especial. É analisado a necessidade destes profissionais na resposta às particularidades das crianças com autismo, principalmente quando

pertencentes a grupos numerosos. Também se verificou que a presença deste profissional de apoio individual transmite segurança e confiança, é essencial em momentos do dia-a-dia, contribui na socialização e no auxílio em atividades externas. Os participantes do estudo demonstram relevância ao ter estes profissionais ao seu lado no trabalho de educação e intervenção com as crianças com perturbação do espectro do autismo, destacando-se a importância de formação específica e perfil adequado.

Palavras-chave

Autismo, Acompanhamento, Assistente Operacional, Educação Pré-Escolar, Educação Especial.

ABSTRACT

This report entitled "Monitorization and daily individual support for children with autism in pre-school education" is part of the Master's program in Special Education - Cognitive-Motor Domain, at the School of Education and Social Sciences of the Polytechnic Institute of Leiria. The study aims to understand how the daily monitorization and individual support by educational assistants contributes to the development of children with autism spectrum disorder in pre-school education, according to the perceptions of kindergarten teachers, special education teachers and educational assistants. The objectives of the study are to describe the actions of operational assistants towards children with autism in pre-school classrooms, to identify the need for operational assistants in monitoring and supporting children with autism in pre-school education, to analyze the contribution of operational assistants in the development of children with autism in pre-school education, according to the perception of kindergarten teachers, special education teachers and operational assistants and to highlight the role of operational assistants in monitoring and supporting individual children with autism in pre-school classrooms. The methodology used followed a qualitative approach, considering it a case study, in which qualitative research and interview surveys were used, more specifically semi-structured interviews. Data was collected both from teaching and non-teaching staff who interacted with children with autism spectrum disorder in pre-schools in a school group in the Centre Region of Portugal. The results of the study show that the educational assistants work to accompany and help all the children in an evolving aspect of the children's autonomy and independence. When they work as an individual support assistant for children with autism spectrum disorder, they work in partnership with the kindergarten teachers and the special education teacher. The need for these professionals to respond to the particularities of children with autism is analyzed, especially when they belong to large groups. It was also found that the presence of this professional that provides individual support transmits security and confidence, is essential in everyday moments, contributes to socialization and helps with external activities. The participants in the study emphasize the importance of having these professionals at

their side in the work of educating and intervening with children with autism spectrum disorder, highlighting the importance of specific training and an appropriate profile.

Keywords

Autism, Monitorization, Operational Assistant, Pre-School Education, Special Education.

ÍNDICE GERAL

Agradecimentos	ii
Resumo	iii
Abstract.....	v
Índice Geral	vii
Abreviaturas.....	xi
Introdução.....	1
Capítulo I - Enquadramento Teórico	2
1. Perturbação do Espectro do Autismo	2
1.1 História, definições e características	2
1.2 Caracterização em crianças dos 3 aos 6 anos	5
2. Desenvolvimento Infantil	7
2.1 Domínios do desenvolvimento	7
2.2 Desenvolvimento em crianças dos 3 aos 6 anos.....	7
3. Educação Pré-Escolar	9
3.1 Caracterização e objetivos	9
3.2 Papel do educador de infância e do assistente operacional	10
3.3 Inclusão na Educação Pré-Escolar.....	11
4. Educação Especial	17
4.1 Conceito.....	17
4.2 Docente de educação especial	18
4.3 O autismo na educação especial	19
4.4 A intervenção precoce	19
5. Assistente Operacional	22
5.1 Evolução histórica do assistente operacional	22
5.2 A importância do assistente operacional no contexto escolar e na inclusão	25

5.3.1 O acompanhamento e apoio individual diário em crianças com perturbação do espectro do autismo	27
Capítulo II - Metodologia.....	34
1. Questão de investigação e Objetivos	34
2. Tipo de Estudo.....	35
3. Recolha de Dados	36
4. Análise de Dados	37
Capítulo III - Apresentação e Discussão dos Resultados	40
1. Formação	40
1.1 Formação Inicial	40
1.2 Formação inicial com conteúdo sobre Necessidades Educativas Específicas..	41
1.3 Formação em Educação Especial	41
2. Experiência	42
2.1 Experiência com crianças com PEA.....	42
3. Dificuldades.....	44
3.1 Dificuldades ao trabalhar com a(s) criança(s) com PEA.....	44
4. Acompanhamentos e apoios	46
4.1 Acompanhamentos e apoios na criança com PEA	46
4.2 Apoios e recursos necessários	47
4.3 Acompanhamentos e apoios que acrescentaria	49
5. Importância da assistente operacional de apoio individual	50
5.1 Benefícios no desenvolvimento da criança com PEA.....	50
5.2 Importância do acompanhamento a apoio individual.....	55
5.3 Influência no desenvolvimento psicomotor, psicossocial, cognitivo, linguagem e comunicação	57
6. Requisitos essenciais	60
6.1 Requisitos essenciais da assistente operacional de apoio individual.....	60
Conclusões.....	63

Referências Bibliográficas.....	67
Anexos	1
Anexo I – Pedido à Direção-Geral da Educação	1
Anexo II - Pedido de Autorização à Direção.....	3
Anexo III – Pedido de Autorização aos Participantes	6
Anexo IV - Nota Metodológica entregue à Direção-Geral Da Educação	9
Anexo V - Declaração da Orientadora (Entregue à Direção-Geral Da Educação)	11
Anexo VI – Resultado do Pedido Realizado à Direção-Geral Da Educação	12
Anexo VII – Guião da Entrevista aos Educadores de Infância	14
Anexo VIII - Transcrição Completa da Entrevista à Educadora de Infância 1	16
Anexo IX - Grelha de Análise de Conteúdo da Entrevista à Educadora de Infância 1	29
Anexo X - Transcrição Completa da Entrevista à Educadora de Infância 2	34
Anexo XI - Grelha de Análise de Conteúdo da Entrevista à Educadora de Infância 2	43
Anexo XII - Guião da Entrevista aos Professores de Educação Especial	46
Anexo XIII - Transcrição Completa da Entrevista à Professora de Educação Especial	48
Anexo XIV - Grelha de Análise de Conteúdo da Entrevista à Professora de Educação Especial.....	54
Anexo XV - Guião da Entrevista aos Assistentes Operacionais, Auxiliares de Ação Educativa, de Sala.....	58
Anexo XVI - Transcrição Completa da Entrevista à Assistente Operacional 1	60
Anexo XVII - Grelha de Análise de Conteúdo da Entrevista à Assistente Operacional 1	65
Anexo XVIII – Transcrição Completa da Entrevista à Assistente Operacional 2.....	68
Anexo XIX - Grelha de Análise de Conteúdo da Entrevista à Assistente Operacional 2	78
Anexo XX - Transcrição Completa da Entrevista à Assistente Operacional 3	84

Anexo XXI - Grelha de Análise de Conteúdo da Entrevista à Assistente Operacional 3	90
Anexo XXII - Transcrição Completa da Entrevista à Assistente Operacional 4.....	93
Anexo XXIII - Grelha de Análise de Conteúdo da Entrevista à Assistente Operacional 4	98
Anexo XXIV - Transcrição Completa da Entrevista à Assistente Operacional 5....	101
Anexo XXV - Grelha de Análise de Conteúdo da Entrevista à Assistente Operacional 5	109
Anexo XXVI - Guião da Entrevista aos Assistentes Operacionais, Auxiliares de Ação Educativa, de Apoio Individual	112
Anexo XXVII - Transcrição Completa da Entrevista à Assistente Operacional de Apoio Individual.....	114
Anexo XXVIII - Grelha de Análise de Conteúdo da Entrevista à Assistente Operacional de Apoio Individual	123

ABREVIATURAS

AAA - Auxiliares de Apoio à Aprendizagem

AAAF – Atividades de Animação e Apoio à Família

AAE – Auxiliares de Ação Educativa

AENEEI – Agência Europeia para as Necessidades Especiais e a Educação Inclusiva

APA – American Psychiatric Association

AO – Assistente(s) Operacional(is)

AO1 – Assistente Operacional 1

AO2 – Assistente Operacional 2

AO3 – Assistente Operacional 3

AO4 – Assistente Operacional 4

AO5 – Assistente Operacional 5

AOApoio – Assistente Operacional de Apoio Individual

CAA – Centro de Apoio à Aprendizagem

CNE – Conselho Nacional da Educação

DGE – Direção-Geral da Educação

DSM-5 – Manual de Diagnóstico e Estatístico das Perturbações Mentais – 5

EE – Educação Especial

EI1 – Educadora de Infância 1

EI2 – Educadora de Infância 2

EPEI – Educação Pré-Escolar Inclusiva

EUA – Estados Unidos da América

IGEC – Inspeção-Geral da Educação e Ciência

IPI – Intervenção Precoce na Infância

NEE – Necessidades Educativas Específicas

OCDE – Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Económico

PEA – Perturbação do Espectro do Autismo

ProfEE – Professora de Educação Especial

SNA – Special Needs Assistant

SNIPI – Sistema Nacional de Intervenção Precoce na Infância

TAD – Trabalhadores de Apoio à Deficiência

INTRODUÇÃO

O presente relatório surge no âmbito do Mestrado de Educação Especial – Domínio Cognitivo-Motor, da Escola Superior de Educação e Ciências Sociais do Instituto Politécnico de Leiria, que se realizou nos anos letivos de 2021/22 e 2022/23.

O trabalho proveio, principalmente, da inspiração da vida pessoal, onde o meu irmão com autismo ofereceu a capacidade de empatia, observação e curiosidade para conhecer o mundo da perturbação do espectro do autismo (PEA). Também adveio da vida profissional, em que se observou as dificuldades sentidas, por parte das profissionais da educação, na intervenção e acompanhamento das crianças com PEA em educação pré-escolar. Também foi observado que a presença de um adulto no apoio individual e diário poderia melhorar o desempenho e, por sua vez, promover o desenvolvimento da criança. Proveio, ainda, da experiência profissional vivenciada no papel de assistente individual a uma criança com PEA e pela perceção da evolução notória da criança. Todos estes fatores foram as principais razões para surgir o presente trabalho.

Os objetivos do presente estudo são descrever as ações de assistentes operacionais (AO) para com as crianças com autismo em salas de educação pré-escolar, identificar a necessidade de AO no acompanhamento e apoio para com crianças com autismo em educação pré-escolar, analisar o contributo de AO no desenvolvimento das crianças com autismo em educação pré-escolar, de acordo com a perceção do(a) educador(a) de infância, professor(a) de educação especial (EE) e assistente(s) operacional(ais) e valorizar a função de AO no acompanhamento e apoio individual da criança com autismo em salas de educação pré-escolar.

A estrutura do relatório é dividida em cinco partes. Inicia-se com a presente introdução e segue-se para o capítulo I, enquadramento teórico, que se divide em cinco temas: perturbação do espectro do autismo; desenvolvimento infantil; educação pré-escolar; educação especial; assistente operacional. O capítulo II, metodologia, apresenta-se os métodos de recolha e análise de dados. O capítulo III, expõem-se a apresentação e discussão de resultados, interpreta-se e descreve-se os resultados obtidos, divididos por categorias e subcategorias, sendo feita uma relação direta com a literatura existente sobre o tema. Por fim, são apresentadas as conclusões do trabalho realizado, com o seguimento da bibliografia e respetivos anexos.

CAPÍTULO I - ENQUADRAMENTO TEÓRICO

“Toda a teoria deve ser feita para poder ser posta em prática, e toda a prática deve obedecer a uma teoria ... a teoria e a prática complementam-se. Foram feitas uma para a outra” (Fernando Pessoa, 1926 como citado em Carvalho et al., 2016, p.33)

O primeiro capítulo é dedicado ao enquadramento teórico, o qual se subdivide em cinco partes. Inicia-se com a apresentação da PEA, em segundo o desenvolvimento infantil, em terceiro aborda-se a educação pré-escolar, seguindo-se uma abordagem à EE. Por último é abordado o papel do AO.

1. PERTURBAÇÃO DO ESPETRO DO AUTISMO

“Há trinta anos, todos sabíamos o que era o autismo. Pessoas perdidas, vagueando no seu mundo interior, com dificuldades cognitivas marcadas, capacidades linguísticas quase nulas e movimentos repetitivos e estereotipados.” (Antunes, 2018, p.117)

Nesta primeira parte é apresentada a história por detrás da PEA, as suas definições, características associadas a esta perturbação e, no final, realiza-se uma caracterização da PEA em crianças dos 3 aos 6 anos de idade.

1.1 HISTÓRIA, DEFINIÇÕES E CARACTERÍSTICAS

A história conta que, no início dos anos 40 do século passado, Hans Asperger chamou de autistas um grupo de rapazes, num artigo publicado numa revista médica alemã. Já Leo Kanner foi reconhecido com o seu artigo em inglês onde descreveu o autismo num quadro clínico mais grave. Ambos trabalharam em internatos para crianças “deficientes”, pois nesta altura não existiam escolas inclusivas. Mas Kanner, ao emigrar para os Estados Unidos da América (EUA) e ao ser um conferencista reputado, conseguiu a visibilidade que fez a palavra “autismo” ter até hoje. Apesar disso, o trabalho de Asperger não foi totalmente em vão pois ainda foi voltado a ser “falado” pela psiquiatra britânica Lorna Wing que reconheceu esse grupo de rapazes autistas (que o autor Hans Asperger descreveu) como não satisfazendo os critérios de autismo e, por isso, foi a primeira a utilizar o termo Síndrome de Asperger (SA) (Antunes, 2018).

Sabemos hoje que o termo SA deixou de ser utilizado após a publicação do Manual de Diagnóstico e Estatístico das Perturbações Mentais – 5 (DSM-5). A nova designação

passou a ser PEA onde o mesmo caracteriza esta perturbação como “défices persistentes na comunicação social e interação social transversais a múltiplos contextos” (American Psychiatric Association [APA], 2014, p. 57) onde o indivíduo manifesta

1. Défices na reciprocidade social-emocional ... aproximação social anormal e fracasso na conversação normal ... partilha reduzida de interesses, emoções ou afeto ... fracasso em iniciar ou responder a interações sociais.
2. Défices nos comportamentos comunicativos não verbais usados para a interação social ... uma comunicação verbal e não-verbal pobremente integrada ... anomalias no contacto ocular e linguagem corporal ou défices na compreensão e uso de gestos ... total falta de expressões faciais.
3. Défices em desenvolver, manter e compreender relacionamentos ... dificuldades em ajustar o comportamento de forma a adequar-se aos contextos sociais ... dificuldades em partilhar jogos imaginativos ou fazer amigos ... ausência de interesse nos pares (APA, 2014, p. 57).

Para além disto, a PEA é caracterizada, também, como “padrões restritos e repetitivos de comportamento, interesses ou atividades” (APA, 2014, p. 58) que poderão se manifestar por pelo menos dois dos seguintes padrões:

1. Movimentos motores, uso de objetos ou fala estereotipados ou repetitivos (por exemplo, estereotipias motoras simples, alinhar brinquedos ou sacudir objetos, ecolalia, frases idiossincráticas).
2. Insistência na monotonia, adesão inflexível a rotinas ou padrões ritualizados de comportamento verbal ou não verbal (por exemplo, angústia extrema com pequenas mudanças, dificuldades com transições, padrões de pensamento rígidos,

rituais de cumprimento, necessidade de fazer o mesmo percurso ou comer a mesma comida todos os dias).

3. Interesses altamente restritos e fixos, que são anormais na intensidade ou foco (por exemplo, ligação forte ou preocupação com objetos incomuns, interesses excessivamente circunscritos ou perseverantes).

4. Hiper ou hiporreatividade a estímulos sensoriais ou interesse incomum por aspetos sensoriais do ambiente (por exemplo, indiferença aparente à dor/temperatura, respostas adversas a sons ou texturas específicas, tocar ou cheirar objetos excessivamente, fascinação visual com luzes ou movimento) (APA, 2014, p. 58).

As pessoas com PEA, de forma geral, têm dificuldades de comunicação e de interação com os outros. Há possibilidade de, numa conversa, realizarem comentários ou observações pouco apropriadas. Também interpretam exatamente o que ouvem, não entendem ironias ou palavras contraditórias. Têm dificuldade em interpretar a comunicação não verbal e criar laços de amizade facilmente. São, normalmente, pessoas que seguem à risca a sua rotina diária e que não conseguem lidar bem com as mudanças ou imprevistos. São fixados e/ou preocupados com certos temas, ideias ou objetos (Vicente et al., s.d.).

As PEA apresentam três níveis de gravidade diferentes. No nível 3, o mais grave, a pessoa com PEA necessita de um apoio muito considerável. No nível 2, grau médio, a pessoa precisa de um apoio considerável. No nível 1, grau mais baixo, a pessoa precisa de apoio, mas menos considerável que o anterior (APA, 2014).

Algumas diferenças no cérebro das pessoas com PEA ajudam a perceber alguns dos comportamentos invulgares que observamos nestas. As partes do cérebro que se mostram afetadas são o cerebelo, onde se desenvolve a atenção e a motricidade, a amígdala, onde se desenvolve a emoção, partes do lobo temporal, onde se desenvolve a linguagem e a

perceção social, e o córtex pré-frontal, onde se desenvolve a atenção, o planeamento, o pensamento abstrato e o comportamento social (Sally & Geraldine, 2014).

Segundo a APA (2014), as características do autismo devem existir desde o início do desenvolvimento, embora possam não se tornar totalmente evidentes até que haja interações sociais que ultrapassem as suas capacidades ou até poderem ser disfarçadas com estratégias aprendidas e serem reveladas mais tarde. Para além disto, têm um impacto negativo clinicamente considerável no funcionamento social, ocupacional ou noutras áreas relevantes do funcionamento. É de salientar, ainda, que é habitual nas pessoas com PEA apresentarem incapacidade intelectual pois as duas coexistem frequentemente.

Em suma, Antunes (2018) afirma que a PEA inclui a dificuldade na interação social, dificuldade na comunicação verbal e não verbal, dificuldade em criar empatia, gestos, sons ou atividades repetitivas, interesse e fixação por determinados temas, jogos ou objetos, rigidez cognitiva o que faz com que tenha dificuldade em encontrar estratégias alternativas para a resolução de um problema, ansiedade e aflição nos imprevistos ou nas situações que não consegue controlar, hipersensibilidade aos estímulos sensoriais, como sons, cheiros, luz ou texturas e desajeitamento motor.

1.2 CARACTERIZAÇÃO EM CRIANÇAS DOS 3 AOS 6 ANOS

O diagnóstico de PEA teve uma evolução excepcional. Houve um grande aumento dos instrumentos de avaliação, dos estudos de investigação e da experiência clínica. A divulgação realizada nos meios de comunicação fez com que a população em geral, principalmente pais e educadores, começassem a ficar mais atentos aos sinais existentes (Antunes, 2018). Para além disso, nas últimas décadas o conhecimento de como os bebés e as crianças aprendem, ampliou. Os sinais da PEA revelam-se, frequentemente, antes do primeiro ano de idade (Sally & Geraldine, 2014).

Vicente et al. (s.d.) diz-nos que as características da PEA estão presentes na criança desde cedo durante o desenvolvimento da criança, mas, normalmente, é mais notório quando a criança apresenta atraso na linguagem. Existem diversos sinais que podemos observar na criança desde cedo, tais como, a falta de sorrisos e de outras expressões (a partir dos 6 meses), a falta de comunicação como vocalizações, sorrisos ou outras expressões faciais (9 meses), a falta de imitar sons idênticos à fala (12 meses), a falta da troca visual e de gestos como apontar, mostrar, dizer adeus (12 meses), a falta de palavras (16 meses) e a

falta de frases com duas palavras perceptíveis, não incluindo imitações ou repetições (2 anos).

Quando chegam aos 4 ou 5 anos é quando, normalmente, os pais procuram um psicólogo devido aos comportamentos da criança, muitas vezes alertados pelos educadores de infância. A criança apresenta dificuldade na adaptação escolar, não se interessa pelas atividades em grupo, refugia-se e brinca sozinho, tem fascínio por certos brinquedos e brinca com eles de forma incomum. Não sabe brincar ao faz de conta, não aceita mudanças, como mudar a forma que se conta uma história ou ir por outro caminho diferente, tem birras frequentes e difíceis de serem controladas. Tem o hábito de caminhar em “bicos dos pés” e, por vezes, abana as mãos, o chamado “flapping”. Não aprecia abraços nem outro tipo de contactos físicos ou, por vezes, apresenta o comportamento inverso, mostra afeto excessivo até a desconhecidos. Também é nesta idade que se observa a hipersensibilidade auditiva, onde é notório o incómodo a variados sons, a sensibilidade a texturas de roupa, tem o olfato apurado, gostando de cheirar a comida antes de a consumir, e, ainda, pode apresentar sensibilidade à luz. Também é comum observar-se que a criança, nesta idade, demonstra medos inexplicáveis e incomuns e são resistentes ao frio e à dor (Antunes, 2018).

Segundo Sally e Geraldine (2014), a primeira infância é um período de grandes mudanças e a capacidade de aprendizagem é rápida. Por isso, as crianças que tenham sofrido algum tipo de lesão cerebral têm, com frequência, uma evolução e recuperação fantástica se for proporcionada uma estimulação e intervenção precoce. “Precisamos de aproveitar a enorme plasticidade do período infantil para minimizarmos as incapacidades que muitas vezes caracterizam as PEA” (p. 1). O desenvolvimento social e a linguagem são as primeiras áreas a serem afetadas nas PEA. Em diversas crianças, também o sistema motor está sujeito a ser afetado. Outros estudos onde as crianças manifestaram sintomas de autismo mais tarde mostram que as crianças ficam menos tempo a olhar para outras pessoas, são menos sensíveis quando alguém chama o seu nome e não desenvolvem gestos básicos como apontar, que são importantes para o desenvolvimento da linguagem.

2. DESENVOLVIMENTO INFANTIL

«O desenvolvimento não é linear, ele é feito por “degraus”» (Caeiro e Correia, 2021, p.16) sendo, por isso, a segunda parte do primeiro capítulo dedicado ao desenvolvimento infantil. Nesta parte são apresentados os domínios do desenvolvimento e o desenvolvimento em crianças dos 3 aos 6 anos.

2.1 DOMÍNIOS DO DESENVOLVIMENTO

Papalia e Martorell (2021) demonstram-nos que os cientistas estudam o desenvolvimento em três domínios. Os domínios físico, cognitivo e psicossocial. No desenvolvimento físico, estudam-se e observam-se alterações corporais e do cérebro, as capacidades sensoriais, as habilidades e a saúde. No desenvolvimento cognitivo é onde está a aprendizagem, atenção, memória, linguagem, pensamento, raciocínio e criatividade. E, por último, o desenvolvimento psicossocial é onde se encontram as emoções, a personalidade e as relações sociais.

Segundo Caeiro e Correia (2021), as mudanças do desenvolvimento ocorrem gradualmente. A nível físico desenvolvem-se as capacidades sensoriais e as habilidades motoras. A nível cognitivo desenvolvem-se a aprendizagem, a linguagem, a memória, o pensamento, o desenvolvimento moral e a criatividade. A nível psicossocial, desenvolvem-se o temperamento, o envolvimento e as interações sociais. A primeira infância é considerada a fase mais importante na formação da criança pois é nesta etapa que são estruturadas as bases do desenvolvimento e da personalidade. O indivíduo evolui muito a vários níveis: físico, sensorial e perceptivo. As habilidades emocionais, intelectuais e sociais desenvolvem-se e a linguagem e outras formas de se expressar (cantar, pintar, chorar, dançar, ...) são demonstradas. Estes diferentes domínios são conquistados e esperados para estas idades em crianças consideradas típicas.

2.2 DESENVOLVIMENTO EM CRIANÇAS DOS 3 AOS 6 ANOS

Na vida da criança, os primeiros três anos de idade são uma fase crítica e sensível onde esta apresenta uma sensibilidade imensa ao ambiente ao seu redor. Este período é uma grande oportunidade para a criança aprender e desempenhar um papel fundamental na modelagem da estrutura e função do seu cérebro (Fox et al., 2010 como citado em Carvalho et al., 2016).

Antunes (2018) refere que os primeiros cinco anos de vida, principalmente os primeiros três, são importantes para a organização do cérebro, pois nesta fase os ganhos no desenvolvimento são realizados a um ritmo impressionante e todos os estímulos são essenciais para que a criança desenvolva o melhor possível o seu potencial.

As crianças entre os 3 e os 6 anos crescem muito rapidamente, mas menos rapidamente que na fase anterior. Por volta dos 3 anos, as crianças começam a perder a sua redondeza infantil e começam a ter uma estrutura atlética da infância. A barriga contrai-se, ao longo do crescimento dos músculos abdominais, e o tronco, braços e pernas crescem cada vez mais. Os ossos tornam-se mais duros e protegem os órgãos internos. A variada mudança corporal nesta fase da infância conduz a que se promova o desenvolvimento das habilidades motoras da criança (Papalia & Martorell, 2021).

No desenvolvimento cognitivo, segundo as teorias de Piaget, a fase entre os 3 e os 6 anos é chamada pré-operacional e descrita como um período egocêntrico. Os marcos mais notórios desta fase são a criança brincar com brinquedos móveis e com botões, começa a fazer puzzles, copia círculos, brinca ao faz de conta, distrai-se com facilidade, constrói torres pequenas, faz perguntas e reconhece até seis cores. Já por volta dos 5 anos, a criança já copia outras figuras geométricas, como triângulos, tem noção dos opostos, compreende regras de jogos, tem interesses mais específicos e tem um maior foco e atenção nas tarefas (Antunes, 2018).

Por fim, é importante lembrar que o desenvolvimento infantil “is a complex and tangled web of multiple influences, and understanding these influences requires thinking carefully about their interactions” (Papalia & Martorell, 2021, p.4).

3. EDUCAÇÃO PRÉ-ESCOLAR

Na terceira parte aborda-se a caracterização e os objetivos da educação pré-escolar e apresenta-se o papel do educador de infância e do AO.

3.1 CARACTERIZAÇÃO E OBJETIVOS

A educação pré-escolar é destinada a crianças dos três anos até à idade de entrada no ensino básico. É a primeira fase da educação básica onde é oferecida à criança formação para um desenvolvimento equilibrado, para uma vivência autónoma, livre e solidária em sociedade. Apesar da educação pré-escolar não ser obrigatória, pois cabe à família, em primeiro, a educação dos seus filhos, o Estado contribui ativamente na oferta deste serviço às famílias. Nestes estabelecimentos devem existir atividade de cariz educativo e de apoio à família e que contribuam para o desenvolvimento da criança (Lei n.º 5/97, 1997).

É uma vertente onde se desenvolvem as primeiras aprendizagens e tem um papel fundamental na promoção de igualdade de oportunidades, principalmente para as crianças onde a família está mais afastada da escola. Essa contribuição depende de cada espaço educativo e do modo em que identifica e aprecia as características únicas e individuais de cada criança, respeitando e dando resposta às diferenças, realizando um verdadeiro trabalho de inclusão em grupo (Silva et al., 2016).

O processo de aprendizagem acontece na interação permanente entre as motivações da criança, as suas sugestões e as intervenções do educador, que normalmente têm em atenção o que a criança já sabe e/ou é capaz de fazer. Para além de que, o educador também deve favorecer a relação e interação entre as crianças (Oliveira et al., 2021).

Segundo a Lei n.º 5/97 (1997), são objetivos da educação pré-escolar promover o desenvolvimento pessoal e social da criança no desenvolvimento da educação para a cidadania, proporcionar a inclusão da criança, cooperar para a igualdade de oportunidades, tanto no acesso à escola como para o sucesso das variadas aprendizagens, estimular e despertar o desenvolvimento global de cada criança, respeitando as suas particularidades como um ser único, fortalecer a expressão e a comunicação, promover e estimular a curiosidade e o pensamento crítico, oferecer à criança condições de bem-estar e de segurança, remover quaisquer inadaptações, oferecendo uma melhor direção e

orientação à criança, convidar as famílias a participar no processo educacional e criar relações com a comunidade.

A escola, na educação pré-escolar, é um espaço de socialização e interação onde a aprendizagem resulta das vivências familiares e das experiências de relação. Este processo educativo acontece num determinado espaço e tempo onde a criança tem ao seu dispor diversos materiais e promove a inserção e interação da criança com o grupo onde se encontra, tanto com as outras crianças, como também, com os adultos (Silva et al., 2016).

Para a criança, que é um ser individual e vive numa sociedade, também a aprendizagem deve ser individual e coletiva. No individual, consoante as suas estruturas cognitivas, características, interesses e motivações e no coletivo, na interação com o outro e o meio. E a escola tem uma função social que permite às crianças um desenvolvimento e aprendizagem nas suas habilidades sociais durante as interações. A educação de infância apresenta-se como uma educação centrada na criança, ou seja, capaz de captar a sua essência e sua individualidade promovendo a sua envolvência e a sua participação, possibilitando que sejam, um dia, adultos capazes de partilhar, interagir socialmente, serem proativos e dinâmicos (Oliveira et al., 2021).

3.2 PAPEL DO EDUCADOR DE INFÂNCIA E DO ASSISTENTE OPERACIONAL

O educador de infância, como profissional responsável pelo desenvolvimento e aprendizagem das crianças, tem a obrigação de criar espaços inclusivos e promover práticas educativas diferenciadas que consigam atingir todas as crianças do grupo e a cada uma individualmente, tendo em conta, na sua ação, intervenção, finalidades e objetivos, as particularidades e individualidades de cada criança (Caeiro & Correia, 2021).

Para bons educadores de infância, todas os momentos com a criança são válidos para promover o desenvolvimento e educação, ou seja, usufruem dos tempos de brincar livre, atividades indicadas pelos adultos ou até mesmo rotinas do dia-a-dia para observar a criança, moderar as relações e implementar o processo educativo promovendo regras e princípios. Para além disso, bons profissionais dão atenção às características únicas e individuais da criança, respeitando o seu percurso, as suas necessidades e particularidades e atuam de forma a atingir da melhor forma cada uma delas (Oliveira et al., 2021).

O trabalho de equipa neste contexto também deve ser tido em conta e, por isso, as reuniões de equipa entre educador, AO, animadores de Atividades de Animação e Apoio à Família (AAAF) e outros profissionais (como o professor de EE), que trabalhem com o mesmo grupo de crianças, devem ser frequentes para que haja uma ação e intervenção articulada entre todos. Esta dinâmica é essencial e indispensável (Silva et al., 2016).

Cabe aos AO auxiliar toda a preparação das atividades socioeducativas no estabelecimento escolar incluindo, também, outros serviços especializados. Para além disto, estes profissionais devem cooperar com a intervenção educativa, conforto e proteção de todas as crianças, contribuir para a salvaguarda dos espaços e materiais da escola e ser dedicado nas formações em que participa. Também cabe aos AO apoiar, com os restantes profissionais existentes, a perceção de casos com qualquer escassez de bens essenciais que sejam necessários identificar e intervir, respeitando sempre o sigilo profissional (Decreto-Lei n.º 515/99, 1999).

De acordo com o Decreto-Lei n.º 184/2004 (2004), o AO é denominado, também, como pessoal não docente, tem como funções cooperar na educação, formação, conforto e proteção das crianças, organizar os espaços educativos e certificar a normal execução das aulas, participar na intervenção educativa com os restantes membros, preservar os espaços escolares, sugerir melhorias, comparecer e empenhar-se em ações de formação, colaborar com os membros escolares na identificação ou intervenção imediata de determinadas situações, garantir a confidencialidade de informações e incluir culturas diversificadas existentes no meio escolar.

3.3 INCLUSÃO NA EDUCAÇÃO PRÉ-ESCOLAR

Todas as crianças têm o direito de ter acesso à educação e de ter a possibilidade de adquirir aprendizagem. Todas elas têm particularidades, desejos, gostos, aptidões e carências diferentes, mas, cabe aos estabelecimentos escolares, ao preparar e planear as suas intervenções, ter em conta as individualidades das crianças (UNESCO, 1998).

A prioridade do governo e do ministério da educação foi a inclusão na escola onde houvesse a possibilidade de todas as crianças e jovens, seja quais fossem as situações sociais ou pessoais, tenham, na vertente educativa, a resposta para a possibilidade de adquirirem educação e formação para a inclusão e inserção na sociedade (Decreto-Lei n.º 54/2018, 2018).

Segundo Silva et al. (2016), para haver inclusão de todos os alunos deverá existir uma forma diferenciada de implementar a educação e formação e sempre tendo em conta o seu desenvolvimento, que possam corresponder às particularidades únicas e individuais da criança. Para além disto, a interação em grupo entre as crianças faz que estas aprendam e se desenvolvam umas com as outras, para além das intervenções e ações do educador. Por isso, todo o planeamento realizado pelo mesmo, deve ser diferenciado e modificado com base na dinâmica do grupo, de forma a oferecer a todos intervenções estimulantes para o seu crescimento, desenvolvimento e aprendizagem, proporcionando, também, bem-estar, autoestima e segurança.

Neste sentido, cabe a cada instituição reconhecer a diversidade e individualidade dos seus alunos e encontrar recursos e meios para lidar com essa diferença. Assim, as escolas devem identificar quais são as barreiras que os alunos enfrentam no processo de aprendizagem e procurar estratégias para as enfrentar de modo que a criança consiga chegar ao melhor das suas potencialidades e adaptar o ensino às particularidades individuais de cada um, e procurando formas para que todos aprendem e colaborem na vertente educativa (Decreto-lei n.º 54/2018, 2018).

Na educação pré-escolar, as salas devem ser constituídas, no máximo, por 25 crianças e, no mínimo, por 20 crianças (Decreto-Lei n.º 147/97, 1997). Este mínimo de crianças pode ser abrangido quando é reconhecida uma medida de acesso à aprendizagem e à inclusão, para que se realize a devida integração e inclusão da criança. É de salientar que não se pode exceder duas situações destas. A diminuição deste número é realizada dependente do acompanhamento das crianças no grupo, pelo menos 60% do tempo curricular (Despacho Normativo n.º 10-A/2018, 2018).

Segundo a Agência Europeia para as Necessidades Especiais e a Educação Inclusiva (AENEEI) (2014), na maior parte dos países europeus é implementado algum tipo de planeamento de apoio, de educação ou de aprendizagem individual. Existem diversas formas de apoiar as crianças com necessidades educativas específicas (NEE) na comunicação, como símbolos, língua gestual ou braille.

Segundo Sally e Geraldine (2014), as intervenções e interações de aprendizagem individualizadas é a chave para a participação sucessiva da criança em grupo. O adulto terá de ter uma intervenção animada para que as crianças participem na maior parte da

atividade a decorrer. Uma criança que se apresenta desatenta ou que está distraída com outros comportamentos desapropriados está a dar o sinal de que não lhe estão a dar as oportunidades suficientes para participar ativamente pois não lhe foram dados objetos ou atividades que a motivem ou até que a atividade pode não ter sido criada ou implementada de forma que a criança participe.

"Observar e envolver-se no brincar das crianças, sem interferir nas suas iniciativas, permite... conhecer melhor os seus interesses, encorajar e colocar desafios às suas explorações e descobertas" (Silva et al., 2016, p.11).

Para que a educação pré-escolar seja inclusiva, as crianças têm a possibilidade de usar as suas habilidades, escolher o que pretendem, principalmente nas brincadeiras, usar a sua própria curiosidade, espontaneidade e auto-orientação, expressar interesses e objetivos, participar na resolução de conflitos e serem motivadas para participar em atividades de grande relevância em conjunto com o seu grupo. Assim, as crianças são valorizadas e acolhidas no seio escolar onde têm interações positivas com os adultos e os seus pares. Cada criança tem particularidades individuais e, por isso, é necessário prestar atenção ao desenvolvimento de cada uma. Isso irá permitir que todos(as) os(as) alunos(as) sejam reconhecidos, para além do seu desempenho, como crianças ativas e participantes dentro do seu grupo e recebam o auxílio e apoio necessário para conseguirem desenvolver-se (AENEEL, 2017).

Para melhorar a participação das crianças com PEA em grupo, são apresentadas algumas técnicas de intervenção. Dar a possibilidade de a criança escolher atividades que tenham significado para si (e também para as restantes presentes), como músicas que estejam acostumadas, jogos com movimentação, atividades com ritmo e atividades em que haja demonstração e contagem que envolvam a passagem de materiais pelo grupo. Na linguagem e comunicação, estes hábitos precisam de ser acompanhadas por outros apoios, caso a mesma não compreenda a linguagem, como por exemplo fotos, símbolos, ou outro tipo de apoios mais reais e que tenham significado para a criança. Também é importante colocar a criança em frente do educador de infância, perceber se a atividade faz sentido para a criança e reforçar com materiais desejados. É essencial realizar atividades de grupo que a criança já participa. As atividades devem ser curtas, proporcionar oportunidades de interação e participação frequentes, devem ser interessantes e motivadoras (com movimento e manipulação de objetos) e as crianças devem ser chamadas e apoiadas para

participarem (Sally & Geraldine, 2014). Para além disto, Caeiro e Correia (2021) lembram que é importante conceber que as crianças ao relacionarem e experienciarem interações e aprendizagens com outras crianças tenham como hipótese evoluírem no seu desenvolvimento.

Segundo a investigação de Novais (2017), que aborda estratégias de inclusão na educação pré-escolar para PEA, mostra-nos que os participantes, nomeadamente educadores de infância, relatam que, ao trabalhar com crianças com PEA é bom ver a evolução deles mas, têm como obstáculo, o facto de terem presentes em sala 25 crianças para dois adultos, um educador de infância e um AO. Ainda é possível perceber que as crianças com PEA requerem uma atenção maior por parte dos adultos, para além de ser desafiante. Para acrescentar é referido que a formação dos profissionais que trabalham diretamente com as crianças com PEA não é suficiente e que devia haver um acompanhamento especializado ou individualizado para a criança com PEA, sendo que os grupos referidos são muito grandes para tão poucos adultos. Se existisse um recurso humano para a criança com PEA seria possível a inclusão, pois requer muito mais trabalho, atenção e foco. A intervenção realizada pelas equipas locais de intervenção precoce é positiva, mas é insuficiente, pois têm muitos casos para dar resposta e seria necessário mais profissionais de intervenção.

Sousa (2017), no seu estudo, onde aborda sobre as condições necessárias para educar uma criança com PEA num estabelecimento escolar, quando os participantes (educadores de infância) foram questionados sobre os aspetos positivos e negativos da inclusão na escola, foi relatado como aspeto negativo, para diversos participantes, o facto de haver um número elevado de crianças em sala. Relatam que se forem grupos grandes, é mais difícil trabalhar com as crianças com PEA e que devia haver uma redução das crianças em sala.

Oliveira (2018), na sua investigação sobre a inclusão de uma criança com PEA na escola, pode-se constatar, nos resultados, que os profissionais de educação demonstram que a forma de incluir a criança com PEA é integrá-la numa turma regular, lidar com a criança da mesma forma que se lida com as restantes, respeitar as características individuais da criança, utilizar estímulos visuais, antecipar o que se vai fazer, reduzir os tempos de espera, apoiar nas suas dificuldades, suscitar valores no grupo para apoiar a criança com PEA, promover a interação com o grupo e adaptar as atividades que se realizam com o grupo para a criança em questão.

No estudo de Valente (2017), que relata as perspectivas de educadores de infância e da EE sobre a participação de crianças com PEA em salas de educação pré-escolar, indicam como dificuldades os grupos numerosos, onde não conseguem dar o devido apoio à criança com PEA, a falta de apoio, recursos humanos em sala e apoio especializado. Também refere a falta de formação de base dos profissionais de intervenção, a falta de recursos materiais e espaço mais adequado às necessidades da criança e o tempo reduzido que o professor de EE tem com a criança.

Segundo a Portaria n.º 272-A/2017 (2017), o número de assistentes operacionais na educação pré-escolar é de um assistente operacional para 30 crianças, igual ou inferior a este número. Apesar disso, é referido que o número destes profissionais deve ser adequado caso se justifique na falta de acompanhamento e auxílio a alunos com NEE. Ainda é citado que as crianças com NEE começam a ser contabilizadas como 1,5 em todos os anos escolares, incluindo a educação pré-escolar. Além disto,

as necessidades adicionais de apoio e acompanhamento das crianças com necessidades educativas, na educação pré-escolar, cujo perfil de funcionalidade apresente acentuadas limitações no domínio cognitivo, associadas a limitações acentuadas no domínio motor, sensorial ou comportamental, necessitando de cuidados de saúde específicos ou de suporte adicional para participação nos contextos sociais e de aprendizagem, são analisadas casuisticamente no início de cada ano escolar, por despacho conjunto dos membros do Governo responsáveis pelas áreas das finanças e da educação [p. 5390-(4)].

De acordo com a AENEEI (2017), foi desenvolvido um modelo de ecossistema de educação pré-escolar inclusiva (EPEI) (Figura 1) onde é possível observar um possível “quadro de referência para o planeamento, melhoria, monitorização e avaliação da qualidade da EPEI a nível local, regional e nacional” (p.9). Este modelo tem todos os conteúdos relevantes em relação ao tema da EPEI e é possível ser utilizado para que decisores políticos e outros profissionais tenham em consideração na concretização de objetivos e colmatação de necessidades em relação ao tema.

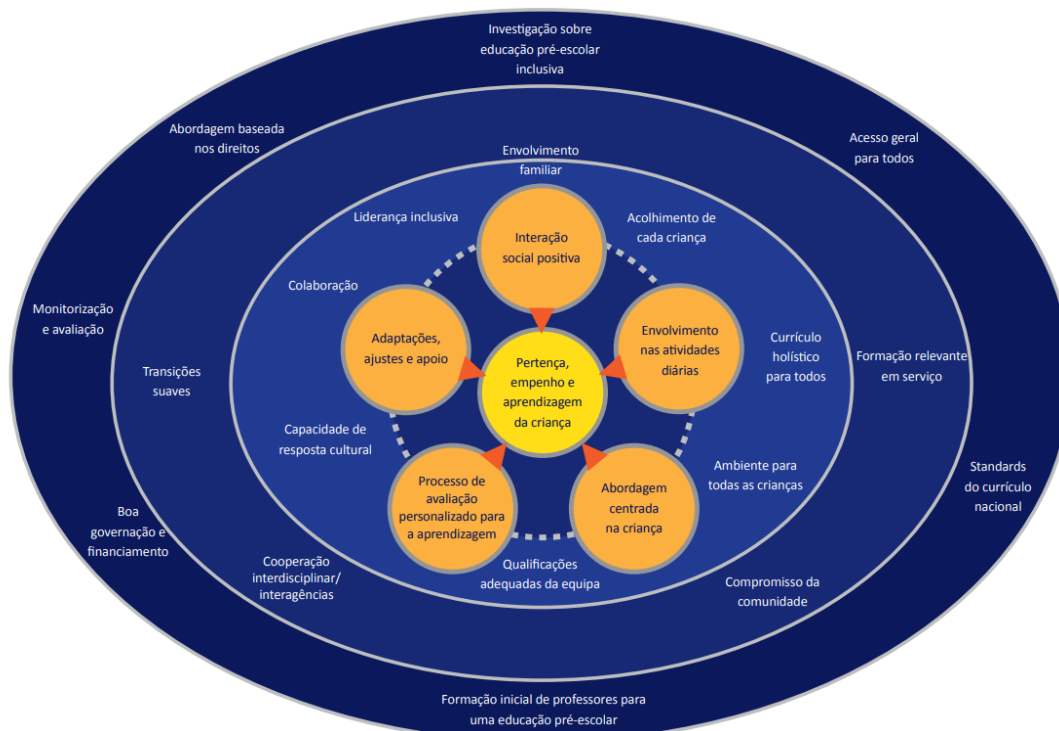


Figura 1 - Modelo de Ecossistema de Educação Pré-Escolar Inclusiva (AENEELI, 2017, p. 11)

A Figura 1 mostra um modelo de ecossistema dos procedimentos e resultados de uma EPEI de qualidade que reúne cinco dimensões. A primeira dimensão, o centro do modelo, são a pertença, o empenho e a aprendizagem do aluno, que representam os resultados da EPEI. A segunda dimensão, junto dos resultados, são os cinco métodos principais que a criança deve ter para estar envolvida como a interação social positiva, envolvimento em atividades do dia-a-dia, intervenção centralizada no aluno, método de avaliação individualizado para a aprendizagem e mudanças, adaptações e apoios quando necessários. A terceira dimensão são os sistemas de apoio para uma EPEI como um lugar que seja para todos, envolvendo a própria família, um lugar onde todos se sentem reconhecidos e respeitados e um lugar de aprendizagem, colaboração e liderança inclusiva e abrangente. Em seguida, a quarta dimensão, são os sistemas de apoio na sociedade que podem prejudicar o processo de inclusão da criança. Abrangem a cooperação com as famílias, dos serviços de apoio e as transições suaves para e do contexto da EPEI. Por último, o anel exterior do modelo, a quinta dimensão que são os sistemas de apoio regionais/nacionais, tais como, políticas baseadas nos direitos (nacionais) e os procedimentos de avaliação, um bom governo e investigações relevantes (AENEELI, 2017).

4. EDUCAÇÃO ESPECIAL

A quarta parte do primeiro capítulo é intitulada de EE onde se irá apresentar o conceito, o docente de EE e a intervenção precoce, referindo-se ao Sistema Nacional de Intervenção Precoce na Infância (SNIPI).

4.1 CONCEITO

A EE surge em Portugal a partir de 1986, segundo a Lei n.º 46/86 (1986), onde é considerada uma modalidade especial dentro do estabelecimento escolar. A EE vem, então, colmatar as necessidades de integração dos alunos com NEE, seja com incapacidades intelectuais ou físicas.

O Decreto-Lei n.º 3/2008 (2008) define a EE, mais especificamente educação inclusiva, termo assim utilizado, como a procura de equidade na educação, tendo como certeza a igualdade no acesso e nos resultados. Tem como objetivos proporcionar a igualdade de possibilidades, incluir socialmente e educativamente, promover a aquisição e conquista na educação, independência e equilíbrio de emoções. Assim, a EE prepara o aluno para a continuação escolar ou, até mesmo, para se ingressar no mundo do trabalho.

Tem como principal dever de, como recurso da escola, reconhecer e avaliar os alunos que tenham como possibilidade NEE e adequar o currículo às necessidades da criança, procurar apoios e meios que possam ser adicionados ao dia-a-dia escolar do aluno [Conselho Nacional da Educação (CNE), 2014a].

Cabe, também, à EE, de acordo com o Decreto-Lei n.º 3/2008 (2008), referenciar os alunos que demonstrem que tenham qualquer necessidade de apoios e recursos o mais cedo possível e identificar as dificuldades relacionadas com as incapacidades do aluno. A EE “prossegue, em permanência, os princípios da justiça e da solidariedade social, da não discriminação e do combate à exclusão social, da igualdade de oportunidades no acesso e sucesso educativo, da participação dos pais e da confidencialidade da informação” (p. 155).

Em 2009 é então criado o SNIPI, segundo o Decreto-Lei n.º 281/2009 (2009), onde é abordado o mesmo no tópico da Intervenção Precoce.

Segundo a AENEEI (2014), as intervenções educativas realizadas para alunos com NEE nas escolas regulares são idênticas na maioria dos países membros. Isso inclui o acréscimo de tempo de aprendizagem, ensino individual, em grupos menores, em equipa ou a conjugação do docente do ensino regular com o docente de EE.

Atualmente a EE é regida a partir do Decreto-Lei n.º 54/2018 (2018) onde, na apresentação dos princípios orientadores da educação inclusiva, é indicado que todas as crianças têm a capacidade de aprender e de desenvolver a sua educação. Mostra-nos que deverá haver equidade onde todos os alunos têm os apoios essenciais, de forma a atingir o seu maior potencial de aprendizagem possível, deverá haver inclusão onde todas as crianças têm direito à participação e acesso à educação. O plano educativo deverá estar centrado na criança e nas suas necessidades, interesses e capacidades, deverá haver flexibilidade no currículo para que a intervenção, nas diversas ações, consiga responder às individualidades de cada aluno. Terá de existir abertura na possibilidade de a criança poder decidir e expressar a sua identidade, envolver os pais e respetivos encarregados de educação no processo educativo da criança e promover o desenvolvimento pessoal e educativo de todos, respeitando a sua família e vida privada.

4.2 DOCENTE DE EDUCAÇÃO ESPECIAL

O professor de EE deve apoiar e colaborar com os restantes professores dos alunos com NEE na partilha e criação de ferramentas para realizar uma pedagogia diferenciada onde deve reforçar a aprendizagem e identificar meios de motivação, representação e expressão para realizar a intervenção com a criança (Decreto-Lei n.º 54/2018, 2018).

É, também, dever do docente de EE facilitar a inclusão e potenciar as competências específicas dos alunos com NEE, ou seja, é essencial, primeiramente, incluir a criança no grupo a que pertence, trabalhando sentimentos de pertença e união entre todos. O trabalho da inclusão é responsabilidade de todos os professores e educadores, e não apenas do professor de EE. O trabalho deste quando realizado individualmente não atinge a criança de forma global pois requer um trabalho entre o mesmo e os restantes professores para que todos trabalhem em prol do desenvolvimento da criança (Baía et al., 2022).

4.3 O AUTISMO NA EDUCAÇÃO ESPECIAL

Segundo o Decreto-Lei n.º 3/2008 (2008), para realizar o devido apoio e adequar a intervenção educativa, é permitido realizar respostas exclusivas e diversificadas para os alunos com PEA, nomeadamente, a criação de unidades de ensino estruturado para executar o processo educativo com as crianças com PEA. Esta valência, para intervir e educar as crianças com PEA, é uma intervenção educativa especializada desenvolvida nas escolas ou agrupamentos que tenham um conjunto de crianças que se assemelham a esta perturbação. As intervenções educativas para as crianças com PEA devem ser definidas consoante o nível de gravidade da perturbação, as suas capacidades cognitivas, linguísticas e sociais e o grau de escolaridade e idade.

Atualmente, após o Decreto-Lei n.º 54/2018 (2018), o estabelecimento escolar deve dar a possibilidade de todos os alunos aprenderem dando resposta às necessidades de cada um. São, assim, implementadas as “medidas de suporte à aprendizagem e à inclusão” (p. 2921) onde os docentes devem adaptar o currículo às capacidades e carências de todas as crianças desenvolvendo equidade e igualdade na oferta de formação e educação. Também foi criado o centro de apoio à aprendizagem (CAA) que se caracteriza por um espaço de suporte com recursos materiais e humanos para desenvolver as potencialidades e conhecimentos das crianças. O CAA, juntamente com todo o sistema escolar, tem o objetivo de auxiliar os alunos na inclusão na sua turma, nas rotinas do dia-a-dia e restantes atividades com ferramentas adaptadas e diversificada, proporcionar o acesso à educação e à inclusão na sociedade e possibilitar aos alunos a hipótese de lazer, socialização e autonomia na sua vida diária.

No estudo de Gonçalves (2019), os participantes, nomeadamente os profissionais de educação, que trabalham atualmente com crianças com PEA, ou já trabalharam, foi entendido que, de forma geral, os mesmos consideram que a integração das crianças com PEA no seio escolar, juntamente com os restantes alunos, é positiva, mas demonstram que é necessário existir mais apoios financiados nesta vertente.

4.4 A INTERVENÇÃO PRECOCE

A intervenção precoce acontece em crianças entre os 0 e os 6 anos de idade com algum tipo de incapacidade, atraso de desenvolvimento ou outro risco que agrave o

desenvolvimento da criança por circunstâncias biológicas e/ou ambientais. Tem como principal objetivo oferecer ferramentas e apoios às famílias (Carvalho et al., 2016).

Segundo o Decreto-Lei n.º 54/2018 (2018), a intervenção precoce na infância é uma diversidade de medidas de apoio exclusivamente centradas na criança e na família da mesma. Nesta intervenção existem distintas atividades com o principal objetivo de prevenir e reabilitar nas áreas da educação, saúde e ação social.

Tem como principais objetivos amparar as famílias para progredirem em diversos aspetos, desenvolver capacidade, autonomia e envolvimento na criança, desenvolver os variados domínios do desenvolvimento, promover a socialização e interação da criança, desenvolver a possibilidade da criança usar as suas competências, de uma forma geral, oferecer experiências que regularizem a vida das crianças e suas famílias e precaver a possibilidade de outras dificuldades (Bailey & Wolery, 1992 como citado em Carvalho et al., 2016).

Segundo o Decreto-Lei n.º 281/2009 (2009), a criação do SNIPI surgiu a partir da Convenção das Nações Unidas dos Direitos da Criança e do Plano de Ação para a Integração das Pessoas com Deficiência ou Incapacidade. O SNIPI é organizado por um culminar de instituições onde o principal objetivo é assegurar o desenvolvimento pessoal e social das crianças com idades compreendidas entre os 0 e os 6 anos e que tenham qualquer alteração no funcionamento ou estrutura do seu corpo e que isso limite o seu envolvimento em atividades próprias para a sua idade.

O SNIPI tem como principais objetivos garantir a proteção das crianças e dos seus direitos, desenvolver as aptidões das crianças através das ações da intervenção precoce na infância (IPI) em todo o país, identificar as crianças com a possibilidade de atraso de desenvolvimento ou outras alterações ou funções do corpo, realizar a devida intervenção após a identificação, dar auxílio às famílias para o usufruto de serviços de apoio à saúde, educação e segurança social e abranger a sociedade (Decreto-Lei n.º 281/2009, 2009).

Intervir significa prevenir, antecipar, detetar, agir. Precocemente significa o mais cedo possível (Caeiro & Correia, 2021). A intervenção em idades precoces é deveras importante para a possibilidade de prevenir ou, até, atenuar outras dificuldades que a criança apresente no desenvolvimento. Para além disto, acrescenta a possibilidade de atingir efeitos bastante positivos para o seu futuro (Carvalho et al., 2016).

A intervenção precoce acontece quando existe uma procura de dar resposta ao nível de desenvolvimento da criança, quando apresentam algum tipo de risco ou atraso no desenvolvimento e, atualmente, é olhada como a principal escolha para se poder dar resposta às particularidades da criança pela identificação da relevância do desenvolvimento da criança nos primeiros anos de idade. Quando observado qualquer atraso ou risco de atraso, é importante ser rapidamente analisado para que a respetiva referenciação seja o mais cedo possível. Isso possibilitará uma intervenção precoce aproveitando a neuroplasticidade cerebral da criança e, assim, recuperar competências e diminuir incapacidades (Caeiro & Correia, 2021).

Segundo Carvalho et al. (2016), apesar da neuroplasticidade variar de pessoa para pessoa, as “experiências específicas afetam circuitos cerebrais específicos” (p. 40), ou seja, é essencial utilizar todos os momentos importantes das fases de desenvolvimento da criança e, claro, a forma como se intervém e estimula a criança pode ser determinante.

É sempre possível intervir e melhorar, mas, particularmente, até aos 7 anos, idade em que é determinado o nível cognitivo da criança e a sua resposta à intervenção. Os resultados mostram-se melhores com intervenção precoce (CUF, 2020). Quanto mais cedo as intervenções são realizadas, mais eficientes e desenvolvidas se tornam as crianças para uma vida social e autónoma e se trabalhará as incapacidades existentes das mesmas (Decreto-Lei n.º 281/2009, 2009).

“As crianças são aprendizes ativos que estão interessados em formar e testar hipóteses sobre o mundo. O seu conhecimento aumenta quando interagem com objetos e pessoas” (Sally & Geraldine, 2014, p.3).

Com uma intervenção precoce de qualidade existe a possibilidade de se alcançar um desenvolvimento positivo. As intervenções com maior sucesso são as que são desenvolvidas pelos pais e outros cuidadores, onde existe a convivência e ligação emocional entre adulto e criança. As práticas, quanto mais apropriadas e realizadas no tempo correto, podem ser fundamentais para a função e estrutura cerebral (Carvalho et al., 2016).

Existem escolas de referência escolhidas, no âmbito da IPI, onde estes estabelecimentos realizam um trabalho, juntamente com as equipas do SNIPI. Nestas escolas referenciadas, existem recursos humanos que constroem ferramentas para garantir as intervenções, a

dinamização de planos individuais e melhoramento dos métodos de mudança. Este trabalho acontece em conjunto com os serviços sociais e de saúde (Decreto-Lei n.º 54/2018, 2018).

Segundo a The Spectrum (s.d.a), na Austrália, quando uma criança é diagnosticada ou apresenta sinais com características de PEA, é benéfico para o desenvolvimento da mesma a implementação da intervenção precoce, onde são realizadas diversas terapias e intervenções. Quanto mais cedo a intervenção precoce é realizada, mais as habilidades são desenvolvidas nas diversas áreas de desenvolvimento.

5. ASSISTENTE OPERACIONAL

Nesta quinta e última parte do primeiro capítulo será apresentada a história e evolução da profissão dos AO, nomeadamente auxiliares de ação educativa (AAE), em Portugal, é analisado a importância deste profissional no contexto escolar e na inclusão das crianças com NEE e, por fim, é apresentado sobre o tema do acompanhamento e apoio individual diário em crianças com PEA.

5.1 EVOLUÇÃO HISTÓRICA DO ASSISTENTE OPERACIONAL

A profissão de AO em Ação Educativa teve uma evolução histórica e prática ao longo dos tempos. A primeira designação para estes profissionais era inicialmente, em 1894, de “pessoal menor” (Pedro, 2021, p.52). O pessoal menor dos liceus era constituído pelos contínuos na primeira classe e pelos serventes na segunda classe. A estes funcionários exigia-se a habilitação mínima da quarta classe e as suas funções eram definidas pelo reitor do liceu em que se encontrariam (Decreto-Lei n.º 36/508, 1947).

As funções do pessoal menor, assim designado na altura, eram cuidar e informar de qualquer estrago de diversos artigos existentes no espaço escolar, preparar quaisquer materiais necessários para as aulas, respeitando as decisões dos professores, anotar faltas e presenças de professores, manter uma atitude exemplar para com os alunos e restantes funcionários, vigiar os alunos que não estejam em momento letivo e realizar serviços exteriores quando pedido (Decreto-Lei n.º 37029, 1948).

Mais tarde, é acrescentado às funções acima referidas “a participação na ação educativa da escola” (Decreto-Lei n.º 48272/1968, 1968 como citado em Pedro, 2021, p.53), ou seja, já se exigia destes funcionários que conseguissem manter um bom ambiente nos intervalos dos alunos e isso incluía a possibilidade de resolver desafios entre os alunos. Para Pedro (2021) este aspeto parece ter sido um progresso para a valorização do trabalho destes funcionários na intervenção educativa.

O termo anterior foi substituído por “pessoal auxiliar” e nesta categoria estavam presentes outros tipos de funcionários como motoristas, guardas, porteiros, entre outros (Decreto-Lei n.º 49410, 1969).

Dez anos depois, após o 25 de abril de 1974, surge uma grande mudança e apreciação nesta profissão onde são tomadas medidas para o pessoal auxiliar. É, então, realizada uma revalorização das carreiras e estes funcionários passam a ser designados como pessoal auxiliar de apoio. Também foi decidido que, consoante as necessidades dos estabelecimentos escolares, estes funcionários deveriam ser divididos em diversas áreas. No apoio geral deveriam permanecer no apoio exterior, portaria, segurança e/ou serviço de limpeza. No apoio educativo em pavilhões, biblioteca, oficinas, equipamento audiovisual, horta, entre outros. No apoio social escolar onde estariam nos refeitórios, papelaria, primeiros socorros, entre outros. E, ainda, poderiam ser responsabilizados para outras funções como atender o telefone, dar apoio na reprografia, entre outros (Decreto-Lei n.º 57/80, 1980).

No mesmo ano foi a primeira vez que os funcionários tiveram descritos os seus direitos. Como direitos destacavam-se os de participar nas ações que promovessem a sua valorização cultural e profissional, participar em tarefas na ação educativa e apresentar, aos seus superiores, propostas de melhoramento. É referenciado, ainda, que o pessoal auxiliar de apoio deve participar nas ações educativas para que consigam responder às necessidades existentes. É notório uma grande evolução da valorização da presença e trabalho destes profissionais nos estabelecimentos de ensino, onde os mesmos poderiam participar no melhoramento das intervenções pedagógicas (Decreto-Lei n.º 57/80, 1980).

É então que, em 1987, é criada a carreira de AAE que veio substituir a anterior expressão de contínuo, que a partir deste ano desaparece. É também neste momento que as suas funções são atualizadas novamente e é nítida uma maior valorização e reconhecimento

do trabalho dos AAE para com os alunos. Assim, competia a este profissional a limpeza dos espaços, apoio na reprografia, papelaria, refeitório e vigilância em todo o estabelecimento e, destaca-se que o AAE passa a dar apoio nas atividades pedagógicas, onde concedia a sua colaboração aos docentes no acompanhamento dos discentes (Decreto-Lei n.º 223/87, 1987).

Mais tarde, numa procura de melhorar o funcionamento do sistema educativo, segundo o Decreto-Lei n.º 515/99 (1999), foram implementados profissionais da educação, nomeadamente pessoal não docente. Cada vez mais são dadas funções a estes profissionais de forma a adequar à atual realidade nas escolas. Assim, cabe ao pessoal não docente participar no processo educativo dos discentes, assegurando as necessidades da escola.

Ainda neste ano, é citado, pela primeira vez, o direito e o dever do pessoal não docente conter formação inicial, contínua e especializada e direito, ainda, à autoformação, demonstrando que a presença destes profissionais no estabelecimento de ensino é relevante e importante (Decreto-Lei n.º 515/99, 1999).

No Decreto-Lei n.º 184/2004 (2004) são reforçadas as funções deste profissional, nomeadamente o pessoal não docente, onde é incluído no grupo de profissionais que deve cooperar na preparação das atividades socioeducativas do meio escolar.

Posteriormente, segundo o Decreto-Lei n.º 121/2008 (2008), o AAE passa para a categoria de AO, onde começam a ser assim designados. Esta nova categoria veio abranger outras mais profissões, criando-se uma categoria geral para diversos cargos.

Até à data não foram apresentadas novas informações em relação às funções dos AO, mais especificamente de AAE. Uma das leis mais recentes que está relacionada com AO são os ajustes de acréscimo de recursos humanos nas escolas (Portaria n.º 73-A/2021, 2021).

Segundo Silva (2019), num estudo realizado com AO, nomeadamente AAE, é entendido que a sua representação é positiva, mas não é valorizada como estes gostariam de ser.

5.2 A IMPORTÂNCIA DO ASSISTENTE OPERACIONAL NO CONTEXTO ESCOLAR E NA INCLUSÃO

Segundo a Portaria n.º 272-A/2017 (2017), para “garantir melhores condições de apoio, acompanhamento e vigilância às crianças, reforça-se o ratio de assistentes operacionais com a atribuição de um assistente operacional por cada grupo de crianças constituído em sala de educação pré-escolar” [p. 5390-(2)]. É, ainda, anunciado que o número destes profissionais deve ser adequado caso seja justificativo na falta de acompanhamento e auxílio a alunos com NEE.

Os recursos humanos que dão auxílio na aprendizagem e inclusão dos alunos são os professores de EE, os técnicos especializados e, também, os AO, dando prioridade a quem tem alguma formação própria (Decreto-Lei n.º 54/2018, 2018). A falta de formação-base dos AAE é um problema pois seria importante para o desenvolvimento de competências para o saber-estar com crianças com PEA em sala (Valente, 2017).

Segundo CNE (2020b), no estudo realizado com um grupo de países da União Europeia, Portugal e Grécia são os países com maior percentagem em que os diretores das escolas declararam que o ensino dos alunos é “muito afetado” pela falta de profissionais auxiliares (p.32). Para além disto, Portugal tem a maior percentagem de estudantes no meio escolar que é “muito” ou “em certa medida” prejudicado com a presença de profissionais auxiliares pouco habilitados ou desajustados para as suas funções (p.34).

Os participantes (AAE) do estudo de Pedro (2021) manifestam a falta de formação inicial e contínua. Para além disto, é demonstrado que a apreciação das particularidades pessoais deveria ser tida em conta, pois poderão existir profissionais que demonstrem esforço e empenho no trabalho que desempenham. É percebido que os AO veem o seu trabalho para além da realização de limpezas e organizações do espaço. As inquiridas demonstram que consideram ter um papel fundamental no desenvolvimento afetivo de todas as crianças com que interagem. É considerado que as AAE apresentam uma complexidade sobre a sua identidade enquanto profissional pois demonstraram dúvida quando questionadas em relação às suas competências profissionais essenciais na realização das suas funções. O papel do AO passa pelo acompanhamento, auxílio, estímulo e ânimo das crianças na sua higiene pessoal, nas descobertas individuais e, também, na evolução da

autonomia, sendo importante dar espaço e oportunidade da criança explorar as suas curiosidades e interesses.

Neves (2016), no seu estudo, as entrevistadas (AO) demonstram a necessidade de aprender técnicas e estratégias para lidar com as crianças com NEE com que trabalham e de conhecer as diversas perturbações e incapacidades existentes. Explicam que as formações sobre estes temas são raras e que as existentes são de pequena durabilidade. Para trabalhar com crianças com NEE, o profissional deve ter gosto no que faz, ser responsável, firme, humilde, compreensivo e carinhoso, colocar limites e regras sempre que necessário e ter a ambição de ensinar novas aprendizagens às crianças. É demonstrado que as AO têm uma grande importância no acompanhamento da aprendizagem e inclusão da criança e que existe uma falta de colaboração e trabalho de equipa entre o professor de EE e as AO o que é considerável que, se essa parceria existisse, seria uma mais valia para o trabalho ser mais benéfico. Ainda no seu estudo Neves (2016) indica-nos que são poucos os estudos sobre a importância da formação das AO ou até mesmo sobre o trabalho das mesmas para a inclusão de crianças com NEE.

Para Carvalho et al. (2016), é essencial possibilitar formação aos profissionais de intervenção precoce, onde se mostre as ações que são sugeridas. Ao ser proporcionado aos profissionais que estejam envolvidos nesta intervenção, pode ser um suporte para as crianças e suas famílias.

Segundo a AENEEI (2014), os auxiliares de apoio à aprendizagem (AAA) são aplicados em muitos países como, por exemplo, em Malta. Estes profissionais devem ter uma gestão cautelosa para se evitar que as crianças com NEE fiquem dependentes dos mesmos. Estes observam-se como parte da equipa pedagógica onde auxiliam todas as crianças presentes em sala, não apenas as crianças com NEE.

De acordo com CNE (2020a), comparando internacionalmente, num estudo realizado pela Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Económico (OCDE), Portugal tem como obstáculos na organização de AO, realizados pelos municípios, o facto destes profissionais passarem parte do seu tempo a executar outros trabalhos no exterior do estabelecimento escolar, ou seja, nos espaços municipais. Para além disto, é comprovado que, outros dos obstáculos fica na demora no recrutamento de AO, quando as vagas estão disponíveis ou na ausência de substituições dos profissionais quando têm baixas médicas

longas. Para além disto, os diretores das escolas portuguesas referem que a falta de profissionais nos estabelecimentos de ensino pode, consoante a OCDE, estar ligado com a necessidade de acompanhamento às crianças com NEE. Por isto, a CNE sugere a realização de avaliações e acredita que deve ser valorizada a formação dos profissionais envolvidos.

O Decreto-Lei n.º 54/2018, segundo o CNE (2020b) mostra que o meio escolar deve implementar mais profissionais de apoio às crianças com NEE, nomeadamente AO, mas não especifica números exatos. O número de alunos com NEE aumentou ao longo dos anos onde no espaço de 5 anos (entre 2012 e 2017) houve um aumento de quase 20 mil crianças com NEE. Torna-se importante a intervenção dos AO com estas crianças de forma a garantir o apoio à inclusão destas crianças, seja em grande grupo como nas atividades e rotina do dia-a-dia.

De acordo com o CNE (2014b), o sistema educativo tendo a missão de promover o sucesso escolar de todas as crianças, assegurando equidade no acesso e nos resultados educativos faz com que tenha de criar formas orientadoras para tal. Portanto, promover conhecimento e demonstrar quais são estas formas orientadoras aos intervenientes, sejam estes dirigentes, docentes ou não docentes, é essencial para permitir intervenções, espaços e meios inclusivos. Neste sentido, a formação e o perfil dos docentes de EE é algo discutido devido à sua importância para as melhores respostas de intervenção educativa. De igual necessidade é a formação e o perfil adequado às suas funções do pessoal não docente, nomeadamente dos AO, que acompanham alunos com NEE.

No estudo de Elias (2021), as AO mostram que têm um papel fundamental na inclusão das crianças com PEA devido ao apoio, acompanhamento e auxílio que oferecem às mesmas na realização das atividades e na rotina diária existente na escola mas, em contrapartida, mostram que a formação desenvolvida carece de prática e conteúdo adequado à intervenção que realizam.

5.3.1 O ACOMPANHAMENTO E APOIO INDIVIDUAL DIÁRIO EM CRIANÇAS COM PERTURBAÇÃO DO ESPETRO DO AUTISMO

As crianças que tenham o seu desenvolvimento afetado requerem ser mais apoiadas e estimuladas nos ambientes em que se encontram e têm dificuldades adicionais de cuidado,

proteção e apoio que devem ser acolhidas para evitar ou diminuir quaisquer outras incapacidades (Simeonsson, 2009 como citado em Carvalho et al., 2016).

De acordo com a Inspeção-Geral da Educação e Ciência (IGEC) (2016), “a inclusão de crianças e alunos com PEA em meio escolar requer ... a prestação de apoios diferenciados e adequados à forma específica de pensar e de aprender destas crianças e alunos, pois as perturbações afetam as áreas da comunicação, interação social e comportamento” (p.34).

Para existir inclusão na escola é necessário que haja um trabalho de equipa entre professores e AO, onde consigam aprender a melhor forma de intervir e trabalhar com a criança com NEE e, também, participarem nas atividades extracurriculares, mesmo que acompanhadas por algum adulto (Neves, 2016).

Todas as crianças têm as suas dificuldades e carências únicas e individuais e vivem, também, numa família única e exclusiva com diferentes meios e preferências de outras. Assim como a sociedade tem carências e meios muito únicos e específicos. Por isso, só intervenções individualizadas podem dar resultados a cada situação. Para além disso, as práticas quanto mais precoces melhor pois têm um papel fundamental para o desenvolvimento do cérebro (Carvalho et al., 2016).

Na intervenção do Modelo Denver, em contexto de grupo, as crianças com PEA que estejam a iniciar a aprendizagem da linguagem, quando trabalhadas em grupo, as mesmas têm momentos no dia-a-dia onde usufruem de ensino individual para se acumular as possibilidades de adquirir habilidades. Neste mesmo método de intervenção, que utiliza essencialmente o foco de ensino individual, ou seja, um para um, mostra-nos que a instrução e apoio individual em sala de aula são a oportunidade de atingir outras finalidades que são mais demoradas em grupo. No mesmo método, quando a criança se está a adaptar ao ambiente de sala, ela deve ser apoiada em qualquer mudança por um elemento da equipa que seja estipulado para tal. Por exemplo, numa atividade, a pessoa que lidera o grupo deve inserir a criança com PEA no grupo de crianças, mas com o elemento, estipulado anteriormente, a dar auxílio. Quando o aluno já não tem interesse em continuar a observar ou a acompanhar a atividade, poderá abandonar os seus colegas e brincar com a pessoa da equipa que o auxilia, perto na mesma da atividade que continua a acontecer (Sally & Geraldine, 2014).

Oliveira et al. (2021) mostra-nos que, em situações de dificuldade, as crianças percebem a empatia e presença prestada pelo adulto. Por isto, cabe aos cuidadores mostrarem afeto, segurança, atenção e compreensão em momentos de maior fragilidade pois, assim, a criança recorrer-se-á ao adulto de referência quando necessitar. “A qualidade da relação adulto-criança depende do equilíbrio ou bem-estar emocional do adulto ... trata-se de terceiros elementos que apoiam, encorajam, reconhecem e expressam admiração e afeto pela pessoa que cuida e desenvolve atividades conjuntas com a criança” (pp. 67-68).

Na maior parte dos países, é concedido horas para crianças com NEE complementares ou tempo extra dos AAA, dependente do financiamento, após uma avaliação realizada (AENEEL, 2014). Ainda é referido que, uma pequena parte dos países, quando têm crianças com NEE, efetua uma redução do número de crianças em sala de aula para facilitarem à inclusão. Para além disto, é demonstrado que o acompanhamento individual não faz com que haja necessariamente avanços nas crianças com NEE pois as instituições escolares devem se concentrar na qualidade dos profissionais para realizar as devidas mudanças, e não na quantidade (Frattura e Capper, 2007 como citado em AENEEL, 2014).

De acordo com a Ireland’s National Autism Charity (s.d.), as Special Needs Assistant (SNA), traduzido para o português, os assistentes de necessidades especiais, são colocados nos estabelecimentos escolares para poderem trabalhar com as crianças que tenham necessidades e cuidados específicos. Estes profissionais dão suporte de intervenção não docente, um grande auxílio para o apoio a crianças com PEA durante o seu tempo curricular, ou seja, eles colaboram no desenvolvimento pessoal e educacional da criança. Muitos destes profissionais fazem um trabalho muito além de apenas ajudar. As responsabilidades destes assistentes passam por preparar o espaço para a criança, apoiar nos transportes escolares, ajudar ao vestir peças de roupa, a alimentar-se, na higiene pessoal e casa-de-banho, acompanhar em visitas de estudo ou outras atividades, ajudar os professores nos tempos de ensino e intervalo, acompanhar o aluno que tenham outras atividades fora da sala de aula e outros eventos do meio escolar. Este apoio pode ser pedido ao Conselho Nacional de Educação Especial da Irlanda.

Em alguns estados na Austrália, as famílias poderão ter acesso a educadores de apoio que trabalham em parceria com os professores da escola e os próprios educandos para responder às necessidades da criança com PEA no meio escolar da educação pré-escolar (The Spectrum, s.d.a).

Este profissional tem uma função muito relevante no apoio a crianças com PEA e o seu serviço essencial é apoiar as crianças a alcançar as áreas do currículo escolar. Mesmo sendo um profissional não docente, os SNA dão o devido acompanhamento e apoio necessário em sala de aula e representam um suporte onde as crianças podem recorrer. O trabalho dos SNA é muito desafiante, mas também muito gratificante. Os deveres do assistente são diversos e amplos, mas, normalmente, trabalham dentro do horário escolar e dentro da sala com a criança, mas, também, poderão acompanhar em visitas de estudo que aconteçam fora da escola. As responsabilidades do SNA passam por preparar e organizar a sala onde a criança que apoia vai ser recebida, ajudar a vestir, nas idas à casa-de-banho, na alimentação e na higiene pessoal, acompanhar em atividades exteriores à sala de aula e observar a criança em atividades lúdicas. O principal objetivo deste profissional é acompanhar, apoiar e orientar a criança para responder às suas necessidades (Progressive College, 2022).

Segundo Sally e Geraldine (2014), a pessoa que dá apoio nas refeições à criança deve-se posicionar por detrás da mesma, para a auxiliar nos atos que sejam precisos como direcionar a mão da criança à colher. “O desejo da criança pela comida é o antecedente para a sua abordagem de comportamento, que o adulto irá modelar” (p. 232). Para além disto, a higienização das mãos e dos dentes ensinam-se, também, com o adulto numa posição que seja “invisível”, ou seja, atrás da criança com algumas ajudas físicas. Assim a criança ao ser ajudada apercebe-se dos passos e movimentos que devem ser realizados no procedimento.

As crianças com PEA normalmente enfrentam diversos momentos de ansiedade e sentem-se melhor em lugares seguros e agradáveis. Os SNA, ao tornarem-se uma pessoa familiar e amigável no ambiente escolar, irão ajudar as crianças a sentirem-se mais confortáveis na escola. Para além disto, estes profissionais garantem que haja um equilíbrio entre o trabalho da escola e em dar-lhes o espaço necessário. Os assistentes de apoio também podem concentrar-se nos desafios individuais e específicos da criança com PEA pois isso irá possibilitar que entendam quais as situações que os *stressam* e perturbam e, com o passar do tempo, irá permitir que estes profissionais consigam evitar certas situações que podem desencadear comportamentos desafiante e garantir que as necessidades da criança sejam correspondidas, mesmo com mudanças de sala, professores ou de atividades curriculares. É, igualmente, importante que as crianças com PEA consigam ganhar independência e autonomia e esse também é um dos papéis que os SNA realizam, pois,

ao possibilitar que as crianças sejam estimuladas mas sempre tendo em atenção os seus limites, permitirá que estas consigam alcançar confiança, segurança e estabilidade (Progressive College, 2022).

Segundo a The Spectrum (s.d.b), uma iniciativa de uma associação de autismo na Austrália, os trabalhadores de apoio à deficiência (TAD) apoiam pessoas com deficiências, lesões neurológicas, distúrbios, incapacidades intelectuais e com autismo. Estes profissionais auxiliam no desenvolvimento de competências de autonomia e independência e na participação no meio comunitário. Poderão apoiar a pessoa com deficiência, tanto em casa, como no exterior. Para pessoas com PEA, os TAD trabalham em parceria com os próprios sujeitos, as suas famílias e os serviços de intervenção e saúde que a pessoa com autismo tenha, de forma a melhorar as suas capacidades e aptidões para executar atividades do dia-a-dia e incluir-se na sociedade. Estes TAD apresentam vários serviços para as pessoas com PEA, tais como, acompanhar na integração e envolvimento na sociedade, auxiliar nas tarefas do dia-a-dia como ida às compras, limpezas, atendimentos e consultas, promover novas competências como capacidades para a vida diária, aptidões de comunicação e socialização, promover a própria proteção e autonomia e auxiliar no acesso ao mercado de trabalho. Os TAD realizam formação com certificação para poderem exercer esta profissão e as famílias poderem ter assistência financeira, caso seja assim indicado.

Nos EUA, existe uma equipa nomeada *Autism Specialist Support Assistant* que oferece diversos serviços de apoio a crianças com PEA. Um desses serviços é a participação e intervenção nas escolas com assistentes de ensino, que realizam o seu trabalho, normalmente, com os professores. A equipa considera fundamental apoiar o assistente a desenvolver o seu trabalho no meio escolar (Norfolk Community Directory, 2023).

Os assistentes de apoio às crianças com NEE também poderão ajudar em momentos negativos, como retirar a criança de certas situações e possibilitar que o problema seja ultrapassado. Também poderão auxiliar e incentivar a criança a socializar e a brincar com outras crianças. E, com a sua presença no recreio, o assistente pode garantir que as outras crianças sejam carinhosas, tolerantes e inclusivas com a criança com PEA. Em sala de aula, asseguram que o tempo seja rentável e que não haja perdas de tempo com interrupções, distrações ou dificuldades em entender as instruções. O SNA é uma pessoa em quem a criança com PEA irá confiar no meio escolar e isso será essencial para ganhar

confiança, autonomia, independência e segurança. Os assistentes de apoio para terem sucesso nas suas tarefas devem ter um perfil atencioso e com excelentes competências na comunicação e uma grande vontade em ajudar crianças com NEE pois isso irá dar-lhes a capacidade para conseguirem enfrentar os comportamentos mais desafiadores. Para além disto, estes profissionais devem ser criativos e práticos nas atividades, no geral (Progressive College, 2022).

Segundo a Circular 0020/2014 (2014), os SNA são projetados para dar aos estabelecimentos escolares pessoas adultas de apoio adicional que poderão ajudar as crianças com NEE e esse auxílio é dado para simplificar a presença dos mesmos nas escolas e para diminuir as interrupções nos momentos de aulas ou do tempo de aprendizagem para as mesmas crianças, ou para o restante grupo, e com objetivo de promover aptidões para uma vida autónoma e independente. “The Special Needs Assistant scheme has been a key factor in ensuring the successful inclusion of children with special educational needs into mainstream education, and also with providing care support to pupils who are enrolled in special schools and special classes” (p.3).

Em Portugal, um Centro Clínico para PEA oferece diversos serviços onde um deles é designado de “educação tutorial” onde são realizadas atividades pedagógicas onde são incluídas explicações, auxílio, orientação educacional a qualquer jovem ou criança com NEE. Incluído nesse serviço está a “educação tutorizada”, assim designado pelo estabelecimento que oferece acompanhamento no meio escolar, durante o ano letivo. Nomeado como “tutor”, este profissional, experiente em NEE, realiza um trabalho de apoiar e auxiliar o aluno em todo o tempo escolar. Este trabalho tem como objetivo integrar e incluir o aluno no estabelecimento escolar e garantir todos os cuidados necessários. Este apoio realiza acompanhamento nas competências sociais e académicas (Tutor A, 2022).

No estudo de Santos (2019), onde foi estudado os auxiliares de apoio na inclusão de crianças com deficiência, é entendido que é fundamental os auxiliares terem os devidos conhecimentos para garantir a evolução da criança com NEE, dentro das suas potencialidades, e assegurar que a mesma participe nas atividades em sala. Assim, é concluído que, para o auxiliar ter um verdadeiro compromisso para que a criança seja incluída no meio escolar, deve existir um trabalho de parceria com o professor na procura de estratégias e ferramentas para intervir com o aluno e formação contínua.

Azad et al. (2015), num estudo feito nos EUA, analisaram como é que os assistentes individuais utilizam o seu tempo em sala de aula, ou seja, perceber se estavam realmente envolvidos no apoio às crianças com PEA. Os resultados demonstram que os assistentes de apoio individual estavam envolvidos apenas 57% do tempo, ou seja, pouco mais de metade. Já os professores estavam 98% e os assistentes de sala 91%. Os autores, na discussão dos resultados, demonstram que poderão existir diversas razões para que o tempo de envolvimento dos assistentes individuais seja baixo comparativamente aos restantes presentes. Estes profissionais poderão receber formação e supervisão insuficientes para interagir e colocar em prática estratégias e ferramentas para trabalhar com as crianças com PEA. É constatado, ainda, que os professores de EE dedicam apenas 2% do seu tempo à supervisão dos assistentes de apoio individual. Outra das causas seria o facto de estes profissionais terem sido contratados pelo distrito escolar ou pelo sistema de saúde o que poderá resultar de diferentes objetivos e missões comparativamente à escola onde se encontram e, ainda, da falta de supervisão e coordenação. Azad et al. (2015) alerta para o facto de esta ser uma nova área de estudo, portanto, os estudos e pesquisas sobre este tema são muito reduzidos.

CAPÍTULO II - METODOLOGIA

A metodologia, de acordo com Coutinho (2014), representa distintos recursos que auxiliam e contribuem para a procura de informações que o investigador pretende encontrar. A metodologia “questiona o que está por trás, os fundamentos dos métodos, as filosofias que lhes estão subjacentes e que, como já vimos anteriormente, influem sempre sobre as escolhas que faz o investigado” (p. 22).

1. QUESTÃO DE INVESTIGAÇÃO E OBJETIVOS

A questão de investigação surge a partir da inspiração das vivências da vida pessoal e profissional, onde pude observar as dificuldades sentidas ao trabalhar com crianças com PEA em educação pré-escolar, perceber que a presença de um adulto poderia melhorar o desempenho e promover o desenvolvimento da criança e, também, por experienciar e realizar o papel de assistente individual e perceber as evoluções notórias na criança. Para além disso, com a motivação e curiosidade sobre o tema, foram realizadas diversas leituras e pesquisas com o objetivo de entender e perceber se seria uma realidade sentida por outros investigadores, profissionais e estabelecimentos. Foi, assim, definida a seguinte questão de investigação.

De que forma o acompanhamento e o apoio individual diário de assistentes operacionais – auxiliares de ação educativa – contribuem para o desenvolvimento das crianças com perturbação do espectro do autismo em educação pré-escolar, de acordo com a perceção do(s) educador(es) de infância, professor(es) de educação especial e assistente(s) operacional(ais)?

A questão de investigação serve para expor o estudo, dentro de uma pergunta, onde o investigador procura expressar o que pretende estudar, o mais exato possível (Quivy & Campenhoudt, 1998). Após definida a questão de partida, são definidos os seguintes objetivos da investigação:

- Descrever as ações de assistentes operacionais para com as crianças com autismo em salas de educação pré-escolar;

- Identificar a necessidade de assistentes operacionais no acompanhamento e apoio de crianças com autismo em educação pré-escolar;
- Analisar o contributo de assistentes operacionais no desenvolvimento das crianças com autismo em educação pré-escolar, de acordo com a perceção do(a) educador(a) de infância, professor(a) de educação especial e assistente(s) operacional(ais);
- Valorizar a função de assistente operacional no acompanhamento e apoio individual da criança com autismo em salas de educação pré-escolar.

2. TIPO DE ESTUDO

O presente estudo segue uma abordagem qualitativa onde a mesma é caracterizada por uma descrição, ou seja, uma narração com rigor e que deve provir dos resultados obtidos. Estes resultados advêm de registos das observações realizadas, transcrições de entrevistas, documentos, fotografias ou, até mesmo, gravações de vídeo. Quem investiga deverá ter o cuidado e a atenção de analisar os dados e mantê-los da forma que foram recolhidos e registados, dentro das suas possibilidades (Carmo & Ferreira, 1998).

Dentro desta abordagem qualitativa, a presente investigação considera-se um estudo de caso que se caracteriza por um método inclusivo onde é realizada uma investigação empírica, com a devida planificação na recolha e análise de dados, que abrange estudos únicos e múltiplos e, também, abordagens qualitativas e quantitativas (Yin, 2001 como citado em Ventura, 2007).

Inicialmente, como instrumentos de recolha de dados, utilizou-se a pesquisa qualitativa que se caracteriza pela “compreensão de aspetos específicos dos contextos sociais/culturais dos fenómenos estudados, sempre com a intenção de promover a expansão do conhecimento” (Lima et al., 2019, p. 15). Esta pesquisa é apresentada no capítulo I, nomeadamente no enquadramento teórico, onde são apresentadas as seguintes temáticas: perturbação do espectro do autismo; desenvolvimento infantil; educação pré-escolar; educação especial; assistente operacional.

3. RECOLHA DE DADOS

Após entendermos cada uma das temáticas apresentadas e as devidas problemáticas, segue-se para o seguinte instrumento de recolha de dados utilizado: o inquérito por entrevista, mais especificamente, entrevistas semiestruturadas. Nas entrevistas semiestruturadas, as perguntas provêm de um planeamento antecipado onde é criado um guião para definir e registar o fundamental para o estudo, tendo uma ordem estratégica para o investigador, onde é dada uma liberdade imensa nas respostas do entrevistado, o que permite que expressem a sua opinião (Amado, 2014).

Assim, no presente estudo, realizou-se a recolha de dados em escolas de educação pré-escolar (jardins de infância) através das entrevistas semiestruturadas, tal como referido, ao pessoal docente e não docente que se encontra em interação com a(s) criança(s) com PEA, ou seja, educadores(as) de infância, assistentes operacionais (de sala e de apoio individual à criança, caso existam) e professor(es) de educação especial, pertencentes a um agrupamento da Região Centro de Portugal.

Por este motivo, foram construídos quatro guiões de entrevistas para as quatro categorias de profissionais: educador de infância (Anexo VII), professor de EE (Anexo XII), AO de sala (Anexo XV) e AO de apoio individual (Anexo XXVI).

A recolha de dados foi realizada pela estudante Adriana Carreira, presencialmente, no local de trabalho dos participantes, através da gravação de áudio, com o pedido e consentimento informado e antecipado dos mesmos. Todas as informações fornecidas são confidenciais e utilizadas apenas para o presente estudo e, quando os resultados do estudo forem apresentados, os dados originais recolhidos serão destruídos.

Para realizar a recolha de dados pretendida, foram contactados, via e-mail, diversos agrupamentos da Região Centro de Portugal. Inicialmente, foi exigido por parte dos diretores dos agrupamentos, a apresentação do pedido de autorização da realização do estudo à Direção-Geral da Educação (DGE). Neste sentido, foi efetuado o pedido à entidade referida (Anexo I) com a complemento dos documentos apresentados nos Anexos II, III, IV e V e a sua aprovação foi concedida (Anexo VI).

Após a autorização do estudo, foi marcada, por e-mail, uma reunião presencial com a adjunta da direção de um agrupamento de escolas da Região Centro para ser apresentado

o estudo em questão, os objetivos e como seria realizada a recolha de dados. A partir desta reunião foi entendido que a estudante iria realizar as entrevistas a onze participantes: três educadoras de infância, uma professora de EE, seis AO de sala e uma AO de apoio a uma criança com PEA. Após a realização da reunião, a estudante teve oportunidade de conhecer, presencialmente, a coordenadora da escola das participantes e realizar a marcação do dia das entrevistas.

Antes de ser realizada a recolha de dados, foi efetuado o devido pedido de autorização ao diretor do agrupamento. Para isso, foi apresentado, em formato papel, o pedido de autorização à direção (Anexo II).

No dia da recolha de dados estiveram presentes, das participantes estimadas, nove: duas educadoras de infância, uma professora de EE, cinco AO de sala e uma AO de apoio a uma criança com PEA. Foram efetuados, também, os devidos pedidos de autorização às participantes (Anexo III). Apresentam-se as transcrições das entrevistas efetuadas nos Anexos VIII, X, XIII, XVI, XVIII, XX, XXII, XXIV e XXVII.

4. ANÁLISE DE DADOS

Após a transcrição das entrevistas foi realizada a análise de conteúdo. A análise de conteúdo é caracterizada tanto por uma sequência de operações, com o objetivo de contruir uma grelha de análise que por sua vez será usada para observar os dados recolhidos, como é um procedimento de estudo universal (Lassarre, 1978 como citado em Amado, 2014).

Os dados apresentados nas grelhas de análise de conteúdo dos Anexos IX, XI, XIV, XVII, XIX, XXI, XXIII, XXV e XXVIII seguem os objetivos anteriormente definidos interligados com as categorias e subcategorias indicadas na Tabela 1.

Tabela 1 - Objetivos, categorias e subcategorias da análise de conteúdo das entrevistas

Objetivos	Categorias para as entrevistas com assistente operacional de apoio individual	Categorias para as entrevistas sem assistente operacional de apoio individual
Descrever as ações de assistentes operacionais para com as crianças com autismo em salas de educação pré-escolar.	Formação - Formação inicial - Formação inicial com conteúdo sobre Necessidades Educativas Específicas - Formação em Educação Especial	Formação - Formação inicial - Formação inicial com conteúdo sobre Necessidades Educativas Específicas - Formação em Educação Especial
	Experiência - Experiência com crianças com PEA	Experiência - Experiência com crianças com PEA
Identificar a necessidade de assistentes operacionais no acompanhamento e apoio para com crianças com autismo em educação pré-escolar.	Dificuldades - Dificuldades ao trabalhar com a(s) criança(s) com PEA	Dificuldades - Dificuldades ao trabalhar com a(s) criança(s) com PEA
	Acompanhamentos e apoios - Acompanhamentos e apoios na criança com PEA - Apoios e recursos necessários - Acompanhamentos e apoios que acrescentaria	Acompanhamentos e apoios - Acompanhamentos e apoios na criança com PEA - Apoios e recursos necessários - Acompanhamentos e apoios que acrescentaria
Analisar o contributo de assistentes operacionais no desenvolvimento das	Importância da assistente operacional de apoio individual	Importância da assistente operacional de apoio individual

crianças com autismo em educação pré-escolar, de acordo com a percepção do(a) educador(a) de infância, professor(a) de educação especial e assistente(s) operacional(ais); Valorizar a função de assistente operacional no acompanhamento e apoio individual da criança com autismo em salas de educação pré-escolar.	- Benefícios no desenvolvimento da criança com PEA - Importância do acompanhamento a apoio individual - Influência no desenvolvimento psicomotor, psicossocial, cognitivo, linguagem e comunicação	- Benefícios no desenvolvimento da criança com PEA - Importância do acompanhamento a apoio individual
	Requisitos essenciais - Requisitos essenciais da assistente operacional de apoio individual	Requisitos essenciais - Requisitos essenciais da assistente operacional de apoio individual

De seguida, no Capítulo III, serão apresentados e discutidos os resultados.

CAPÍTULO III - APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Para entender a verdadeira necessidade e importância dos assistentes operacionais no acompanhamento e apoio de crianças com PEA em educação pré-escolar foram realizadas entrevistas semiestruturadas a nove profissionais, pessoal docente e não docente, de um jardim-de-infância de um agrupamento da Região Centro, nomeadamente, duas educadoras de infância, uma professora de EE, cinco AO de sala e uma AO de apoio e acompanhamento individual, que tinham interação com crianças com PEA.

Tendo em conta os objetivos e o enquadramento teórico determinados para esta investigação foi realizada de acordo com o autor Amado, 2014, a análise de conteúdo, com a criação de categoria e subcategorias (ver Tabela 1).

Após realizada a análise de conteúdo (Anexos IX, XI, XIV, XVII, XIX, XXI, XXIII, XXV e XXVIII), são apresentados e discutidos os resultados.

1. FORMAÇÃO

1.1 FORMAÇÃO INICIAL

A formação verificou-se, em certa parte, diversificada. As educadoras de infância, ambas com a licenciatura em educação de infância. A EI2 (Anexo X) apresentava, como complemento, especialização em cidadania. Na ProfEE (Anexo XIII), entendeu-se que iniciou a sua formação com a educação de infância e, mais tarde, com a perceção da necessidade de dar resposta a crianças com NEE, especializou-se em EE.

Nas assistentes verificou-se que, de forma geral, todas tinham o 12.º ano e tiraram o curso de auxiliar de ação educativa. Apenas se diferenciou a AO2 (Anexo XVIII) que apresentava um curso de especialização tecnológica em serviço social e a AO4 (Anexo XXII) apresentava licenciatura e mestrado na área financeira. Como entendido no Decreto-Lei n.º 515/99 (1999), é direito e dever do pessoal não docente de ter formação inicial, contínua e especializada e direito à autoformação.

1.2 FORMAÇÃO INICIAL COM CONTEÚDO SOBRE NECESSIDADES EDUCATIVAS ESPECÍFICAS

Quando questionadas se, a formação realizada, as formou para trabalhar com crianças com NEE, nomeadamente crianças com PEA, a maior parte respondeu que não. A EI1 (Anexo VIII) explicou que, na formação inicial de educação de infância não teve, mas que, ao longo da sua carreira profissional, foi acrescentando formações sobre o tema. Já a EI2 (Anexo X) apresentou resposta negativa. A ProfEE (Anexo XXIII) afirmou que na formação inicial de educação de infância não a preparou para trabalhar com crianças com NEE e, por esse motivo, mais tarde, decidiu estudar EE.

Já parte das assistentes demonstram que, no curso de auxiliar de ação educativa tinham algumas horas de formação relacionadas com o tema das NEE. Outra parte só tinha formação nesta área por escolha própria. A AO Apoio (Anexo XXVII) afirma que “(...) dentro do... do curso tinha... falava em NEE’s, necessidades especiais... mas não dentro de autismo, no geral, só...”.

As AO devem comparecer e empenhar-se em ações de formação, segundo o Decreto-Lei n.º 184/2004 (2004). Nas investigações de Novais (2017) e Valente (2017) é referido que a falta de formações dos profissionais para trabalharem e saber-estar com as crianças com PEA é frequente. Também Pedro (2021) demonstra que as AAE manifestam falta de formação inicial e contínua.

1.3 FORMAÇÃO EM EDUCAÇÃO ESPECIAL

As entrevistadas, nomeadamente as educadoras de infância e a professora de EE, quando questionadas se teriam alguma formação contínua ou especializada em EE, a EI1 e a EI2 responderam que não, ressaltando apenas que a EI1 (Anexo VIII) demonstra interesse em aprofundar os seus conhecimentos nesta vertente através de formações. Já a ProfEE (Anexo XIII) apresenta pós-graduação de EE.

As AO quando questionadas se teriam alguma formação no domínio da EE, as AO1 (Anexo XVI) e AO4 (Anexo XXII) responderam que não, que não tinham. As AO2 (Anexo XVIII) e a AO5 (Anexo XXIV) afirmam que tiraram formações sobre o tema. As

AO3 (Anexo XX) e AOApoyo (Anexo XXVII) contam que num dos módulos da sua formação inicial de AAE apresentava conteúdos sobre o tema.

De acordo com o Decreto-Lei n.º 54/2018 (2018), é dada prioridade aos profissionais, nomeadamente AO, que tenham formação própria para servirem de auxílio na aprendizagem e inclusão de crianças com NEE. O CNE (2020a) sugere a realização de avaliações e acredita que deve ser valorizada a formação dos profissionais envolvidos. É essencial possibilitar formação aos profissionais de intervenção precoce, onde se mostre as ações que são sugeridas. Ao ser proporcionado aos profissionais que estejam envolvidos nesta intervenção, pode ser um suporte para as crianças (Carvalho et al., 2016).

2. EXPERIÊNCIA

2.1 EXPERIÊNCIA COM CRIANÇAS COM PEA

Quando pedido para descreverem as suas experiências com as crianças com PEA que trabalham diretamente, a EI1 (Anexo VIII) conta que tem duas crianças na sua sala, que são diferentes e também com graus de autismo diversificados. “(...) tenho um (...) que se vê progressos (...) é um autismo... ligeiro e pode ser no futuro... funcional (...) tenho outro bastante mais grave com outras... complicações, quer de saúde, quer de (...) síndrome de Williams que também... tem algumas características que também agravam a situação” (EI1). Já a EI2 (Anexo X) demonstra que é a primeira vez que tem uma criança com PEA na sua sala e afirma que “(...) não tem sido difícil na medida em que ele é um autismo leve. Não me tem sido difícil...” (EI2).

A ProfEE (Anexo XIII) conta que trabalha com 9 crianças com PEA, que tem, pela primeira vez, uma rapariga com esta perturbação, mas afirma que “(...) está a correr muito bem, estou a gostar muito! É... é muito desafiante trabalhar com estes meninos” (ProfEE).

A AO1 (Anexo XVI) declara que é a primeira vez que tem uma criança com PEA em sala e que se torna desafiante quando são apenas duas pessoas adultas para dar resposta. “(...) recebemos um menino que tem autismo e é complicado... Só duas pessoas dentro da sala, é complicado...” (AO1). Na experiência da AO2 (Anexo XVIII), também é a primeira

vez, nunca tinha trabalhado com uma criança com PEA e ainda é recente pois está em processo de adaptação, “(...) ele tem comportamentos em que não quer permanecer muito tempo sentado (...) se estivermos em sala, por exemplo, numa história ele ainda não consegue estar (...) acredito que com o passar das semanas vai conseguir porque já vem mudar desde o início até agora (...)” (AO2).

Já a AO3 (Anexo XX) conta que é “5 estrelas” (AO3), que trabalha com a criança há 2 anos e que se nota uma grande evolução. A mesma profissional conta que o estimula bastante para o mesmo aprender e evoluir. “(...) Ele entrou sem falar, neste momento fala tudo. Usava fralda, neste momento já não usa fralda. A... não fazia nome, pu-lo a fazer o nome e... pronto, é assim o acompanhamento que eu tenho puxado imenso por ele e nota-se muito evolução nele, muita mesmo... (...)”.

Na experiência da AO4 (Anexo XXII), o início, não foi fácil, pois foi todo o período de adaptação. A mesma conta que é o segundo ano que está com a criança, pois não realizaram a troca habitual e conta que criou uma ligação com o aluno. “(...) sinto que... ele se agarrou muito a mim (...) ele começou a confiar em mim a partir desse momento... temos uma boa relação (...) ele vai achar estranho se for outra pessoa e já não for eu (...) no verão eu noto... alterações no comportamento dele... porque não é a mesma pessoa...” (AO4).

Podemos relembrar que, em momentos de dificuldade a criança percebe empatia e presença por parte do adulto e em casos de maior fragilidade a mesma recorre ao adulto de referência (Oliveira et al., 2021) e as AO têm grande importância no acompanhamento da aprendizagem e inclusão da criança (Neves, 2016). A AO4 também partilha que “(...) por exemplo, na hora da refeição, o facto de o almoço ser noutra espaço, ser noutra, noutra lugar, isso altera logo tudo...” (AO4) e podemos entender que é algo comum nas pessoas com PEA que seguem a sua rotina do dia-a-dia à risca e não conseguem lidar bem com as mudanças ou imprevistos (Vicente et al., s.d.).

Na experiência da AO5 (Anexo XXIV), a mesma demonstra gosto em trabalhar com as crianças que tem presente em sala e afirma que é preciso ter mais tolerância ao intervir com elas. “(...) é um bocadinho diferente das outras... se não lhe apetecer fazer... temos que ter paciência e tentar mais tarde... não, não se pode obrigar a criança a fazer...” (AO5). Já a AO Apoio (Anexo XXVII) conta que todos os dias são uma descoberta e que

está a gostar. “(...) todos os dias é... uma aventura (...) também aprendo muito com eles...” “(...) cada criança é uma criança (...)” “Cada tipo de autismo... a... estou a gostar” (AOApoio). Contribuir, apreciar, dar resposta e incluir as características únicas e individuais de cada criança faz parte do verdadeiro trabalho da educação pré-escolar (Silva et al., 2016).

3. DIFICULDADES

3.1 DIFICULDADES AO TRABALHAR COM A(S) CRIANÇA(S) COM PEA

As inquiridas quando questionadas sobre as maiores dificuldades ao trabalhar com as crianças com PEA foi entendido, de forma geral, que a falta de concentração e atenção foi um dos mais notáveis. A EI1 (Anexo VIII) explica que as duas crianças com que intervém, focam-se, essencialmente, em coisas do seu interesse. Nas PEA, uma das características são o interesse e fixação por certos temas, jogos ou objetos (Antunes, 2018). “O D. é um menino que tem muitos [estereotípias], tem, ele, ele foca-se, foca-se muito em tudo o que é redondo, tudo o que mexe, tudo o que rode... é muito de pôr coisas na boca, ele explora muito o mundo pela boca, ainda (...)” (EI1). A APA (2014) mostra-nos que as PEA podem se manifestar através de “movimentos motores, uso de objetos ou fala estereotipados ou repetitivos (por exemplo, estereotípias motoras simples)” (p. 58).

A outra criança que a EI1 intervém já demonstra outro tipo de evolução, apesar da dificuldade na atenção “(...) o S. já está (...) a querer escrever palavras, copia letras, adora escrever palavras no computador, escreve o nome dos meninos todos, identifica... os nomes dos meninos a... tem apesar do seu tempo de concentração ainda ser reduzido (...)” (EI1). As diferenças no cérebro das pessoas com PEA conseguem explicar alguns dos comportamentos invulgares tal como o cerebelo, que mostra ser uma das partes mais afetadas, onde se desenvolve a atenção e a motricidade (Sally & Geraldine, 2014).

Ainda na partilha da EI1 é entendido que o D. tem mais dificuldades na evolução do seu desenvolvimento e tem interesses mais fixos e rígidos “(...) parece que anda sempre no mundo dele (...) é mais difícil (...) gosta de mexer em tintas com as mãos (...) Cheira tudo... tem muita dificuldade com a comida (...) reage mal a novos alimentos (...)” (EI1). A “adesão inflexível a rotinas ... por exemplo ... rituais de cumprimento ... ou comer a

mesma comida todos os dias” (APA, 2014, p. 58) é algo comum nas PEA. É notável que as duas crianças presentes em sala da EI1 têm níveis de gravidade diferentes, pois nas PEA existem três graus, do mais grave ao mais baixo, em que o mais grave precisa de apoio muito considerável e o mais baixo precisa de apoio menos considerável (APA, 2014).

A dificuldade da EI2 (Anexo X) com a criança com PEA presente na sua sala é de que tenha algum tempo de atenção. “(...) a minha... maior dificuldade, captar a atenção dele” (EI2). Já a ProfEE (Anexo XIII) demonstra uma dificuldade diferente nas crianças que intervém, nomeadamente na parte comportamental. “(...) nós sabemos que está associado ao... ao problema, não é? (...) não ajuda muito (...)” (ProfEE).

A AO1 (Anexo XVI) comunica que as dificuldades sentidas são na alimentação, nas idas à casa-de-banho e no comportamento. “(...) ele não (...) está sossegado (...) anda sempre de um lado para o outro e... e os outros veem e também... não ajuda” (AO1). A AO2 (Anexo XVIII) também afirma que a maior dificuldade é o foco e atenção, pois a criança rapidamente se distrai com outros objetos. “(...) ele levanta-se vai, senta-se, ou seja, o facto de permanecer agora no canto da leitura, agora vai para os brinquedos, agora, mas agarra numa coisa rapidamente perde o foco daquela coisa, vai agarrar outra (...)” (AO2).

Também é partilhado pela AO2 que, inicialmente, tinha muita dificuldade que a criança com PEA fosse, autonomamente, com o grupo para a hora da refeição e, hoje já se nota diferenças. “(...) O que é que eu noto agora é (...) eu digo assim «vai dar a mão aos amigos, vá, vamos para a hora de almoço» e ele vai dar a mão ao amigo, ou seja, já não vai na minha mão, ou seja, isso também é criar um bocadinho de (...) autonomia nele (...) agora ele já vai na mão dos amigos todo contente (...)” (AO2). Conseguimos perceber uma ligação entre um dos principais objetivos da intervenção precoce, que é desenvolver capacidade, autonomia e envolvimento na criança (Bailey & Wolery, 1992 como citado em Carvalho et al., 2016) e no papel das AO, que passa, também, pelo estímulo da evolução na autonomia da criança (Pedro, 2021). É de salientar, também, que uma das formas de incluir as crianças com PEA é promover a interação com o grupo em que esta pertence (Oliveira, 2018) e, desta forma, as crianças aprendem e desenvolvem-se umas com as outras (Silva et al., 2016).

A AO3 (Anexo XX) e a AO4 (Anexo XXII) explicam que a maior dificuldade que têm com as suas crianças são a falta de atenção e concentração. A AO3 conta, ainda, que procura formas de motivar a criança a aprender, respeitando os seus limites. “(...) eles vão entrar no mundo deles, muitas vezes, então tem que os puxar para atenção (...) motivá-lo (...) respeitando sempre os limites dele” (AO3). “(...) por exemplo, se ele está a fazer um desenho (...) tem dificuldade em talvez se concentrar... vai querer ir fazer outra coisa e... se levantar (...) Está no seu mundo (...) Quando os meninos fazem uma roda ou ouvir uma história... eu tenho de o chamar (...)” (AO4). Uma parte do papel do SNA é estimular as crianças, mas tendo sempre em atenção os limites da mesma (Progressive College, 2022). Para além disto, na primeira infância a aprendizagem é mais rápida e as crianças que tenham algum tipo de lesão cerebral ao serem estimuladas e intervencionadas precocemente poderão diminuir as incapacidades (Sally & Geraldine, 2014).

Já a AO5 (Anexo XXIV) tem uma opinião diferente das restantes entrevistadas onde partilha que sente que existe uma escassez em recursos materiais em sala. “Falta de meios, falta de jogos para eles, falta... aquilo é uma sala normal não tem nada para eles...” (AO5). Na escola de educação pré-escolar a criança deve ter à sua escolha diversos materiais (Silva et al., 2016) e, principalmente, nas crianças com PEA é importante reforçar as atividades com materiais do seu interesse (Sally & Geraldine, 2014).

Na experiência da AOApóio (Anexo XXVII), a sua maior dificuldade está relacionada com a compreensão das crianças com PEA. “(...) às vezes pensamos que é isto que eles querem e não é isto (...) Vamos aprendendo... com eles (...) dia-a-dia” (AOApóio). A falta de formação-base dos AAE é uma questão notória pois seria importante para o saber-estar com crianças com PEA em sala (Valente, 2017).

4. ACOMPANHAMENTOS E APOIOS

4.1 ACOMPANHAMENTOS E APOIOS NA CRIANÇA COM PEA

Quando questionado às entrevistadas se a criança com PEA que acompanhavam tinham algum tipo de acompanhamento ou apoio, foi respondido, de forma geral, que as crianças que acompanhavam tinham parte dos seguintes apoios: terapia da fala, terapia

ocupacional, acompanhamento na educação especial, fisioterapia, hidroterapia, psicomotricidade, psicologia, sala snoezelen e hipoterapia. É de referir que, parte destes acompanhamentos e apoios são particulares, financiados pelas famílias das crianças.

É referido pela ProfEE (Anexo XIII) que as crianças têm “(...) terapia da fala (...) psicomotricista (...) hipoterapia, que nós conseguimos este ano também (...) sala snoezelen (...) psicologia (...). São os apoios que eles têm... nem todos têm esses apoios, uns têm mais, outros têm menos... mas dentro disso...” (ProfEE).

A AO1 e a AO2 (Anexos XVI e XVIII) partilham que, como as crianças que têm em sala são recentes, não sabem ao certo quais os apoios existentes e que acreditam que já está a ser resolvido para esses apoios existirem. “Olhe, eu para ser sincera não sei se tem... porque ele como entrou há pouco tempo não sei se já foi referenciado à unidade... não sei lhe dar essa resposta” (AO1). “Eu acho que (...) ainda não. É um caso recente aqui na nossa escola... e à qual... sei que a educadora está a trabalhar para (...) conseguirmos esses apoios (...)” (AO2).

É principal dever da EE reconhecer e avaliar os alunos que tenham como possibilidade NEE e adequar o currículo às necessidades da criança, procurar apoios e meios que possam ser adicionados ao dia-a-dia escolar do aluno [Conselho Nacional da Educação (CNE), 2014a]. As equipas do SNIPI em conjunto com as escolas de referência, têm recursos humanos que constroem ferramentas para garantir as intervenções, a dinamização de planos individuais e melhoramento dos métodos de mudança que acontece juntamente com os serviços sociais e de saúde (Decreto-Lei n.º 54/2018, 2018).

4.2 APOIOS E RECURSOS NECESSÁRIOS

Quando questionadas se pensavam que são prestados os respetivos apoios e recursos necessários às crianças com PEA, a maior parte das entrevistadas respondeu que não. A EI1 (Anexo VIII) mostra que “(...) o D. ... teve sempre, desde que nasceu, como ele nasceu com problemas de saúde (...). Ele teve logo o acompanhamento da intervenção precoce (...)” (EI1). É muito importante intervir em idades precoces para prevenir ou atenuar a possibilidade de a criança fortalecer outras dificuldades no desenvolvimento

(Carvalho et al., 2016). “O meu S., que é o mais funcional, ele está a ser acompanhado, mas a título particular, também (...)” (EI1).

A EI2 (Anexo X) comenta que acredita que a criança que acompanha tem os apoios necessários e que “(...) não é usual de usufruir de tantos” (EI2) das quais acompanhamento na educação especial, psicomotricidade, terapia da fala, psicologia, sala snoezelen e, a título particular, hipoterapia.

A ProfEE, a AO1 e a AO5 (Anexos XIII, XVI e XXIV) mostram respostas idênticas onde respondem negativamente, percebendo-se, assim, que não sentem que existem os apoios e recursos necessários para as crianças. A AO5 acrescenta que “São as terapias (...) falta muita coisa (...) acho que ele podia ser apoiado, ele e os outros todos (...)” (AO5).

A AO2 (Anexo XVIII) responde que não sabe e que a criança não apresenta os apoios essenciais pois acredita que está relacionado com a situação da criança. “(...) como são recentes, também são na escola, recentes em Portugal, por isso acredito que isto tudo num processo de... ter os apoios necessários (...)” (AO2). Já a AO Apoio (Anexo XXVII), inicialmente, afirma que não sabe, mas que acredita que sim, que as crianças têm os apoios e recursos necessários.

A AO3 e a AO4 (Anexos XX e XXII) responderam ambas positivamente. A AO3 partilha que “(...) agora sim porque está referenciado, tem o ensino especial, terapia da fala, agora aqui na escola, pronto, que ele tinha inicialmente tinha fora da escola..., mas como se referenciou e agora tem (...) mas hipoterapia, como é óbvio, é fora da escola e aí já são os pais que têm que... pagar (...)” (AO3). A AO4 apesar de acreditar que a criança que acompanha ter os apoios e recursos necessários comenta que “(...) não há uma pessoa só para ele, acho que se houvesse era, pronto, era melhor... ele teria mais atenção, são 20...” (AO4).

Relembrando o Decreto-Lei n.º 54/2018 (2018), este indica-nos que os recursos humanos que dão auxílio na aprendizagem e inclusão dos alunos são os professores de EE, os técnicos especializados e, também, os AO, dando prioridade a quem tem alguma formação própria. E que para haver um melhor auxílio, acompanhamento e vigia aos alunos em educação pré-escolar deve ser reforçado o ratio de AO e, se assim se justificar, deve-se adequar o número dos mesmos caso existam crianças com NEE (Portaria n.º 272-A/2017, 2017). Para além disto, a IGEC (2016) indica-nos que “a inclusão de crianças e

alunos com PEA em meio escolar requer ... a prestação de apoios diferenciados e adequados” (p.34).

4.3 ACOMPANHAMENTOS E APOIOS QUE ACRESCENTARIA

As entrevistadas quando questionadas sobre os acompanhamentos e apoios que acrescentariam à criança com PEA que acompanhavam, as AO3 e AOApoyo (Anexos XX e XXVII) não sabiam ao certo o que responder. “(...) não sei se... existe mais alguma coisa, para que o ajude, não é?” (AO3). “(...) dentro... do acompanhamento que ele tem acho que não... não é preciso mais (...)” (AOApoyo).

A EI1 (Anexo VIII) responde que acrescentaria a hipoterapia pois é um método com bastantes benefícios. “(...) faz muito bem (...) Estimula muita a concentração e (...) a postura” (EI1). Já a EI2 (Anexo X) afirma que precisa de conhecer melhor a criança para lhe poder dar mais acompanhamentos. “(...) tenho que ir apalpando terreno (...) vendo qual é a melhor maneira de relacionar com ele de modo a captar a atenção dele (...)” (EI2).

A ProfEE (Anexo XIII) comenta que deviam existir mais recursos humanos e que as pessoas que acompanham estas crianças não deviam trocar tantas vezes. “(...) devíamos ter muito mais (...) recursos humanos (...) eu tenho a sorte de ter uma auxiliar quase sempre comigo (...) E se calhar devia haver para estes meninos alguém que tivesse efetivo (...) sempre com eles e que não houvesse sempre esta troca (...) até porque estes meninos... quando vêm em nós uma grande referência faz todo o sentido nós continuarmos com eles. Tanto auxiliar como... a professora” (ProfEE). As crianças ao terem cuidadores que demonstram afeto, segurança, atenção e compreensão nos momentos mais frágeis recorrerão ao adulto de referência quando precisarem (Oliveira et al., 2021).

As AO1 e AO4 (Anexos XVI e XXII) têm as opiniões idênticas pois ambas explicam que deveria haver uma pessoa no acompanhamento apenas para a criança. “(...) acrescentaria mais uma assistente operacional (...) somos duas pessoas, educadora e assistente operacional, para 25 crianças, e uma delas com necessidades especiais. Enquanto eu estou com ela sozinha, a educadora está sozinha com as outras 24... ou vice-versa... (...) eu se

for para o recreio com elas todas (...) eu acabo por me focar só mais nela (...)” (AO1). “(...) a atenção tem que ser repartida por todos e acho que se talvez houvesse alguém só para ele... podia puxar mais por ele talvez e alguém que percebesse melhor do assunto seria melhor...” (AO4). Na educação pré-escolar, as salas são constituídas por 25 crianças, no máximo, e o mínimo são de 20 crianças (Decreto-Lei n.º 147/97, 1997) e só acontece caso seja reconhecida uma medida de acesso à aprendizagem e à inclusão (Despacho Normativo n.º 10-A/2018, 2018).

As AO2 e AO5 (Anexos XVIII e XXIV) explicam que acrescentariam terapias, tendo a AO5 reforçado que acrescentaria mais jogos específicos para trabalhar com a criança. “(...) alguma terapia que o ensinasse ou que o motivasse... ao comportamento (...) ele rapidamente se cansa de algo que está a fazer, alguma terapia... da fala porque ele fala pouco ou nada (...)” (AO2). “(...) Se tivesse... jogos específicos para ele, talvez ele se interessasse mais (...)” (AO5). É importante recordar que as crianças que tenham o seu desenvolvimento afetado necessitam de ser mais apoiadas e estimuladas nos ambientes em que se encontram (Simeonsson, 2009 como citado em Carvalho et al., 2016). Para além disto, é de reforçar que todas as crianças têm a capacidade de aprender e de desenvolver a sua educação. Deverá existir equidade para que todos os alunos têm os apoios essenciais, de forma a atingir o seu maior potencial de aprendizagem possível (Decreto-Lei n.º 54/2018, 2018).

5. IMPORTÂNCIA DA ASSISTENTE OPERACIONAL DE APOIO INDIVIDUAL

5.1 BENEFÍCIOS NO DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA COM PEA

Foi questionado às entrevistadas, que não têm em sala uma AO de acompanhamento e apoio individual diário à criança com PEA, se tivessem esta profissional, se consideram que traria benefícios para o desenvolvimento da mesma. A EI2 (Anexo X) afirma positivamente e dá exemplos dos benefícios que teria na motricidade. “(...) ele tem dificuldade em fazer a tríade (...) o M. ainda faz o nome muito grande! Entretanto o que é que eu faço, escrevo a lápis e ele tem [de] (...) passar por cima, estou a reduzir o tamanho da letra que eu faço (...) fazer a tríade é muito difícil porque ele... quando agarra esquece-se (...) depois eu tenho que o lembrar (...) era mais atenção [que a AO de apoio

individual podia dar] (...) estamos a trabalhar no sentido de o acompanhar mais para dar essa resposta melhor (...)” (EI2). A função do SNA, por exemplo, provém do apoio a crianças com PEA e o seu trabalho é fundamental para auxiliar a criança a atingir diversos objetivos escolares, sendo um suporte a quem as crianças podem recorrer (Progressive College, 2022).

A AO1 (Anexo XVI) também afirma que sim, que teria benefícios, principalmente para dar uma continuidade à concentração iniciada com a criança. “(...) Se eu estiver sentada ao lado dele. Se eu me levantar para ir (...) algum dos outros me chamar (...) quando chegar já está tudo espalhado no chão e a concentração dele já foi” (AO1). Os assistentes de apoio, em sala, asseguram que o tempo seja rentável e que não haja perdas de tempo com interrupções, distrações ou dificuldades em entender as instruções (Progressive College, 2022).

A resposta da AO2 (Anexo XVIII) apresenta-se, também, positiva demonstrando que prevalece dar importância à criança com PEA e que numa sala com a quantidade atual de 25 crianças, onde a criança necessita de um maior auxílio, acaba por prejudicar o grupo e a própria criança. “(...) estamos uma auxiliar e uma educadora para 25 [crianças] (...) ele necessita de mais atenção (...) necessita de mim (...) eu não estou só para ele (...) estou para todos mas acabo sempre por me deslocar mais a ele (...) (AO2). Uma das barreiras para a inclusão das crianças com PEA em sala, para educadores de infância, é o facto de terem presentes em sala 25 crianças para dois adultos (educador de infância e AO) (Novais, 2017).

A AO2 partilha, também, dando exemplos práticos como quando estão a ouvir uma história, a criança levanta-se, faz sons, grita, entre outras atitudes que fazem com que a AO2 acabe por responder à necessidade da criança. “(...) necessita que eu esteja ao pé dele sentada numa secretária, a brincar com ele, a fazer jogos (...) a pintar... para que ele consiga estar (...) tranquilo” (AO2), acabando por dar auxílio à criança com PEA enquanto a educadora de infância realiza o seu trabalho com as restantes 24 crianças. Na maior parte dos países, são concedidas horas complementares ou tempo extra dos AAA para crianças com NEE (AENEI, 2014) e uma pequena parte dos países, quando têm crianças com NEE, efetua uma redução do número de crianças em sala de aula para facilitarem a inclusão (Frattura & Capper, 2007 como citado em AENEI, 2014).

A mesma entrevistada afirma, também, que ao estar uma profissional a mais em sala não iria mudar a atitude da criança de imediato, mas que iria estar mais atenta e focada na criança. “(...) acredito que tendo uma colega em sala... focada só... na criança, acho que (...) tem muitos benefícios, sim (...) é uma mais-valia tanto para nós (...) que estamos com o grupo como para ele que possa ter esse benefício (...) só dele (...)” (AO2). Para Sally e Geraldine (2014), quando a criança com PEA está inserida num grupo, se, porventura, já não tiver interesse em continuar a observar ou a acompanhar a atividade, poderá abandonar os seus colegas e brincar com uma pessoa da equipa que o auxilia, perto da atividade que continua a acontecer. Como já referido anteriormente, parte dos países, quando têm crianças com NEE, efetuam uma redução do número de crianças em sala de aula para facilitarem a inclusão (Frattura & Capper, 2007 como citado em AENEEL, 2014). Em Portugal, o número de AO no pré-escolar deve ser adaptado quando justificado o acompanhamento e apoio a crianças com NEE (Portaria n.º 272-A/2017, 2017).

A AO3 (Anexo XX) vai ao encontro da partilha das AO2 onde afirma também positivamente em relação aos benefícios que a criança com PEA teria se tivesse uma AO de apoio individual pois acredita que poderia estimulá-lo mais. “Eu acho que sim porque está ali focado para ele (...) momentos em que estou com os outros, não estou com ele (...) se calhar puxava ainda mais com ele a nível de jogos, pronto, outras coisas... se calhar seria bom (...)” (AO3).

A entrevistada AO4 (Anexo XXII) também afirma positivamente partilhando que poderia ter um acompanhamento e incentivo maior se tivesse uma profissional com a criança. “Eu acho que sim (...) podemos (...) puxar mais por ele (...) acompanhá-lo mais... incentivá-lo mais (...) colocamos todos a fazer um trabalhinho (...) ele vai sair. Se tivermos a orientá-lo (...) já vai ser diferente (...). Às vezes depois eu vou lá a ele e ajudo e, pronto, ele realmente está a fazer..., mas tem de ter ali alguém com ele...” (AO4).

Foi questionado às entrevistadas que têm em sala uma AO de acompanhamento e apoio individual diário à criança com PEA se, por terem esta profissional, sentiam que traz benefícios para o seu desenvolvimento. A EI1 (Anexo VIII), que tem em sala duas crianças com PEA, afirma que sim, que tem muitos benefícios, pois esta profissional pode dar um apoio mais específico. “Sem dúvida! Tem muitos! (...) ela pode dar um acompanhamento mais individualizado (...) eu tive a fazer uma atividade com o grande grupo (...) mas para o D. eu descí o nível e a S. [a AO de apoio individual] ajudou (...) a

desenvolver a atividade porque (...) eu não posso deixá-lo sozinho...” (E11). Cabe às escolas identificar as barreiras que o aluno enfrenta no processo de aprendizagem e procurar estratégias para que a criança consiga chegar ao melhor das suas potencialidades e adaptar, procurando formas para que todos aprendem e colaborem na vertente educativa (Decreto-lei n.º54/2018, 2018). As responsabilidades dos assistentes de apoio passam também por ajudar os professores nos tempos de ensino e intervalo, acompanhar o aluno noutras atividades fora da sala de aula e noutros eventos do meio escolar (Ireland’s National Autism Charity, s.d.).

A mesma entrevistada partilha que tem a AO de apoio individual há relativamente pouco tempo, “(...) tenho a S. há uns meses (...)” (E11), referindo que esta profissional tem vantagens, tanto para as crianças com PEA, como para o grupo na qual as mesmas pertencem. “É muito importante! Muito importante... eu acho que é benéfico (...) para eles e para o restante grupo (...) para eles [as crianças com PEA] ainda mais...” (E11). As crianças com PEA apresentam dificuldade na adaptação escolar, não se interessam pelas atividades em grupo e brincam sozinhos (Antunes, 2018). Os SNA podem ajudar e incentivar a criança que acompanham a socializar e a brincar com o restante grupo. No recreio, o SNA pode garantir que as crianças sejam carinhosas, tolerantes e inclusivas com a criança com PEA (Progressive College, 2022).

A AO5 (Anexo XXIV), que tem também na sua sala uma AO para o apoio individual, afirma que esta profissional tem vantagens pois dá auxílio à criança com PEA e que a própria criança acaba por se identificar mais com esta pessoa que está com ele. “Tem, tem, tem [benefícios] (...). Porque dá mais apoio... (...) uma sala com 20 crianças... estamos ali a trabalhar com as outras... ele fica um bocadinho posto de parte (...) se uma pessoa está com ele (...) ele próprio identifica-se mais com ela (...) E ele já sabe que ali... vai fazer aquele trabalho...” (AO5). Os cuidadores ao mostrarem afeto, segurança, atenção e compreensão, em situações de dificuldade, a criança com PEA irá recorrer ao adulto de referência (Oliveira et al., 2021).

A mesma entrevistada também partilha as dificuldades que sentia no ano anterior quando esta profissional não existia. “(...) no ano passado tivemos sozinhos em sala (...). Às vezes era difícil... eu fazia trabalhos com ele, mas não era aquela atenção que ele precisa...” (AO5). As crianças com PEA requerem uma atenção maior por parte dos adultos, para além de ser desafiante (Novais, 2017).

A AO de acompanhamento e apoio individual diário à criança com PEA (Anexo XXVII) quando foi questionada se sentia que tinha benefícios no desenvolvimento da criança, a entrevistada respondeu que faz o seu melhor pela criança que auxilia e que trabalha para que a mesma seja autónoma nas tarefas diárias. “(...) faço o meu melhor (...) tentar que seja autónomo, dentro da sala (...) Ele sentar-se... por exemplo, no lanche, tentar beber um iogurte sentado, colocar o iogurte no caixote do lixo quando acaba ou na reciclagem (...). Andamos assim (...) a tentar (...) essas pequenas vitórias!”. Uma das funções dos SNA é, também, conseguir com que as crianças atinjam o máximo de independência e autonomia (Progressive College, 2022). Também os TAD auxiliam no desenvolvimento de competências de autonomia e independência e para a participação no meio comunitário (The Spectrum, s.d.b).

Para finalizar, a ProfEE (Anexo XIII) tem uma visão divergente das restantes entrevistadas pois demonstra que este acompanhamento poderá ser benéfico ou não, dependendo das crianças pois pode ser desafiante devido às particularidades das mesmas. “Eu acho que sim (...) cada uma de nós trabalha de forma diferente, é uma mais-valia para eles, terem cá pessoas novas, só que por outro lado (...) estes são meninos que enquanto não ganham confiança na pessoa com quem estão, é difícil conseguir haver contacto ocular e haver algum tipo de abertura (...) pode ser bom, pode não ser, também depende muito da... das crianças” (ProfEE). O acompanhamento individual não faz com que haja necessariamente avanços nas crianças com NEE pois as instituições escolares devem-se focar na qualidade dos profissionais para realizar as devidas mudanças, e não na quantidade (Frattura & Capper, 2007 como citado em AENEELI, 2014).

Para além disso, a mesma entrevistada reforça a importância de a profissional se manter ao longo do percurso escolar para a criança com PEA atingir a confiança necessária com o adulto. “(...) o mais correto, seria haver alguém que prolongasse... que fosse sempre... pelo menos uma auxiliar sempre a mesma (...) mesmo que o professor mudasse (...) que houvesse aquela referência para eles sempre...” (ProfEE). Os assistentes de apoio podem concentrar-se nos desafios individuais e específicos da criança com PEA e garantir que as necessidades da criança sejam correspondidas, mesmo com mudanças de sala, professores ou de atividades curriculares (Progressive College, 2022).

5.2 IMPORTÂNCIA DO ACOMPANHAMENTO A APOIO INDIVIDUAL

Quando questionado às entrevistadas como é que descrevem a importância deste tipo de acompanhamento e apoio individual diário a uma criança com PEA, a EI1 (Anexo VIII) explica que ajuda as crianças no foco e regulação e que, por vezes, quando há a necessidade de levar a criança para outro ambiente, a assistente de apoio realiza essa função. “(...) ajuda-os (...) a nível (...) do foco (...) da regulação... para os ajudar a regular, porque eles às vezes têm os impulsos e... ela sai com eles um bocadinho... à rua. É o suficiente para eles descarregarem ali um bocadinho de energias e já vêm com uma postura diferente para a sala...” (EI1). Os assistentes de apoio poderão ajudar em momentos negativos como retirar a criança de certas situações e possibilitar que o assunto seja resolvido e, para além disto, podem concentrar-se em entender quais as situações que os *stressam* e perturbam, o que irá permitir que estes profissionais consigam evitar certas situações que podem desencadear comportamentos desafiantes (Progressive College, 2022). “E pronto, se eu não tivesse (...) não direi impossível, mas é mais difícil (...) porque tenho os outros do grupo (...)” (EI1).

A EI2, AO1, AO3 e AO4 (Anexos X, XVI, XX e XXII) respondem de forma breve e afirmam, de forma geral, que traria uma maior evolução às crianças com PEA. “(...) é uma mais-valia muito, muito grande porque ele (...) tem feito uma evolução (...) fantástica! (...) [assistente individual] ajudava muito era uma grande ajuda!” (EI2). “É muito importante [para o desenvolvimento da criança]” (AO1). “Ah, ajuda imenso (...). Porque... evoluem... muito. Se uma pessoa se dedica é claro que... evoluem imenso, estamos ali para eles (...) Dedicados só para eles, para estar ali. Logo aí, faz a diferença” (AO3). “(...) se calhar uma maior evolução... talvez na (...) atenção... mesmo na parte de brincarmos com ele e tudo...” (AO4). A intervenção em idades precoces é muito importante para prevenir ou, até, atenuar outras dificuldades que a criança apresente no desenvolvimento e acrescenta a possibilidade de atingir efeitos bastante positivos para o seu futuro (Carvalho et al., 2016). Os SNA têm sido um fator chave para garantir a inclusão bem-sucedida de crianças com NEE na escola (Circular 0020/2014, 2014).

A ProfEE (Anexo XIII) também afirma que é importante e mostra-nos exemplos práticos dessa importância no dia-a-dia. “É ótimo! Porque, por exemplo, (...) nós a unidade está a trabalhar enquanto CAA... eu tenho uma menina de quarto ano que pouco está em sala (...) e tenho meninos do pré-escolar... que tanto trabalho em sala como trabalho com eles

individualmente (...) quando tem esta menina que chega, se houver uma auxiliar que consiga dizer “então olha se não se importar trabalha isto com... com a E.”. E eu posso trabalhar com outro. Eu estando sozinha com 2 miúdos com autismo é muito difícil...” (ProfEE). O CAA caracteriza-se por um espaço de suporte com recursos materiais e humanos para desenvolver as potencialidades e conhecimentos das crianças e tem o objetivo de auxiliar os alunos na sua inclusão, proporcionar o acesso à educação e possibilitar lazer, socialização e autonomia na sua vida diária (Decreto-Lei n.º 54/2018, 2018). O trabalho do professor de EE quando realizado individualmente não atinge a criança de forma global pois requer um trabalho entre o mesmo e os restantes professores para que todos trabalhem em prol do desenvolvimento da criança (Baía et al., 2022). Os SNA têm a função de apoiar as crianças a alcançar as áreas do currículo escolar e mesmo sendo um profissional não docente, estes profissionais dão o devido acompanhamento e apoio necessário em sala de aula e representam um suporte onde as crianças podem recorrer (Progressive College, 2022).

A entrevistada AO2 (Anexo XVIII) concorda igualmente com a importância desta profissional e partilha as dificuldades sentidas para que se verifique evolução da criança nos momentos de refeição. “(...) eu acho que é muito para... imagine, nós vamos para a hora do almoço... ele é uma criança que não quer comer (...) eu tenho um grupo de 25 (...) eu não posso ficar ali uma hora sentada ao pé dele quando ele não come... quando tenho os outros (...) a importância de ter acompanhamento... para ir, neste caso (...) não conseguimos também dar um apoio (...) o apoio necessário que ele precisa (...) o que eu sinto com ele é que nós não estamos a conseguir fazê-lo (...). Acho que era importante ser a mesma pessoa para que ele possa perceber que há confiança, que eu posso confiar nestas pessoas (...) estão a fazer o melhor para mim (...)” (AO2). Portugal é um dos países onde a falta de auxiliares afeta bastante o ensino das crianças (CNE, 2020b). É importante lembrar que uma das responsabilidades dos SNA passa por ajudar na alimentação (Ireland’s National Autism Charity, s.d.) e conseguir estimular as crianças tendo em atenção os seus limites, o que permite o alcance de confiança (Progressive College, 2022).

A AO5 (Anexo XXIV), que tem na sua sala uma colega que realiza o trabalho de acompanhamento e apoio individual à criança com PEA, partilha com exemplos do dia-a-dia no trabalho o quanto é importante a presença desta profissional com a criança. “(...) acompanha-o em tudo... se ele tiver que ir à sala de apoio, ela vai... se ele tiver que ir

fazer terapias (...) andar de cavalo, ela vai com ele (...) Para a natação (...) se se ele precisar... vá dentro d'água com ele, quem é que vai? Tem que ser ela (...). Temos (...) Sala de apoio (...) e ela vai lá acompanha-o (...) se tivermos a contar uma história, ele está lá ouvir a história... sabe as músicas... ele sabe tudo... e ela consegue estar com ele... a fazer isso!” (AO5). As responsabilidades do SNA também passam por acompanhar a criança com PEA em atividades exteriores à sala de aula e observar a mesma em atividades lúdicas (Progressive College, 2022).

Para finalizar as respostas a esta questão, a própria AOApóio (Anexo XXVII) afirma que seria desafiante o trabalho das profissionais em sala se não tivesse esta função. “(...) acho que é diferente... eles precisam... apesar de a auxiliar de sala... e a educadora tentarem sempre, mas... são muitos (...) Convém sempre se calhar estar... alguém... conseguimos se calhar trabalhar só com eles (...)” (AOApóio). A escola deve implementar mais profissionais de apoio às crianças com NEE, nomeadamente AO (CNE, 2020b). O sistema educativo deve criar formas orientadores para assegurar a equidade no acesso e nos resultados educativos (CNE, 2014b). Para existir inclusão de todos deverá existir uma forma diferenciada de implementar a educação e que possam corresponder às particularidades únicas e individuais da criança (Silva et al., 2016).

5.3 INFLUÊNCIA NO DESENVOLVIMENTO PSICOMOTOR, PSICOSSOCIAL, COGNITIVO, LINGUAGEM E COMUNICAÇÃO

Foi questionado às entrevistadas que tinham uma AO de acompanhamento e apoio individual diário para a criança com PEA, de que forma é que o trabalho desta profissional tem influência na criança ao nível do desenvolvimento psicomotor, psicossocial, cognitivo, linguagem e comunicação.

A E11 (Anexo VIII), que tem em sala duas crianças com PEA e que a AOApóio dá acompanhamento principalmente a uma das crianças, não deu exemplos concretos, mas partilhou diversas situações que acabam por se interligar como o facto de explicar que esta pessoa dá mais segurança e confiança. “(...) é benéfico (...) transmite mais segurança e confiança, pronto, ter uma pessoa que ele possa recorrer (...)” (E11). Afirmou, também, que as crianças que tem em sala não apresentam dificuldade na socialização e que esta

profissional contribui continuamente. “(...) eles são sociáveis (...) eles interagem (...) é claro que contribui e ajuda (...) nesse nível... apesar de já serem meninos sociáveis (...) uma terceira pessoa ajuda sempre (...) uma pessoa especificamente só para eles (...) ajuda muito” (EI1).

A mesma entrevistada partilha ainda que o tempo que teve com esta profissional no acompanhamento e apoio não tinha sido ainda suficiente no dia da entrevista pois a AO estava presente desde, aproximadamente, 4 meses anteriores ao dia da entrevista. “(...) neste momento eu ainda não tenho o tempo suficiente (...) ainda (...) é muito recente! (...). Ainda é recente para estar já (...) a dizer que foi da responsabilidade dela o progresso (...)” (EI1). Ainda é percebido pela EI1 que a influência do desenvolvimento da criança vai ao encontro do trabalho de equipa realizado e na sequência do trabalho da AO de apoio ao seguir as orientações da educadora de infância e da professora de EE. “É a conjuntura toda! É uma equipa, exatamente, sem dúvida! Ela vai um bocadinho ao encontro daquilo que eu lhe sugiro (...) uma mais-valia e é um suporte para a... seguir as orientações, tanto da educação especial... pode dar dicas” (EI1). Na escola, para existir inclusão, é indispensável que haja um trabalho de equipa entre professores e AO, para aprenderem a intervir e a trabalhar com a criança com NEE (Neves, 2016). As reuniões entre equipa, nomeadamente entre educador, AO e outros profissionais, como o professor de EE, que trabalhem com as mesmas crianças, devem ser frequentes, para que haja uma ação e intervenção articulada entre todos (Silva et al., 2016). As famílias na Austrália, em alguns estados, podem ter acesso a educadores de apoio para trabalharem em parceria com a escola, nomeadamente o pré-escolar, para responder às necessidades da criança (The Spectrum, s.d.a). Em Portugal, um Centro Clínico para PEA oferece serviço de tutorização onde o profissional acompanha e apoia o aluno em todo o tempo escolar, auxiliando nas competências sociais e académicas e garante todos os cuidados necessários (Tutor A, 2022).

A entrevistada ProfEE (Anexo XIII) também não especifica as suas respostas em relação aos níveis de desenvolvimento e mostra que a influência no desenvolvimento está ligada à atitude e ao empenho da profissional e afirma que o acompanhamento desta profissional, nas atividades externas ao meio escolar, é essencial. “Desde que a colega queira fazer um bom trabalho (...) tem uma grande influência (...) eu acho que é fundamental o trabalho que ela faz com os miúdos que acompanha, por exemplo, à hipoterapia e mesmo em sala (...) acho que é muito bom... para que eu consiga ficar em sala snoezelen com outros

meninos, portanto, eu acho que... estas colegas se quiserem fazem um trabalho... excepcional (...) com estes miúdos (...) eu acho que é... é muito bom haver pessoas assim...” (ProfEE). O serviço dos SNA é fundamental para apoiar as crianças a alcançar as áreas do currículo escolar e, mesmo pertencendo ao pessoal não docente, nesta profissão dão o devido acompanhamento e apoio necessário em sala de aula e representam um suporte onde as crianças podem recorrer (Progressive College, 2022). Mas é de referir que o acompanhamento individual não tem necessariamente evoluções nas crianças com NEE pois a escola também deve apostar na qualidade dos profissionais (Frattura & Capper, 2007 como citado em AENEEL, 2014).

A AO5 (Anexo XXIV) também não se mostrou específica em relação à influência que tinha na criança nos diferentes níveis de desenvolvimento, mas afirma que acredita que a criança tem evoluções e partilha casos práticos. “Ela [assistente individual] (...) está há uns meses [com a criança] eu acho que evolui (...). Ele está melhor (...) a maneira de ele chegar às pessoas era bater (...) na cabeça... e eles não gostavam (...) Este ano já não está tanto... já está mais calminho (...)” (AO5).

A AOApóio (Anexo XXVII) demonstra que se esforça para fazer com que o seu trabalho com a criança influencie o seu desenvolvimento. “Eu tento sempre (...) com que ele consiga (...) desenhar, ele pede-me e eu vou (...) correr... tento sempre que aqui... e ele já vai (...) e tento sempre, jogar à bola (...) sabe os nomes deles [seus pares] (...) ainda não bem... [entender regras] (...) Sim, também [na influência na linguagem e comunicação]” (AOApóio). “As crianças são aprendizes ativos que estão interessados em formar e testar hipóteses sobre o mundo. O seu conhecimento aumenta quando interagem com objetos e pessoas” (Sally e Geraldine, 2014, p.3). A escola deve-se concentrar na oferta de apoios diversos e adequados às crianças com PEA para realizar a devida inclusão (IGEC, 2016). Uma intervenção precoce de qualidade pode obter um desenvolvimento com efeitos positivos. As intervenções com maior sucesso são as que são desenvolvidas pelos pais e outros cuidadores, onde existe a convivência e ligação emocional entre adulto e criança (Carvalho et al., 2016).

6. REQUISITOS ESSENCIAIS

6.1 REQUISITOS ESSENCIAIS DA ASSISTENTE OPERACIONAL DE APOIO INDIVIDUAL

Quando questionado às participantes no estudo que têm uma AO no acompanhamento e apoio individual, quais os requisitos que este profissional deveria ter, a EI1 (Anexo VIII) afirma que o perfil de uma pessoa calma, paciente, persistente, meiga, segura, confiante e firme seria o mais indicado para trabalhar com a criança com PEA. “(...) tem de ter muita calma (...) paciência, persistência (...) Não pode ceder (...) logo à primeira... àquilo (...) que eles querem (...) acima de tudo tem que ser muito meiga e (...) dar muito colo e dar (...) muita segurança, muita confiança (...) eles têm que sentir que podem confiar em nós, que estamos cá para os ajudar (...) por outro lado temos que ter também muita firmeza! Quando dizemos uma coisa é para cumprir (...)” (EI1). Os assistentes de apoio devem ter um perfil atencioso, excelentes competências na comunicação e uma grande vontade em ajudar crianças com NEE o que lhes dará a capacidade e paciência necessária para conseguir enfrentar os comportamentos mais desafiadores (Progressive College, 2022).

A entrevistada ProfEE (Anexo XIII) acha que não são necessários requisitos em concreto e que o mais importante é a profissional ter motivação, sensibilidade e empenho para trabalhar com as crianças com PEA. “(...) nem é preciso (...) grandes requisitos (...) é mesmo ter sensibilidade e ter vontade de trabalhar (...) com estes miúdos (...) Querer que eles se desenvolvam, querer ajudar no crescimento deles... acho que bastava isso...” (ProfEE).

A AO5 (Anexo XXIV), que tem na sala uma AO de apoio individual respondeu que esta profissional deveria ter formação sobre NEE e, também, sobre as PEA. “(...) pelo menos a formação... dos NEE’s, saber (...) o que é que representa o autismo, os sinais e... o que é que eles gostam de fazer, o que é que eles... não gostam de fazer (...)” (AO5). A AO Apoio (Anexo XXVII) afirma que “uma formação sobre mesmo de... autismo” (AO Apoio) seria o requisito essencial para esta profissional. Os TAD, por exemplo, realizam formação com certificação para poderem exercer esta profissão (The Spectrum, s.d.b).

Quando questionadas as entrevistadas que não têm uma AO no acompanhamento e apoio individual, acerca de quais os requisitos que este profissional deveria ter, a EI2 (Anexo X) declara que esta profissional deveria ter formação dentro da educação pré-escolar e que teria de ter paciência e compreensão no seu perfil. “(...) tinha que ter formação no pré-escolar (...) o perfil de uma pessoa paciente e compreensiva (...) porque pode ter o curso e não ter minimamente o... perfil adequado (...)” (EI2). Uma das funções das AO é comparecer e empenhar-se em ações de formação (Decreto-Lei n.º 184/2004, 2004). O profissional que trabalha com crianças com NEE deve ter gosto no que faz, ser responsável, firme, humilde, compreensivo e carinhoso, colocar limites e regras sempre que necessário e ter a ambição de ensinar novas aprendizagens às crianças (Neves, 2016).

As assistentes AO1, AO2, AO3 e AO4 (Anexos XVI, XVIII, XX e XXII) têm respostas comuns onde afirmam que esta profissional deveria ter formação específica na área da educação especial. “Deveria ter formação para tal.” (AO1). “É formação. (...) precisamos de ter (...) alguma bagagem para que possamos saber o que é que podemos fazer com esta criança. (...) podemos sempre tentar procurar formações que nos ensinem (...)” (AO2). “Pelo menos que tivesse formação específica (...) estaria dentro do assunto (...) como agir com a criança (...)” (AO3). “Acho que tinha que ter alguma formação em educação especial...” (AO4). A formação e o perfil adequado dos docentes de EE e do pessoal não docente, nomeadamente as AO que acompanham crianças com NEE, é algo discutido devido à sua importância para as melhores respostas de intervenção educativa (CNE, 2014b).

A AO2 e a AO4 ainda acrescentam sobre o trabalho que esta profissional deveria ter com as crianças com PEA. “(...) também... é na base do amor, se isto funcionar com amor, se as pessoas tiverem... paciência, ser persistente, não desistir (...) porque tem dias que não é fácil (...) saímos daqui muito cansadas porque é um dia difícil...” (AO2). “(...) não podemos falar da mesma maneira, ela [a criança com PEA] não vai perceber da mesma maneira (...) que outra criança.” (AO4). O assistente de apoio é alguém que a criança com PEA irá confiar no meio escolar e, isso, será essencial para ganharem confiança, autonomia, independência e segurança (Progressive College, 2022).

É de referir, ainda, que, segundo Azad et al. (2015), no seu estudo feito nos EUA, foi percebido que os assistentes de apoio individual estavam envolvidos apenas 57% do tempo de trabalho e isso poderia estar relacionado com a falta de formação e supervisão

para poderem interagir e colocar em prática estratégias e ferramentas para trabalhar com as crianças com PEA. Para além disto, também poderia estar relacionado com o pouco tempo (apenas 2%) dedicado pelos docentes de EE à supervisão destes profissionais. Também Santos (2019) demonstra que é essencial, os auxiliares de apoio na inclusão de crianças com deficiência, terem os devidos conhecimentos para garantir a evolução da criança com NEE. Elias (2021) mostra que as AO têm um papel fundamental na inclusão das crianças com PEA devido ao apoio e acompanhamento que oferecem na realização das atividades e na rotina diária, mas mostram que a formação desenvolvida carece de prática e conteúdo adequado à intervenção que realizam.

CONCLUSÕES

O presente estudo, indo ao encontro do apresentado nos capítulos anteriores, veio responder à questão de se o acompanhamento e o apoio individual diário de assistentes operacionais, nomeadamente auxiliares de ação educativa, contribui para o desenvolvimento das crianças com PEA em educação pré-escolar, de acordo com a perceção do(s) educador(es) de infância, professor(es) de educação especial e assistente(s) operacional(ais). Na investigação foi utilizada a pesquisa qualitativa e entrevistas semiestruturadas para responder aos objetivos definidos. Os resultados apresentados não permitem quaisquer generalizações, pois trata-se de um estudo de caso, mas acredita-se que foi possível responder à questão de partida e aos objetivos mencionados.

Considerando o primeiro objetivo, descrever as ações de AO para com as crianças com autismo em salas de educação pré-escolar, tendo por base a análise e interpretação de resultados, entende-se que estas profissionais trabalham diretamente com crianças, incluindo crianças com NEE, que realizam trabalho de acompanhamento e auxílio a todas as crianças no grupo em que se encontram e trabalham na vertente evolutiva da autonomia e independência das crianças. Quando têm o papel de assistente de apoio individual às crianças com PEA, trabalham em parceria, principalmente, com as educadoras de infância e também seguem as indicações do docente de EE. Os AO têm direito de participar em tarefas de ação educativa e poderão, até, sugerir propostas de melhoria. Também podem participar em ações educativas para se responder às necessidades existentes (Decreto-Lei n.º 57/80, 1980). É parte das funções deste profissional cooperar na preparação das atividades socioeducativas do meio escolar (Decreto-Lei n.º 184/2004, 2004).

Em relação ao segundo objetivo, identificar a necessidade de AO no acompanhamento e apoio para com crianças com autismo em educação pré-escolar, foi notório, na análise e interpretação das entrevistas, a necessidade destes profissionais na resposta às particularidades das crianças com PEA. Devido ao facto de os grupos em educação pré-escolar serem numerosas, o apoio necessário para estas crianças nem sempre existe. Também foi percebido que a presença de assistentes de apoio individual é essencial para estarem focadas apenas na criança, pois a maior parte apresenta dificuldades de concentração e atenção. Para além disto, são importantes para conseguirem corresponder a certas particularidades das crianças com PEA, tais como, momentos desafiadores,

trabalharem e estimularem certas questões pedagógicas, poderem dar resposta a momentos do dia-a-dia, como por exemplo na alimentação, e trabalharem a independência e autonomia da criança.

As respostas analisadas foram ao encontro da literatura encontrada. Apesar da escassez de estudos relacionados com a importância destas profissionais nas funções de acompanhamento e apoio individual diário a crianças com PEA, foram encontradas investigações que demonstram as dificuldades sentidas para responder à inclusão destas crianças no meio escolar. No estudo de Novais (2017), tinham como obstáculo os grupos numerosos, demonstrando que as crianças com PEA requerem mais atenção, o que é desafiador, não conseguindo responder a esta dificuldade. Afirmam que devia existir um acompanhamento especializado ou individualizado para a criança com PEA. Também Sousa (2017) e Valente (2017) demonstraram que o número elevado de crianças em sala torna difícil a inclusão das crianças com PEA e que existe falta de apoio, recursos humanos e acompanhamento especializado.

As AO têm um papel fundamental na inclusão das crianças com PEA devido ao apoio, acompanhamento e auxílio que oferecem às mesmas na realização das atividades e na rotina diária (Elias, 2021). As escolas devem identificar quais são as barreiras que o aluno enfrenta no processo de aprendizagem e procurar estratégias para as enfrentar (Decreto-lei n.º54/2018, 2018). O sistema educativo tem a missão de promover o sucesso escolar de todas as crianças, assegurando equidade no acesso e nos resultados educativos e, para isso, terá de criar formas orientadoras para isso acontecer (CNE, 2014b). Na maior parte dos países europeus são implementados algum tipo de planeamento de apoio, de educação ou de aprendizagem individual (AENEEI, 2014).

Respondendo ao terceiro objetivo, analisar o contributo de AO no desenvolvimento das crianças com autismo em educação pré-escolar, de acordo com a perceção do(a) educador(a) de infância, professor(a) de educação especial e assistente(s) operacional(ais), é entendido, na análise e interpretação dos resultados, que foi mais desafiador responder a este objetivo pois o trabalho da AO de apoio individual, das entrevistas realizadas, era relativamente recente, cerca de quatro meses, o que não foi possível entender de forma clara se a profissional teve impacto no desenvolvimento da criança. Da mesma forma a literatura existente não permitiu responder de forma clara a este objetivo.

Apesar disso, foi entendido pelas entrevistadas que esta profissional transmite confiança e segurança, é uma referência que a criança recorre em momentos necessários, contribui na continuidade do processo de socialização da criança, a forma de comunicação e interação com os colegas é mais calma que anteriormente e a sua presença nas atividades externas é essencial. Também é entendido que a influência do desenvolvimento da criança com PEA vai ao encontro do trabalho de equipa realizado e na sequência do trabalho da AO de apoio ao seguir as orientações da educadora de infância e da professora de EE. Os recursos humanos que dão auxílio na aprendizagem e inclusão dos alunos são os professores de EE, os técnicos especializados e, também, os AO, dando prioridade a quem tem alguma formação própria. O professor de EE deve apoiar e colaborar com os restantes professores dos alunos com NEE na partilha e criação de ferramentas para realizar uma pedagogia diferenciada. (Decreto-Lei n.º 54/2018, 2018).

Relativamente ao último objetivo, valorizar a função de AO no acompanhamento e apoio individual da criança com autismo em salas de educação pré-escolar, foi entendido na análise e interpretação dos resultados que, tanto as educadoras de infância, como a professora de EE, demonstraram a importância e relevância de ter estes profissionais ao seu lado no trabalho de acompanhamento, auxílio, intervenção e apoio às crianças com PEA. Também as próprias AO de sala valorizaram a presença destes profissionais, nestas funções, e que ajudaria na regulação, foco e atenção das crianças com PEA. Foram analisados, também, os requisitos essenciais deste profissional, tendo sido identificada a necessidade de formação específica para trabalhar com crianças com PEA e de profissionais com o perfil adequado, nomeadamente uma pessoa paciente, calma, meiga, confiante, segura, compreensiva, persistente e firme e com vontade, motivação e sensibilidade para trabalhar com este público.

O estudo de Azad et al. (2015), que analisou como é que os assistentes individuais utilizavam o seu tempo em sala de aula, ou seja, procurou perceber se estavam realmente envolvidos no apoio às crianças com PEA, aponta para o facto de estes profissionais utilizarem pouco mais de metade do seu tempo na dedicação às crianças o que poderá dever-se à falta de formação e supervisão para poderem intervir com as mesmas. O acompanhamento individual não faz com que haja necessariamente avanços nas crianças com NEE pois as instituições escolares devem-se preocupar com a qualidade dos profissionais para realizar as devidas mudanças, e não na quantidade (Frattura & Capper,

2007 como citado em AENEEL, 2014). O CNE sugere a valorização da formação dos profissionais envolvidos com crianças com NEE (CNE, 2020a).

Uma das limitações do presente estudo está relacionada com a pesquisa de literatura e de estudos, pois não existem estudos idênticos ou semelhantes aos objetivos da presente investigação, para que se pudessem estabelecer comparações. Outra das limitações sentidas foi o receio de adiar a recolha de dados pela exigência de diversos diretores ao pedido à DGE pois sabia-se que poderia levar meses até à resposta da direção, mas, felizmente, tudo aconteceu dentro de datas possíveis para poder realizar a recolha de dados, analisar e interpretar os resultados.

Considera-se que o estudo em questão poderia, futuramente, ser alargado através da entrevista a mais profissionais, de diferentes regiões e instituições, para compreender melhor a influência destes profissionais no desenvolvimento de crianças com PEA. Acredita-se que a profissão de assistente individual de apoio a crianças com PEA e outras NEE deverá evoluir em Portugal, pois é notório que, noutros países, existe uma procura maior destes profissionais, aos quais são proporcionados mais apoios para a presença destes profissionais.

Para finalizar este estudo é de salientar que se considera relevante e pertinente a presente investigação para a área da educação especial, para a valorização da profissão dos assistentes operacionais e para a perceção da necessidade de apoios para a inclusão de crianças com PEA na educação pré-escolar. Foi entendida a importância de intervir em idades precoces para atenuar outras dificuldades que a criança apresente no desenvolvimento (Carvalho et al., 2016) e, por isso, neste período de vida das crianças é importante uma intervenção adequada e de qualidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Agência Europeia para as Necessidades Especiais e a Educação Inclusiva. (2014). *Organização dos Recursos para o Apoio à Educação Inclusiva – Relatório Síntese*. Agência Europeia para as Necessidades Especiais e a Educação Inclusiva.

Agência Europeia para as Necessidades Especiais e a Educação Inclusiva. (2017). *Educação Pré-Escolar Inclusiva - Novas Perspetivas e Ferramentas - Relatório Síntese Final*. Agência Europeia para as Necessidades Especiais e a Educação Inclusiva.

Amado, J. (2014). *Manual de Investigação Qualitativa em Educação*. Imprensa da Universidade de Coimbra.

American Psychiatric Association (2014). *Manual de Diagnóstico e Estatística das Perturbações Mentais – Quinta Edição – DSM-5*. Climepsi Editores.

Antunes, N. L. (2018). *Sentidos - O grande livro das perturbações do desenvolvimento e comportamento*. Lua de Papel.

Autism Support Team - NCC Educational Psychology (2023). *Autism Specialist Support Assistant Team. Norfolk Community Directory*. <https://communitydirectory.norfolk.gov.uk/Services/9658>

Azad, G. F., Locke, J., Downey, M. M., Xie, M. & Mandell, D. S. M. (2015). One-to-One Assistant Engagement in Autism Support Classrooms. *Teacher Education and Special Education*. 38(4), 337–346. <https://journals.sagepub.com/doi/10.1177/0888406415603208>

Baía, J. S., Pereira, J. D. L. & Lopes, M. S. (2022). *Educação, Inclusão e Diversidade*. INTERVENÇÃO – Associação para a promoção e divulgação cultural.

Carmo, H. & Ferreira, M. M. (1998). *Metodologia da investigação: guia para auto-aprendizagem*. Universidade Aberta.

Carvalho, L., Almeida, I. C., Felgueiras, I., Leitão, S., Boavida, J., Santos, P. C., Serrano, A., Brito, A. T., Lança, C., Pimentel, J. S., Pinto, A. I., Grande, C., Brandão, T. & Franco,

V. (2016). *Práticas Recomendadas em Intervenção Precoce na Infância: Um Guia para Profissionais*. Associação Nacional de Intervenção Precoce.

Caeiro, A. P. R. & Correia, I. M. T. (2021). *Intervir a tempo e com tempo nos primeiros anos de vida. Contributos para a Intervenção Precoce na Infância*. Associação de Profissionais de Educação Infância.

Circular 0020/2014 do Departamento de Educação e Habilidades da Secção de Educação Especial da Irlanda. (2014). Governo da Irlanda: 0056/2009 0009/2009. <https://www.gov.ie/en/circular/6bd98fc663124c54a1c9f8a5c3e2def2/>

Conselho Nacional da Educação. (2014a). *Relatório Técnico - Políticas Públicas de Educação Especial*. Conselho Nacional de Educação.

Conselho Nacional da Educação. (2014b). *Políticas Públicas de Educação Especial*. Conselho Nacional de Educação.

Conselho Nacional da Educação. (2020a). *Estado da Educação 2019*. Conselho Nacional da Educação.

Conselho Nacional da Educação. (2020b). *Relatório Técnico - A condição dos assistentes e dos técnicos especializados que integram as atividades educativas das escolas*. Conselho Nacional da Educação.

Coutinho, C. P. (2014). *Metodologia de Investigação em Ciências Sociais e Humanas: teoria e prática*. Almedina.

CUF. (2020). Perturbação do Espectro do Autismo (PEA). <https://www.cuf.pt/saude-a-z/perturbacao-do-espectro-do-autismo>

Decreto-Lei n.º 3/2008 do Ministério da Educação. (2008). Diário da República: I Série, n.º 4/2008. <https://dre.pt/dre/detalhe/decreto-lei/3-2008-386871>

Decreto-Lei n.º 36/508 do Ministério da Educação Nacional. (1947). Diário da República: I Série n.º 216/47.

Decreto-Lei n.º 54/2018 da Presidência do Conselho de Ministros. (2018). Diário da República, I Série n.º 129/2018. <https://dre.pt/dre/detalhe/decreto-lei/54-2018-115652961>

Decreto-Lei n.º 57/80 do Ministério da Educação e Ciência. (1980). Diário da República: I Série n.º 72/1980.

Decreto-Lei n.º 121/2008 do Ministério das Finanças e da Administração Pública. (2008). Diário da República: I Série, n.º 133/2008. <https://dre.pt/dre/detalhe/decreto-lei/121-2008-456561>

Decreto-Lei n.º 147/97 do Ministério da Educação. (1997). Diário da República: I-A Série n.º 133/1997.

Decreto-Lei n.º 184/2004 do Ministério da Educação. (2004). Diário da República: I Série A, n.º 177/2004. <https://dre.pt/dre/detalhe/decreto-lei/184-2004-502396>

Decreto-Lei n.º 223/87 do Ministério da Educação e Cultura. (1987). Diário da República: I Série n.º 124/1987.

Decreto-Lei n.º 281/2009 do Ministério da Saúde. (2009). Diário da República: I Série, n.º 193/2009. <https://dre.pt/dre/detalhe/decreto-lei/281-2009-491397>

Decreto-Lei n.º 515/99 do Ministério da Educação. (1999). Diário da República: I Série A, n.º 274/99. https://dre.pt/dre/detalhe/decreto-lei/515-643091?_ts=1672617600034

Decreto-Lei n.º 37029 do Ministério da Educação Nacional. (1948). Diário da República: I Série n.º 198/1948.

Decreto-Lei n.º 49410 da Presidência do Conselho e Ministério das Finanças. (1969). Diário da República: I Série n.º 275/1969. <https://dre.pt/dre/detalhe/decreto-lei/49410-1969-176301>

Despacho Normativo n.º 10-A/2018 da Educação - Gabinetes da Secretária de Estado Adjunta e da Educação e do Secretário de Estado da Educação. (2018). Diário da República: II Série n.º 116/2018. <https://diariodarepublica.pt/dr/detalhe/despacho-normativo/10-a-2018-115552668>

Elias, M. F. (2021). *O papel de assistentes operacionais na inclusão de crianças com transtorno do espectro do autismo*. [Dissertação de mestrado]. Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias - Instituto de Educação.

Gonçalves, A. S. S. (2019). *Representações dos profissionais de educação na inclusão de crianças com Perturbação do Espectro do Autismo no âmbito do contexto pré-escolar e escolar*. [Dissertação de mestrado]. Escola Superior de Educação de Paula Frassinetti.

Inspeção-Geral da Educação e Ciência. (2016). *A Escola Inclusiva: Desafios*. Inspeção-Geral da Educação e Ciência (IGEC).

Ireland's National Autism Charity. (s.d.). *Special Needs Assistant (SNA)*. ASIAM. <https://asiam.ie/special-needs-assistant-sna-support/>

Lei n.º 46/86 da Assembleia da República. (1986). Diário da República: I Série, n.º 237/1986. <https://dre.pt/dre/detalhe/lei/46-1986-222418>

Lei n.º 5/97 da Assembleia da República. (1997). Diário da República: I Série A, n.º 34/1997. <https://dre.pt/dre/detalhe/lei/5-1997-561219>

Lima, V. M. R., Ramos, M. G. & Paula, M. C. (2019). *Métodos de Análise em Pesquisa Qualitativa: Releituras Atuais*. EdiPUCRS. <https://search.ebscohost.com/login.aspx?direct=true&db=nlebk&AN=2253232&lang=pt-pt&site=eds-live&scope=site>

Neves, D. A. S. (2016). *O papel do assistente operacional na construção da escola inclusiva – um contributo para o esboço do seu perfil* [Dissertação de mestrado]. Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Coimbra.

Novais, M. G. P. (2017). *Perturbação do Espectro do Autismo na Educação Pré-Escolar: Estratégias de Inclusão* [Dissertação de mestrado]. Escola Superior de Educação de Paula Frassinetti.

Oliveira, M., Rodrigues, M. & Milhano, S. (2021). *Diálogos sobre Educação de Infância. Cruzar Olhares entre a formação e o chão de escola*. Associação de Profissionais de Educação de Infância – Escola Superior de Educação e Ciências Sociais do Instituto Politécnico de Leiria.

Oliveira, D. P. C. (2018). *Inclusão de uma criança com perturbação do espectro do autismo em contexto educativo – estudo de caso* [Dissertação de mestrado]. Escola Superior de Educação de Paula Frassinetti.

Papalia, D. E. & Martorell, G. A. (2021). *Experience Human Development*. McGraw-Hill Education.

Pedro, F. E. (2021). *Os/As Auxiliares de Ação Educativa em Educação de Infância: Conceções, Papéis e Funções* [Dissertação de mestrado]. Politécnico de Lisboa.

Portaria n.º 272-A/2017 da Presidência do Conselho de Ministros, Finanças e Educação. (2017). Diário da República: I Série, n.º 177/2017. <https://dre.pt/dre/detalhe/portaria/272-a-2017-108141749>

Portaria n.º 73-A/2021 das Finanças, Modernização do Estado e da Administração Pública e Educação. (2021). Diário da República: I Série, n.º 62/2021. <https://dre.pt/dre/detalhe/portaria/73-a-2021-160534625>

Progressive College. (2022, fevereiro 9). *How SNA Help Children With Autism*. Progressive College Established 1986. <https://progressivecollege.ie/how-sna-help-children-with-autism/>

Quivy, R. & Campenhoudt, L. (1998). *Manual de Investigação em Ciências Sociais*. Gradiva.

Santos, E. J. (2019). *O Auxiliar de Apoio ao Educando na Inclusão da Criança com Deficiência*. [Trabalho de conclusão de curso]. Universidade Federal de Minas Gerais - Faculdade de Educação.

Silva, B. M. L. (2019). *As representações dos auxiliares da ação educativa*. [Dissertação de mestrado]. ISPA – Instituto Universitário.

Silva, I. L., Marques, L., Mata, L. & Rosa, M. (2016). *Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar*. Ministério da Educação/Direção-Geral da Educação (DGE). <https://www.dge.mec.pt/orientacoes-curriculares-para-educacao-pre-escolar>

Sally, J. R. & Geraldine, D. (2014). *Intervenção Precoce em Crianças com Autismo. Modelo Denver para a Promoção da Linguagem, da Aprendizagem e da Socialização*. Lidel.

Sousa, S. A. D. (2017). *Condições necessárias a uma instituição para educar uma criança com perturbação do espectro do autismo – Estudo de caso* [Dissertação de mestrado]. Escola Superior de Educação de Paula Frassinetti.

The Spectrum. (s.d.a) *Autism support in early childhood*.
<https://thespectrum.org.au/autism-support-services/early-childhood/>

The Spectrum. (s.d.b). *Disability Support Worker for people with autism*.
<https://thespectrum.org.au/autism-support-services/professionals/disability-support-worker-for-people-with-autism/>

Tutor A. (2022). *Sobre Nós*. <https://www.tutora.pt/sobre-nos/>

UNESCO. (1998). *Declaração de Salamanca sobre Princípios, Política e Práticas na Área das Necessidades Educativas Especiais*. UNESCO.

Valente, A. I. T. (2017). *Participação das crianças com perturbação do espectro do autismo, nas salas do pré-escolar: perspetivas de educadores do ensino regular e da educação especial* [Dissertação de mestrado]. Universidade do Minho do Instituto de Educação.

Ventura, M. M. (2007). O Estudo de Caso como Modalidade de Pesquisa. *Pedagogia Médica*, 20(5), 383-386.

Vicente, A. M., Conceição, I., Miranda, N., Bourbon, M. & Rasga, C. (s.d.). *Sabe o que é? O Autismo*. Instituto Nacional de Saúde Doutor Ricardo Jorge.
<http://hdl.handle.net/10400.18/3444>

ANEXOS

ANEXO I – PEDIDO À DIREÇÃO-GERAL DA EDUCAÇÃO

Monitorização de Inquéritos em Meio Escolar	
Início » Consultar inquéritos » Ficha de inquérito	
Identificação da Entidade / Interlocutor	Adriana Carreira <input type="button" value="Sair"/>
Nome da entidade:	Adriana Carreira
Nome do Interlocutor:	Marta Fonseca
E-mail do interlocutor:	marta.fonseca@ipleiria.pt
Dados do Inquérito	Área reservada
Número de registo:	<ul style="list-style-type: none">Dados da entidadeConsultar inquéritosRegistar inquéritoInstruções
1287600001	<ul style="list-style-type: none">InícioPesquisar inquéritos
Designação:	
Acompanhamento e apoio individual diário a crianças com autismo na educação pré-escolar	
Descrição:	
Este estudo será realizado no âmbito do Mestrado de Educação Especial – Domínio Cognitivo-Motor, da Escola Superior de Educação e Ciências Sociais, do Instituto Politécnico de Leiria.	
<p>A temática insere-se no acompanhamento e apoio individual diário por parte de assistentes operacionais - auxiliares de ação educativa - a crianças com perturbação do espectro do autismo (PEA) em educação pré-escolar.</p> <p>Na investigação pretende-se realizar a recolha de dados em escolas de educação pré-escolar (jardins de infância) através de entrevistas semiestruturadas, ao pessoal docente e não docente que se encontra em interação com a(s) criança(s) com PEA, ou seja, educadores(as) de infância, assistentes operacionais (de sala e de apoio individual à criança, caso existam) e professor(es) de educação especial, pertencentes a um agrupamento de escolas do território português.</p> <p>Este trabalho é orientado pela professora Doutora Marta Fonseca.</p> <p>Objetivos:</p> <p>Os principais objetivos do estudo são:</p> <ul style="list-style-type: none">- Identificar a necessidade de assistentes operacionais no acompanhamento e apoio para com crianças com autismo em educação pré-escolar;- Descrever as ações de assistentes operacionais para com as crianças com autismo em salas de educação pré-escolar;- Analisar o contributo de assistentes operacionais no desenvolvimento das crianças com autismo em educação pré-escolar, de acordo com a perceção do(a) educador(a) de infância, professor(a) de educação especial e assistente(s) operacional(ais);- Valorizar a função de assistente operacional no acompanhamento e apoio individual da criança com autismo em salas de educação pré-escolar. <p>Periodicidade:</p> <p>Pontual</p> <p>Data do início do período de recolha de dados:</p> <p>20-03-2023</p>	

Data do fim do período de recolha de dados:	31-05-2023
Universo:	Educadores(as) de Infância, Professor(es) de Educação Especial e Assistentes Operacionais
Unidade de observação:	Jardins-de-Infância pertencentes a um Agrupamento de Escolas (com crianças com PEA diagnosticadas em sala) do território português
Método de recolha de dados:	Entrevistas semiestruturadas
Inquérito registado no Sistema Estatístico Nacional:	Não
Inquérito aplicado pela entidade:	Não. Inquérito a ser aplicado por Estudante Adriana Carreira da Escola Superior de Educação e Ciências Sociais do Politécnico de Leiria
Instrumento de inquirição:	12876_202303091731_Documento1.pdf (PDF - 95,60 KB)
Nota metodológica:	12876_202303091731_Documento2.pdf (PDF - 69,04 KB)
Outros documentos:	12876_202303111354_Documento3.pdf (PDF - 410,76 KB)
Data de registo:	09-03-2023
Versão:	1 (1)

ANEXO II - PEDIDO DE AUTORIZAÇÃO À DIREÇÃO

Pedido de Autorização para Recolha de Dados

Ex.mo(a). Sr.(a):

O meu nome é Adriana Carreira, sou estudante do Mestrado em Educação Especial – Domínio Cognitivo-Motor, da Escola Superior de Educação e Ciências Sociais, do Instituto Politécnico de Leiria.

Neste momento estou a realizar o meu relatório de projeto e a temática insere-se no acompanhamento e apoio individual diário por parte de assistentes operacionais - auxiliares de ação educativa – a crianças com perturbação do espetro do autismo (PEA) em educação pré-escolar.

Os principais objetivos do meu estudo são:

- Identificar a necessidade de assistentes operacionais no acompanhamento e apoio para com crianças com autismo em educação pré-escolar;
- Descrever as ações de assistentes operacionais para com as crianças com autismo em salas de educação pré-escolar;
- Analisar o contributo de assistentes operacionais no desenvolvimento das crianças com autismo em educação pré-escolar, de acordo com a perceção do(a) educador(a) de infância, professor(a) de educação especial e assistente(s) operacional(ais);
- Valorizar a função de assistente operacional no acompanhamento e apoio individual nas crianças com autismo em salas de educação pré-escolar.

No estudo pretende-se realizar a recolha de dados em escolas de educação pré-escolar através de entrevistas semiestruturadas ao pessoal docente e não docente que se encontra em interação com a(s) criança(s) com PEA, ou seja, educadores(as) de infância,

assistentes operacionais (de sala e de apoio individual à criança, caso existam) e professor(es) de educação especial.

A investigação referida tem como orientadora a professora Doutora Marta Fonseca.

Esta recolha de dados será realizada pela estudante Adriana Carreira, presencialmente, no local de trabalho dos participantes e através da gravação de áudio, com o pedido e consentimento informado e antecipado aos mesmos.

Todas as informações fornecidas serão confidenciais e utilizadas apenas no estudo em questão.

Para tal, gostaria de solicitar a sua autorização e colaboração para a recolha de dados ao pessoal docente e não docente que seja necessária para a investigação acima referida.

Agradeço, desde já, toda a sua atenção e disponibilidade e decerto que o seu contributo irá ajudar a desenvolver este estudo.

Pedido de Autorização ao(à) Diretor(a)

Eu

Diretor(a) do Agrupamento

autorizo/não autorizo a recolha de dados no âmbito do estudo de investigação
“Acompanhamento e apoio individual diário a crianças com autismo na educação pré-
escolar”.

O(A) Diretor(a):

_____, ____ de _____ de 20 ____

Estudante que realiza a investigação:

(Adriana Carreira)

ANEXO III – PEDIDO DE AUTORIZAÇÃO AOS PARTICIPANTES

Carta explicativa do estudo aos participantes

Estudante Adriana Carreira | Professora Doutora Marta Fonseca

Acompanhamento e apoio individual diário a crianças com autismo
na educação pré-escolar

O meu nome é Adriana Carreira, sou estudante do Mestrado em Educação Especial – Domínio Cognitivo-Motor, da Escola Superior de Educação e Ciências Sociais, do Instituto Politécnico de Leiria.

Gostaria de convidá-lo(a) a participar num estudo que estou a realizar para o meu relatório de projeto, cuja temática é o acompanhamento e apoio individual diário por parte de assistentes operacionais - auxiliares de ação educativa - a crianças com perturbação do espectro do autismo (PEA) em educação pré-escolar.

A recolha de dados será realizada por mim, presencialmente, no seu local de trabalho, através da gravação de áudio, com a sua autorização e consentimento.

Todas as informações fornecidas serão confidenciais e utilizadas apenas no estudo em questão.

Para tal, gostaria, assim, de solicitar a sua autorização e colaboração para a recolha de dados para a amostra da investigação acima referida.

Agradeço, desde já, toda a sua atenção e disponibilidade e decerto que o seu contributo irá ajudar a desenvolver este estudo.

ESTE DOCUMENTO É COMPOSTO POR 3 PÁGINAS E CONSTITUÍDO EM
DUPLICADO: UMA VIA PARA A ESTUDANTE E OUTRA PARA O/A
PARTICIPANTE

A participação no estudo é voluntária. A presente investigação não apresenta qualquer risco, não traz qualquer vantagem ou desvantagem direta para os que nele participam.

Se aceitar participar no estudo poderá desistir do mesmo em qualquer momento sem ter que declarar qualquer tipo de explicação.

Todos os dados recolhidos serão codificados e tratados de forma anónima e confidencial, ficando à responsabilidade da estudante Adriana Carreira.

A decisão de participar implica a autorização da gravação em áudio da entrevista e a utilização dos dados para o estudo sobre a importância do acompanhamento e apoio individual diário por parte de assistentes operacionais - auxiliares de ação educativa - a crianças com PEA em educação pré-escolar do Mestrado em Educação Especial – Domínio Cognitivo-Motor, da Escola Superior de Educação e Ciências Sociais, do Instituto Politécnico de Leiria.

Quando os resultados do estudo forem apresentados, os dados originais recolhidos serão destruídos.

Caso tenha alguma dúvida ou questão, por favor contacte a estudante Adriana Carreira através do e-mail 1210102@my.ipleiria.pt.

Declaração de Consentimento Informado

Reconheço que os procedimentos de investigação descritos na carta explicativa me foram esclarecidos e todas as minhas questões foram clarificadas.

Compreendo, também, que a participação no estudo em questão não acarreta qualquer tipo de vantagens ou desvantagens.

Fui informado(a) que tenho o direito de recusar a minha participação e que a recusa não terá quaisquer consequências para mim. Entendo que tenho o direito de colocar qualquer questão durante o desenvolvimento do estudo.

Entendo que sou livre de não terminar o estudo sem ter de dar qualquer explicação.

Assim, declaro que aceito participar na investigação sobre o acompanhamento e apoio individual diário por parte de assistentes operacionais - auxiliares de ação educativa - a crianças com PEA em educação pré-escolar, com a salvaguarda da confidencialidade, anonimato e sem qualquer prejuízo pessoal de cariz ético ou moral.

O(A) Participante:

_____, ____ de _____ de 20____

Estudante que realiza a investigação:

(Adriana Carreira)

ESTE DOCUMENTO É COMPOSTO POR 3 PÁGINAS E CONSTITUÍDO EM DUPLICADO: UMA VIA PARA A ESTUDANTE E OUTRA PARA O/A PARTICIPANTE

ANEXO IV - NOTA METODOLÓGICA ENTREGUE À DIREÇÃO-GERAL DA EDUCAÇÃO

O estudo “Acompanhamento e apoio individual diário a crianças com autismo na educação pré-escolar” será realizado no âmbito do Mestrado de Educação Especial – Domínio Cognitivo-Motor, da Escola Superior de Educação e Ciências Sociais, do Instituto Politécnico de Leiria, pela estudante Adriana Maria Paulo Carreira, número 1210102, sob orientação da professora Doutora Marta Fonseca.

A temática insere-se na importância do acompanhamento e apoio individual diário por parte de assistentes operacionais - auxiliares de ação educativa - em crianças com perturbação do espectro do autismo (PEA) em educação pré-escolar e tem como principais objetivos:

- Identificar a necessidade de assistentes operacionais no acompanhamento e apoio para com crianças com autismo em educação pré-escolar;
- Descrever as ações de assistentes operacionais para com as crianças com autismo em salas de educação pré-escolar;
- Analisar o contributo de assistentes operacionais no desenvolvimento das crianças com autismo em educação pré-escolar, de acordo com a perceção do(a) educador(a) de infância, professor(a) de educação especial e assistente(s) operacional(ais);
- Valorizar a função de assistente operacional no acompanhamento e apoio individual da criança com autismo em salas de educação pré-escolar.

Na investigação pretende-se realizar a recolha de dados em escolas de educação pré-escolar (jardins de infância) através de entrevistas semiestruturadas, ao pessoal docente e não docente que se encontra em interação com a(s) criança(s) com PEA, ou seja, educadores(as) de infância, assistentes operacionais (de sala e de apoio individual à criança, caso existam) e professor(es) de educação especial, pertencentes a um agrupamento de escolas da Região Centro de Portugal.

A recolha de dados será realizada pela estudante Adriana Carreira, presencialmente, no local de trabalho dos participantes e através da gravação de áudio, com o pedido e consentimento informado e antecipado aos mesmos.

Todas as informações fornecidas serão confidenciais e utilizadas apenas no estudo em questão.

Quando os resultados do estudo forem apresentados, os dados originais recolhidos serão destruídos.

Caso surja alguma dúvida ou questão em relação ao estudo, por favor, contacte a estudante Adriana Carreira através do e-mail 1210102@my.ipleiria.pt.

ANEXO V - DECLARAÇÃO DA ORIENTADORA (ENTREGUE À DIREÇÃO-GERAL DA EDUCAÇÃO)



DECLARAÇÃO

Marta Sofia Abreu da Fonseca vem, na qualidade de orientadora de relatório de projeto de mestrado, declarar que tem conhecimento e está de acordo com a submissão, na plataforma da Direção-Geral da Educação, do pedido da estudante Adriana Maria Paulo Carreira (n.º 1210102) do Mestrado em Educação Especial – Domínio Cognitivo-Motor, da Escola Superior de Educação e Ciências Sociais, do Instituto Politécnico de Leiria, relativo ao relatório de projeto sobre “Acompanhamento e apoio individual diário a crianças com autismo na educação pré-escolar”. No presente estudo pretende-se realizar a recolha de dados em escolas de educação pré-escolar, através de entrevistas semiestruturadas, ao pessoal docente e não docente, que se encontra em interação com crianças com Perturbação do Espectro do Autismo, ou seja, educadores de infância, assistentes operacionais (de sala e de apoio individual à criança) e professores de educação especial.

A orientadora,

Assinado por: **MARTA SOFIA ABREU DA FONSECA**
Num. de identificação: 10039312
Data: 2023.03.08 13:56:37+00'00'



Professora Adjunta da Escola Superior de Educação e Ciências Sociais do Instituto Politécnico de Leiria

ANEXO VI – RESULTADO DO PEDIDO REALIZADO À DIREÇÃO-GERAL DA EDUCAÇÃO

Dados adicionais

Estado:

Aprovado

Avaliação:

Exmo.(a) Senhor(a) Adriana Carreira

Cumpre-nos informar que o pedido de realização de inquérito em meio escolar é aprovado uma vez que, submetido a análise, cumpre os requisitos, devendo atender-se às observações aduzidas.

Com os melhores cumprimentos

José Carlos Sousa

Diretor de Serviços

DGE

Observações:

a) A realização dos Inquéritos fica sujeita a autorização das Direções dos Agrupamentos de Escolas do ensino público a contactar para a realização do estudo. Merece especial atenção o modo, o momento e condições de aplicação dos instrumentos de recolha de dados em meio escolar, devendo fazer-se em estreita articulação com as Direções dos Agrupamento de Escolas.

b) Deve considerar-se o disposto legal em matéria de garantia de anonimato dos sujeitos e da sua não identificabilidade, confidencialidade, proteção e segurança dos dados pessoais a recolher e tratar no presente estudo, (inquéritos por entrevista gravada) devendo prever-se medidas adequadas e específicas para a defesa dos direitos fundamentais e dos interesses do titular. Deste modo, procura-se garantir o tratamento lícito dos mesmos e a conformidade com os termos procedimentais indicados e legislação em vigor. Considerados os documentos que foram anexados e para efeitos da proteção de dados a recolher junto dos inquiridos resultam obrigações que o responsável se propõe cumprir, enunciadas nos documentos apresentados. Destas deve dar conhecimento a todos os inquiridos e a quem intervenha na recolha e tratamento de dados. É obrigatório recolher o consentimento inequívoco, informado e esclarecido, junto dos inquiridos, em conformidade com exigência legal. Recomenda-se que, dado o exposto, para efeitos de proteção de dados e cumprimento do disposto legal, o responsável pela investigação e o/a Encarregado/a de Proteção de Dados da entidade de ensino superior responsável pelo estudo possam apoiar todo o processo, ponderando acionar medidas de salvaguarda previstas na lei para segurança dos dados pessoais e devida proteção dos titulares.

c) Atendendo à data de início do período de recolha de dados indicada, 20 -03-2023, já vencida, informa-se que a aplicação dos inquéritos só deverá ocorrer em data posterior à sua aprovação.

d) Mais se informa que a DGE não é competente para aprovar a realização de estudos/aplicação de inquéritos ou outros instrumentos em estabelecimentos de ensino privados.

Outras observações:

Sem observações.

Monotorização de Inquéritos em Meio Escolar: Inquérito nº 1287600001

mime.noreply@min-educ.pt <mime.noreply@min-educ.pt>

sex, 31/03/2023 09:49

Para:Adriana Maria Paulo Carreira <1210102@my.ipleiria.pt>;Marta Sofia Abreu da Fonseca <marta.fonseca@ipleiria.pt>

Atenção: Este email foi originado fora do Instituto Politécnico de Leiria. Por favor, não clique em links nem abra anexos, a não ser que reconheça o remetente e saiba que o conteúdo é seguro.

Exmo(a)s. Sr(a)s.

O pedido de autorização do inquérito n.º 1287600001, com a designação *Acompanhamento e apoio individual diário a crianças com autismo na educação pré-escolar*, registado em 09-03-2023, foi aprovado.

Avaliação do inquérito:

Exmo.(a) Senhor(a) Adriana Carreira

Cumpre-nos informar que o pedido de realização de inquérito em meio escolar é aprovado uma vez que, submetido a análise, cumpre os requisitos, devendo atender-se às observações aduzidas.

Com os melhores cumprimentos

José Carlos Sousa

Diretor de Serviços

DGE

Observações:

- a) A realização dos Inquéritos fica sujeita a autorização das Direções dos Agrupamentos de Escolas do ensino público a contactar para a realização do estudo. Merece especial atenção o modo, o momento e condições de aplicação dos instrumentos de recolha de dados em meio escolar, devendo fazer-se em estreita articulação com as Direções dos Agrupamento de Escolas.
- b) Deve considerar-se o disposto legal em matéria de garantia de anonimato dos sujeitos e da sua não identificabilidade, confidencialidade, proteção e segurança dos dados pessoais a recolher e tratar no presente estudo, (inquéritos por entrevista gravada) devendo prever-se medidas adequadas e específicas para a defesa dos direitos fundamentais e dos interesses do titular. Deste modo, procura-se garantir o tratamento lícito dos mesmos e a conformidade com os termos procedimentais indicados e legislação em vigor. Considerados os documentos que foram anexados e para efeitos da proteção de dados a recolher junto dos inquiridos resultam obrigações que o responsável se propõe cumprir, enunciadas nos documentos apresentados. Destas deve dar conhecimento a todos os inquiridos e a quem intervenha na recolha e tratamento de dados. É obrigatório recolher o consentimento inequívoco, informado e esclarecido, junto dos inquiridos, em conformidade com exigência legal. Recomenda-se que, dado o exposto, para efeitos de proteção de dados e cumprimento do disposto legal, o responsável pela investigação e o/a Encarregado/a de Proteção de Dados da entidade de ensino

superior responsável pelo estudo possam apoiar todo o processo, ponderando acionar medidas de salvaguarda previstas na lei para segurança dos dados pessoais e devida proteção dos titulares.

c) Atendendo à data de início do período de recolha de dados indicada, 20 -03-2023, já vencida, informa-se que a aplicação dos inquéritos só deverá ocorrer em data posterior à sua aprovação.

d) Mais se informa que a DGE não é competente para aprovar a realização de estudos/aplicação de inquéritos ou outros instrumentos em estabelecimentos de ensino privados.

Pode consultar na Internet toda a informação referente a este pedido no endereço <http://mime.dgeec.mec.pt>. Para tal terá de se autenticar fornecendo os dados de acesso da entidade.

ANEXO VII – GUIÃO DA ENTREVISTA AOS EDUCADORES DE INFÂNCIA

Bom dia. O meu nome é Adriana Carreira, sou estudante do mestrado de Educação Especial – Domínio Cognitivo-Motor, da Escola Superior de Educação e Ciências Sociais, do Instituto Politécnico de Leiria, e, neste momento, estou a realizar o meu relatório de projeto. A temática insere-se sobre o acompanhamento e apoio individual diário por parte de assistentes operacionais - auxiliares de ação educativa - em crianças com perturbação do espectro do autismo (PEA) em educação pré-escolar. Todas as respostas são confidenciais e serão utilizadas apenas para o estudo em questão.

Antes de iniciarmos, gostaria de saber se autoriza a gravação desta entrevista?

1 - Qual é a sua formação?

2 - A formação realizada formou-a para trabalhar com crianças com Necessidades Educativas Específicas, nomeadamente com crianças com PEA?

3 - Possui alguma formação contínua ou especializada em Educação Especial?

3.1 - Se sim, qual?

4 - Como descreve a sua experiência com a(s) criança(s) com PEA?

5 - Quais são as maiores dificuldades ao trabalhar com a(s) criança(s) com PEA?

6 – A(s) criança(s) com PEA com que trabalha tem algum tipo de acompanhamento ou apoio?

6.1 – Se sim, qual?

7 – Na(s) criança(s) com PEA que acompanha pensa que são prestados os respetivos apoios e recursos necessários?

7.1 – Se sim, quais?

8 – Que acompanhamentos e apoios acrescentaria à criança com PEA?

9 – Se a(s) criança(s) tem/tivesse uma profissional, nomeadamente uma assistente operacional, auxiliar de ação educativa, na função de acompanhamento e apoio individual diário à criança com PEA, sente que tem/tinha benefícios no desenvolvimento da mesma?

9.1 – Se sim, porquê?

9.2 – Se não, porquê?

10 – Como descreve a importância deste tipo de acompanhamento e apoio individual diário a uma criança com PEA?

11 – Se tem uma assistente operacional (se não, avance para a questão 12) no acompanhamento e apoio individual diário para a criança com PEA, de que forma é que o seu trabalho tem influência na criança ao nível do desenvolvimento psicomotor?

11.1 – E ao nível do desenvolvimento psicossocial?

11.2 – E ao nível do desenvolvimento cognitivo?

11.3 – E ao nível do desenvolvimento da linguagem e da comunicação?

12 – A(s) criança(s) com PEA se tem/tivesse este acompanhamento e apoio, que requisitos essenciais este profissional teria de ter?

ANEXO VIII - TRANSCRIÇÃO COMPLETA DA ENTREVISTA À EDUCADORA DE INFÂNCIA 1

Legenda: Entrevista à Educadora de Infância 1 – EI1

Codificação da Entrevista: EI1

A entrevista foi realizada com data e hora previamente marcada e gravada em áudio digital.

Duração: 18 minutos e 20 segundos

Entrevistadora: Então... boa tarde, meu nome é Adriana Carreira, sou estudante do mestrado de educação especial, domínio cognitivo e motor da Escola Superior de Educação e Ciências Sociais, do Instituto Politécnico de Leiria... e neste momento estou a realizar o meu relatório de projeto, a temática insere-se sobre o acompanhamento e apoio individual diário... por parte de assistentes operacionais, auxiliares de ação educativa, em crianças com perturbação do espectro do autismo (PEA)... em educação pré-escolar. Todas as respostas são confidenciais e serão utilizadas apenas para o estudo em questão. Antes de iniciamos gostaria de saber se autoriza a gravação desta entrevista.

EI1: Sim autorizo.

Entrevistadora: Então, em primeiro lugar, qual é que é a sua formação?

EI1: Eu tenho uma licenciatura em educação de infância.

Entrevistadora: Ok... e sua formação realizada formou-a para trabalhar com crianças com necessidades educativas específicas, nomeadamente crianças com PEA?

EI1: Não, na... minha formação inicial não tive... eu ao longo da minha... dos meus 34 anos de serviço, é que vou... e atualmente estou a frequentar, vai amanhã ser a... segunda sessão... de formações que eu vou... que vou...

Entrevistadora: Acrescentar.

EI1: ... vou fazendo, vou acrescentando para... para adquirir novos conhecimentos. Basicamente.

Entrevistadora: Ok e...

EI1: Mas na formação inicial... não tem cadeira... na minha formação inicial, não tinha cadeiras específicas...

Entrevistadora: Sobre.

EI1: ... sobre... não.

Entrevistadora: E... já acabou por responder, mas possui alguma formação contínua ou especializada em educação especial? Se sim, qual?

EI1: Não, eu não... formação especializada não tenho. Faço é... sempre que, que posso e que surgem... até mesmo através da Internet tenho assistido... a algumas sessões, tenho participado, neste âmbito, desde que... desde que tenho crianças com autismo na sala. Que já lá vai... já lá vão 4 anos que eu estou a acompanhar estas... estes 2 meninos que eu tenho na sala, atualmente.

Entrevistadora: E... como é que descreve a sua experiência, a experiência com que a criança com PEA? Ou com as crianças...?

EI1: Eu tenho... 2 crianças diferentes... com níveis e graus de autismo diferentes... tenho um... que pronto, que se vê progressos e se vê que, que é um autismo... ligeiro e pode ser no futuro... funcional, um autismo funcional. A... tenho outro bastante mais grave com outras... complicações, quer de saúde, quer de um... síndrome que ele tem que é o síndrome de Williams que também... tem algumas características que também agravam a situação.

Entrevistadora: Hum, hum.

EI1: Não tenho visto assim muitos progressos. Nomeadamente até na... no controle dos esfíncteres e assim que ainda... apesar de ele já ir fazer... já vai fazer 7 anos, ainda não conseguimos que ele tenha...

Entrevistadora: Que largue a fralda.

EI1: ... que largue a fralda, é verdade. Enquanto que o outro, não, claro... é um miúdo...

Entrevistadora: Se calhar com mais autonomia...

EI1: ... muito mais autónomo e... pronto o grau de autismo é diferente e não têm outros também outros problemas de saúde associados. Tem sido saudável... é um miúdo saudável. Pronto só que, claro, com as características... de um autista, não é?

Entrevistadora: Estou a perceber e... quais é que são as maiores dificuldades em trabalhar com as crianças com PEA?

EI1: Portanto a... o nível de... o grau de concentração deles, é reduzido, pronto. Tanto um, como o outro, a... têm muito pouca concentração. Eles... focam... focam-se naquilo que têm interesse, pronto... o... mais pequeno... mais pequeno salvo seja, eles têm os dois a mesma idade. A... não sei se posso falar em nomes...

Entrevistadora: Eu depois ponho só letras, não se preocupe.

EI1: A... então o D. é um menino que tem muitos estereótipos, tem, ele, ele foca-se, foca-se muito em tudo o que é redondo, tudo o que mexe, tudo o que rode... é muito de pôr coisas na boca, ele explora muito o mundo pela boca, ainda... apesar de ir fazer 7 anos. Põe muito tudo na boca, enquanto que o S. não, o S. já está a... querer... a querer escrever palavras, copia letras, adora escrever palavras no computador, escreve o nome dos meninos todos, identifica... os nomes dos meninos a... tem apesar do seu tempo de concentração ainda ser reduzido, no entanto, este ano letivo está a tomar a... concerta... concerta. E... nota-se ali um aumentozinho a nível da concentração nos dias em que ele toma. Porque nos dias em que ele não toma...

Entrevistadora: Já se nota diferença...

EI1: Uuuh, é sempre uma agitação... ele é muito... eu... pronto tem hiperatividade, tem ali uns, umas características...

Entrevistadora: Para além do autismo.

EI1: ... de hiperatividade.

Entrevistadora: Ok...

EI1: Ele vai este mês... este fim de mês a... a nova consulta da pedopsiquiatra e... vai ter que ser avaliado, reavaliado...

Entrevistadora: Novamente.

EI1: ... novamente porque ele está com os... comportamentos, se não tiver medicado...

Entrevistadora: Pois, acaba por ser mais difícil de trabalhar... com a criança.

EI1: Muito difícil trabalhar, apesar de uma... do S. ... quanto está calmo e... tranquilo, ele adere. O D. ...

Entrevistadora: Já não.

EI1: ... já não adere, parece que anda sempre no mundo dele...

Entrevistadora: É mais difícil.

EI1: É, é mais difícil... gosta de tintas, gosta de mexer em tintas com as mãos adere... adere? Agora! Porque no princípio não. Cheira tudo... tem muita dificuldade com a comida, por exemplo...

Entrevistadora: Hum, hum.

EI1: ... reage mal a novos alimentos, ele está habituado a comer só aquele tipo de... comida. E pronto.

Entrevistadora: Muito bem, obrigada. E... a criança com PEA com que trabalha tem algum tipo de acompanhamento ou apoio...? Se sim, qual?

EI1: Tem sim, tem. O S. tem... a... terapia da fala...

Entrevistadora: Hum, hum.

EI1: ... e terapia ocupacional. E tem... terapia da fala e terapia ocupacional e tem acompanhamento na educação especial... pela educadora da, da, da, da educação especial.

Entrevistadora: Hum, hum.

EI1: E o D. igualmente. A... o D. tem além disso... fisioterapia.

Entrevistadora: Fisioterapia...

EI1: Fisioterapia e hidroterapia.

Entrevistadora: Ok...

EI1: O D. começou a andar muito tarde... ele...

Entrevistadora: E aqui a fisioterapia veio...

EI1: Veio! Ai... ele nota-se uns progressos enormes...

Entrevistadora: Uau!

EI1: ... em termos de... físicos. A nível da motricidade global, nota-se... puf, é a área que ele evoluiu... foi a área que ele evoluiu mais.

Entrevistadora: Ainda bem.

EI1: Ele... ele estava sempre de joelhos, ia sempre para o chão. Agora já não, anda muito mais... direito, anda... sobe e desce com muita facilidade já...

Entrevistadora: Que bom, que bom. E... na, nas crianças com PEA que acompanha pensa que são prestados os respetivos apoios e recursos necessários? Se sim, quais?

EI1: É assim, a... o D. ... teve sempre, desde que nasceu, como ele nasceu com problemas de saúde...

Entrevistadora: Hum, hum.

EI1: ... refluxo urinário e assim... pronto. Ele teve logo o acompanhamento da intervenção precoce e tudo isso. O meu S., que é o mais funcional, ele está a ser acompanhado, mas a título particular, também...

Entrevistadora: Sim.

EI1: ... são os pais que pagam a...

Entrevistadora: Esses apoios, não é?

EI1: ... esses apoios, sim.

Entrevistadora: Se não fosse, não teria esses apoios.

EI1: A... teria menos, talvez. Teria menos.

Entrevistadora: A... e que acompanhamentos e apoios acrescentaria à criança com PEA? Às duas, aliás.

EI1: A... pronto, o hipismo, eu acho que a hipoterapia tem muito, faz muito bem. A... tanto um como a outro. Estimula muita a concentração e, e mesmo...

Entrevistadora: A postura?

EI1: ... a postura! E... pronto a... pronto 'tá me a faltar a palavra, mas... andarmos em cima de um cavalo, além da parte do movimento, a parte da concentração também tem... também é estimulada, não é?

Entrevistadora: Sim.

EI1: Eu acho que acrescentaria aí o hipismo... a... a hipoterapia. Não é hipismo, hipoterapia.

Entrevistadora: Com cavalos, exato.

EI1: Com cavalos, sim.

Entrevistadora: Muito bem. E então, se a criança neste caso, a... tem a profissional, não é? Que é a colega S., não é? Que tem... individual.

EI1: Eu tenho uma menina, uma assistente operacional.

Entrevistadora: Então se... se a criança... neste caso, se a criança...

EI1: Sim.

Entrevistadora: ... tem esta profissional...

EI1: Sim.

Entrevistadora: ... nomeadamente a assistente profissional...

EI1: Sim.

Entrevistadora: ... auxiliar de ação educativa, na função de acompanhamento e apoio individual diário à criança com PEA, sente que... tem benefícios no desenvolvimento da mesma?

EI1: Sem dúvida! Tem muitos! Porque ela pode dar um acompanhamento mais individualizado... pode, ainda hoje, nós tivemos... eu tive a fazer uma atividade com o grande grupo...

Entrevistadora: Hum, hum.

EI1: ... a um nível, mas para o D. eu desci o nível e a S. ajudou... ajudou, pronto.

Entrevistadora: Neste caso, a criança...

EI1: ... neste caso...

Entrevistadora: ... a desenvolver a atividade.

EI1: ... a desenvolver a atividade porque ele... se ele ... eu não posso deixá-lo sozinho... porque senão... pronto e... mas... este é o primeiro... tenho a S. há uns meses...

Entrevistadora: Hum, hum.

EI1: ... não tive os 4 anos, não é?

Entrevistadora: Pois eu percebi com as... anteriores entrevistas... disseram.

EI1: Não, não...

Entrevistadora: E acha que então é essencial esta...

EI1: É muito importante! Muito importante... eu acho que é benéfico a... para eles e para o restante grupo. Eu acho que é para o grupo em geral... e para eles muito... claro... para eles ainda mais...

Entrevistadora: Acabou por responder à seguinte questão...

EI1: Sim.

Entrevistadora: ..., mas pode ser que queira acrescentar mais alguma coisa que é, como descreve a importância deste tipo de acompanhamento e apoio individual diário à criança com PEA?

EI1: Pronto, ajuda-os... ajuda-os a... a nível da... do foco a... de, da regulação... para os ajudar a regular, porque eles às vezes têm os impulsos e... ela sai com eles um bocadinho... à rua. É o suficiente para eles descarregarem ali um bocadinho de energias e já vêm com uma postura diferente para a sala...

Entrevistadora: Hum, hum.

EI1: E pronto, se eu não tivesse...

Entrevistadora: Essa pessoa era impossível?

EI1: ... não direi impossível, mas é mais difícil, pronto...

Entrevistadora: Porque tem todo um grupo que precisa de atenção.

EI1: ... porque tenho os outros do grupo, pois, e neste caso, este ano, com... crianças que ainda estão a ser diagnosticadas, mas que também têm ali algumas características... também tenho outro com algumas características que... me leva a pensar que também tem ali...

Entrevistadora: Talvez, não é?... então e... se, neste caso, se tem a assistente operacional a... no acompanhamento e apoio individual diário para a criança com

PEA, de que forma é que o trabalho da... desta colega tem influência na criança ao nível do desenvolvimento psicomotor?

EI1: No desenvolvimento psicomotor...

Entrevistadora: Correr, saltar...

EI1: Pronto, é assim... é benéfico até lhe dá a ele, talvez, mais segurança... até transmite mais segurança e confiança, pronto, ter uma pessoa que ele possa recorrer...

Entrevistadora: Hum, hum.

EI1: ... logo, que está ali perto sempre dele... eu acho que é bom...

Entrevistadora: E ao nível do desenvolvimento psicossocial? Acho que a pessoa ajudou aqui a... no desenvolvimento desta parte?

EI1: Psicossocial... ou... tanto um como o outro, eles são sociáveis, eles são... eles interagem, eles não são daqueles que se isolam muito nem nada a... portanto, é claro que contribui e ajuda no, nesse, nesse nível... apesar deles já serem meninos sociáveis, apesar... não é uma característica de todos os autistas...

Entrevistadora: Eles são todos diferentes, não é?

EI1: ..., mas eles são todos diferentes, o... o D., ele é muito... risonho, ele é um menino que está sempre a sorrir!

Entrevistadora: Hum, hum, sim.

EI1: Pronto a... fazem os dois contactos visual que, às vezes, em certos autistas não se...

Entrevistadora: Não é comum.

EI1: ... não se verifica, não é comum. Eles os dois fazem..., mas sem dúvida que uma pessoa, uma terceira pessoa ajuda sempre... e uma pessoa especificamente só para eles... muito, ajuda muito.

Entrevistadora: E então aqui ao nível do desenvolvimento cognitivo, acha que esta pessoa também ajudou nesta parte, ou não? (risos)

EI1: Não posso dizer que não ajudou...

Entrevistadora: Sim.

EI1: É claro que não... neste momento eu ainda não tenho o tempo suficiente, portanto, não passou ainda tanto tempo assim...

Entrevistadora: Porque ainda é recente, não é?

EI1: ... é muito recente! Não é? Pronto... a... claro que ela com a ajuda da educadora da educação especial... eles estão, ela está a trabalhar... claro nesse sentido também... eu fiz o que pude durante os anos que tive com ele... com eles... e digo-lhe, com o meu S. eu estou satisfeita! Fizemos o pedido de adiamento escolar e eu penso que... claro que ele não vai acompanhar, nem tem... não vai conseguir acompanhar o nível dos outros... mas vai fazer as suas aquisições, eu acho que vai! Eu acho que sim, agora o... o outro menino, o D. ...

Entrevistadora: É mais difícil?

EI1: ... já tenho mais algum, pois, já será mais difícil... porque... é um grau mais acentuado...

Entrevistadora: Mais...

EI1: ... mais grave.

Entrevistadora: Exato... e... e aqui ao nível do desenvolvimento da linguagem e comunicação? Acha que... aqui a colega ajudou aqui na parte... nesta vertente...? Lá está, é a mesma questão, não é? O tempo! (risos)

EI1: Ajudou, claro... também, se calhar daqui...

Entrevistadora: Se calhar daqui a uns meses!

EI1: ... a uns meses, pois!

Entrevistadora: Dois meses, já passaram?

EI1: Não, portanto... dezembro, janeiro, fevereiro...

Entrevistadora: É, três mesinhos, quatro. Não... ainda é pouco, acredito.

EI1: Portanto, dezembro... depois tivemos a interrupção letiva do da do Natal e não sei quê... tivemos dezembro, tivemos janeiro, tivemos este mês de fevereiro, estamos agora em março!

Entrevistadora: Ainda é pouco para... falar em evolução.

EI1: Ainda é recente para estar já...

Entrevistadora: Exato.

EI1: ... a dizer que foi da responsabilidade dela o progresso. É lógico que ela ajuda!

Entrevistadora: Eu acredito até que seja um trabalho de equipa.

EI1: É a conjuntura toda! É uma equipa, exatamente, sem dúvida! Ela vai um bocadinho ao encontro daquilo que eu lhe sugiro... “Oh S., olhe!” se eu vejo que ele está muito...

Entrevistadora: Agitado.

EI1: ... agitado... “olhe vá dar uma corridinha lá fora, vá, olhe leve a bola e jogue um pouco com ele” e eles... pronto...

Entrevistadora: Ela... eu acredito que esta pessoa também seria sempre era como um suporte, não é?

EI1: Ah, é! É uma mais-valia e é um suporte para a... seguir as orientações, tanto da educação especial... pode dar dicas.

Entrevistadora: Hum, hum, sim.

EI1: Como eu, pronto.

Entrevistadora: Como a educadora, como a... é o ponto principal em sala, não é?

EI1: É, sem dúvida, eu também noto nisso principalmente até no... mais no S., como se... porto de abrigo!

Entrevistadora: Sim, sim.

EI1: É porto de abrigo, mesmo. Para ele eu acho que...

Entrevistadora: Que bom!

EI1: ... o D. a... também, começa a... sempre a chamar, agora faz assim “C., socorro!”

Entrevistadora: (risos)

EI1: Ele percebe que a palavra “socorro” é pedir ajuda...

Entrevistadora: Chama a atenção.

EI1: ... é tirem-me daqui, é salva-me (risos)

Entrevistadora: (risos) Que engraçado, realmente! E, por último, então... a criança com PEA se tem este acompanhamento e apoio, que requisitos essenciais este profissional teria de ter?

EI1: Portanto, tem que ter... tem que ser calmo... tem que ter muita... portanto... primeiro tem que ter muita calma. Calma... paciência, persistência, tem que ser muito persistente. Não pode ceder à... logo à primeira... àquilo que eles... que eles querem. A... mas acima de tudo tem que ser muito meiga e muito.... saber muito dar... dar muito colo e dar muito... aliás, todo o meu trabalho passa por aí...

Entrevistadora: Dar muito amor e carinho.

EI1: Ah, muito colo, muita... muita segurança, muita confiança, temos que eles... eles têm que sentir que podem confiar em nós, que estamos cá para os ajudar... e assim, mas por outro lado temos que ter também muita firmeza! Quando dizemos uma coisa que é para cumprir e...

Entrevistadora: Temos que ser firmes, não é?

EI1: E ele percebe! Ele sabe também!

Entrevistadora: Eles sabem, eles sabem... (risos)

EI1: É!

Entrevistadora: Também acredito nisso. Obrigada C.!

E11: De nada! É sempre um gosto!

Entrevistadora: Foi um prazer falar consigo!

ANEXO IX - GRELHA DE ANÁLISE DE CONTEÚDO DA ENTREVISTA À
EDUCADORA DE INFÂNCIA 1

Categoria: Formação	
Subcategoria	Conteúdo
Formação inicial	“Eu tenho uma licenciatura em educação de infância”
Formação inicial com conteúdo sobre Necessidades Educativas Específicas	<p>“Não, na... minha formação inicial não tive... eu ao longo da minha... dos meus 34 anos de serviço, é que vou... e atualmente estou a frequentar, vai amanhã ser a... segunda sessão... de formações que eu vou... que vou...”</p> <p>“... vou fazendo, vou acrescentando para... para adquirir novos conhecimentos. (...)”</p> <p>“Mas na formação inicial... não tem cadeira... na minha formação inicial, não tinha cadeiras específicas...”</p>
Formação em Educação Especial	“Não, eu não... formação especializada não tenho. Faço é... sempre que, que posso e que surgem... até mesmo através da Internet tenho assistido... a algumas sessões (...)”
Experiência	
Experiência com crianças com PEA	“Eu tenho... 2 crianças diferentes... com níveis e graus de autismo diferentes... tenho um... que pronto, que se vê progressos e se vê que, que é um autismo... ligeiro e pode ser no futuro... funcional, um autismo funcional. A... tenho outro bastante mais grave com outras... complicações, quer de saúde, quer de um... síndrome que ele tem que é o síndrome de Williams que também... tem algumas características que também agravam a situação.”

	<p>“Não tenho visto assim muitos progressos. Nomeadamente até na... no controle dos esfíncteres e assim que ainda... apesar de ele já ir fazer... já vai fazer 7 anos, ainda não conseguimos que ele tenha...” “... que largue a fralda, é verdade. Enquanto que o outro, não, claro... é um miúdo...” “... muito mais autónomo e... pronto o grau de autismo é diferente e não têm outros também outros problemas de saúde associados. Tem sido saudável... é um miúdo saudável. Pronto só que, claro, com as características... de um autista, não é?”</p>
Dificuldades	
<p>Dificuldades ao trabalhar com a(s) criança(s) com PEA</p>	<p>“Portanto a... o nível de... o grau de concentração deles, é reduzido, pronto. Tanto um, como o outro, a... têm muito pouca concentração. Eles... focam... focam-se naquilo que têm interesse, pronto... o... mais pequeno... mais pequeno salvo seja, eles têm os dois a mesma idade. (...)”</p> <p>“(...) o D. é um menino que tem muitos estereótipos, tem, ele, ele foca-se, foca-se muito em tudo o que é redondo, tudo o que mexe, tudo o que rode... é muito de pôr coisas na boca, ele explora muito o mundo pela boca, ainda... apesar de ir fazer 7 anos. Põe muito tudo na boca, enquanto que o S. não, o S. já está a... querer... a querer escrever palavras, copia letras, adora escrever palavras no computador, escreve o nome dos meninos todos, identifica... os nomes dos meninos a... tem apesar do seu tempo de concentração ainda ser reduzido, no entanto, este ano letivo está a tomar a... concerta... concerta. E... nota-se ali um aumentozinho a nível da concentração nos dias em que ele toma. Porque nos dias em que ele não toma...” “Uuh, é sempre uma agitação... ele é muito... eu... pronto tem hiperatividade, tem ali uns, umas características...” “... de hiperatividade” “Ele vai este mês... este fim de mês a... a nova consulta da pedopsiquiatra e... vai ter que ser avaliado, reavaliado...” “... novamente porque ele está com os... comportamentos, se não</p>

	<p>tiver medicado...” “Muito difícil trabalhar, apesar de uma... do S. ... quanto está calmo e... tranquilo, ele adere. O D. ...” “... já não adere, parece que anda sempre no mundo dele...” “É, é mais difícil... gosta de tintas, gosta de mexer em tintas com as mãos adere... adere? Agora! Porque no princípio não. Cheira tudo... tem muita dificuldade com a comida, por exemplo...” “... reage mal a novos alimentos, ele está habituado a comer só aquele tipo de... comida (...)”</p>
Acompanhamentos e apoios	
Acompanhamentos e apoios na criança com PEA	<p>“Tem sim, tem. O S. tem... a... terapia da fala...” “... e terapia ocupacional. E tem... terapia da fala e terapia ocupacional e tem acompanhamento na educação especial... pela educadora da, da, da, da educação especial.”</p> <p>“E o D. igualmente. A... o D. tem além disso... fisioterapia.”</p> <p>“Fisioterapia e hidroterapia” “O D. começou a andar muito tarde... ele... (...) ele nota-se uns progressos enormes... (com a fisioterapia)”</p>
Apoios e recursos necessários	<p>“É assim, a... o D. ... teve sempre, desde que nasceu, como ele nasceu com problemas de saúde...” “(...) Ele teve logo o acompanhamento da intervenção precoce e tudo isso. (...)”</p> <p>“O meu S., que é o mais funcional, ele está a ser acompanhado, mas a título particular, também...” “... são os pais que pagam a...” “... esses apoios, sim” “(...) teria menos (apoios), talvez. Teria menos.”</p>
Acompanhamentos e apoios que acrescentaria	<p>“(...) eu acho que a hipoterapia tem muito, faz muito bem. A... tanto um como a outro. Estimula muita a concentração e, e mesmo...” “... a postura!”</p>
Importância da assistente operacional de apoio individual	

<p>Benefícios no desenvolvimento da criança com PEA</p>	<p>“Sem dúvida! Tem muitos! Porque ela pode dar um acompanhamento mais individualizado... pode, ainda hoje, nós tivemos... eu tive a fazer uma atividade com o grande grupo...”</p> <p>“... a um nível, mas para o D. eu desci o nível e a S. ajudou... ajudou, pronto.” “... a desenvolver a atividade porque ele... se ele ... eu não posso deixá-lo sozinho... porque senão... pronto e... mas... este é o primeiro... tenho a S. há uns meses...”</p> <p>“É muito importante! Muito importante... eu acho que é benéfico a... para eles e para o restante grupo. Eu acho que é para o grupo em geral... e para eles muito... claro... para eles ainda mais...”</p>
<p>Importância do acompanhamento a apoio individual</p>	<p>“Pronto, ajuda-os... ajuda-os a... a nível da... do foco a... de, da regulação... para os ajudar a regular, porque eles às vezes têm os impulsos e... ela sai com eles um bocadinho... à rua. É o suficiente para eles descarregarem ali um bocadinho de energias e já vêm com uma postura diferente para a sala...”</p> <p>“E pronto, se eu não tivesse...” “... não direi impossível, mas é mais difícil, pronto...” “... porque tenho os outros do grupo, pois, e neste caso, este ano, com... crianças que ainda estão a ser diagnosticadas (...)”</p>
<p>Influência no desenvolvimento psicomotor, psicossocial, cognitivo, linguagem e comunicação</p>	<p>“Pronto, é assim... é benéfico até lhe dá a ele, talvez, mais segurança... até transmite mais segurança e confiança, pronto, ter uma pessoa que ele possa recorrer...” “... logo, que está ali perto sempre dele... eu acho que é bom...”</p> <p>“Psicossocial... ou... tanto um como o outro, eles são sociáveis, eles são... eles interagem, eles não são daqueles que se isolam muito nem nada a... portanto, é claro que contribui e ajuda no, nesse, nesse nível... apesar deles já serem meninos sociáveis, apesar... não é uma característica de todos os autistas...” “... , mas eles são todos diferentes, o... o D., ele é muito... risonho,</p>

	<p>ele é um menino que está sempre a sorrir!” “Pronto a... fazem os dois contactos visual que, às vezes, em certos autistas não se...” “... não se verifica, não é comum. Eles os dois fazem..., mas sem dúvida que uma pessoa, uma terceira pessoa ajuda sempre... e uma pessoa especificamente só para eles... muito, ajuda muito.”</p> <p>“Não posso dizer que não ajudou...” “É claro que não... neste momento eu ainda não tenho o tempo suficiente, portanto, não passou ainda tanto tempo assim...” “... é muito recente! Não é? Pronto... a... claro que ela com a ajuda da educadora da educação especial... eles estão, ela está a trabalhar... claro nesse sentido também... (...)”</p> <p>“Ajudou, claro... também, se calhar daqui...” “... a uns meses, pois!” “Ainda é recente para estar já...” “... a dizer que foi da responsabilidade dela o progresso. É lógico que ela ajuda!” “É a conjuntura toda! É uma equipa, exatamente, sem dúvida! Ela vai um bocadinho ao encontro daquilo que eu lhe sugiro... (...)”</p> <p>“(...) É uma mais-valia e é um suporte para a... seguir as orientações, tanto da educação especial... pode dar dicas.”</p>
Requisitos essenciais	
<p>Requisitos essenciais da assistente operacional de apoio individual</p>	<p>“(...) primeiro tem que ter muita calma. Calma... paciência, persistência, tem que ser muito persistente. Não pode ceder à... logo à primeira... àquilo que eles... que eles querem. A... mas acima de tudo tem que ser muito meiga e muito... saber muito dar... dar muito colo e dar muito... (...)” “(...) muita segurança, muita confiança, temos que eles... eles têm que sentir que podem confiar em nós, que estamos cá para os ajudar... e assim, mas por outro lado temos que ter também muita firmeza! Quando dizemos uma coisa que é para cumprir (...)”</p>

ANEXO X - TRANSCRIÇÃO COMPLETA DA ENTREVISTA À EDUCADORA DE INFÂNCIA 2

Legenda: Entrevista à Educadora de Infância 2 – EI2

Codificação da Entrevista: EI2

A entrevista foi realizada com data e hora previamente marcada e gravada em áudio digital.

Duração: 10 minutos e 29 segundos

Entrevistadora: Então boa tarde...

EI2: Boa tarde.

Entrevistadora: ... o meu nome é Adriana Carreira, sou estudante do mestrado de educação especial, domínio cognitivo e motor, da Escola Superior de Educação e Ciências Sociais do Instituto Politécnico de Leiria e neste momento estou a realizar o meu relatório de projeto a temática insere-se sobre o acompanhamento e apoio individual diário por parte de assistentes operacionais, auxiliares de ação educativa, em crianças com perturbação do espectro do autismo (PEA), em educação pré-escolar. Todas as respostas são confidenciais e serão utilizadas apenas para o estudo em questão. Antes de iniciarmos gostaria de saber se autoriza a gravação desta entrevista?

EI2: Sim autorizo.

Entrevistadora: Então, em primeiro, queria saber qual é que é a sua formação?

EI2: Eu... sou educadora de infância e a tenho especialização em cidadania.

Entrevistadora: Ok e... e a formação realizada formou-a para trabalhar com crianças com necessidades educativas específicas, nomeadamente com crianças com PEA?

EI2: Não, não, não.

Entrevistadora: Ok... e possui alguma formação contínua especializada em educação especial?

EI2: Nada.

Entrevistadora: Como descreve a sua experiência com a criança com PEA?

EI2: Olhe, é a primeira vez que eu tenho uma criança com... esse espectro. A... não tem sido difícil na medida em que ele é um autismo leve. Não me tem sido difícil...

Entrevistadora: Ok... e.... quais é que são as maiores dificuldades ao trabalhar com a criança com PEA?

EI2: É... conseguir que ele mantenha algum tempo... pronto a... de atenção. É assim... a minha... maior dificuldade, captar a atenção dele.

Entrevistadora: E... e a criança com PEA com que trabalha tem algum tipo de acompanhamento ou apoio?

EI2: Tem muito, tem muitos apoios, tem da educação especial, tem a... psicomotricidade, terapia da fala... psicologia e, e... também vai à sala snoezelen...

Entrevistadora: Hum, hum.

EI2: ... e também tem hipoterapia... a título particular.

Entrevistadora: Hum, hum, ok. E... e na criança com PEA que acompanha pensa que são prestados os respetivos apoios e recursos necessários?

EI2: Creio que sim, até... pronto não é usual de usufruir de tantos.

Entrevistadora: Ok, e se sim a... se sim, quais? Já acabou já por dizer, é verdade, essa acabou já por dizer. Ok... então... que acompanhamentos e apoios acrescentaria à criança com PEA? Apesar de já ter... da criança ter bastantes, acrescentaria assim mais algum...?

EI2: Mais do que eu posso dar, eu não sei mais o que posso dar tenho que ir apalpando terreno... de certa forma e... vendo qual é a melhor maneira de relacionar com ele de

modo a captar a atenção dele, o mais tempo possível... o terceiro período vamos implementar um mapa com as tarefas... porque ele teve adiamento escolar, vai ter adiamento escolar este ano que vem...

Entrevistadora: Hum, hum, sim, sim, sim... vai ficar mais um ano, não é?

EI2: Sim... os pais querem.

Entrevistadora: Ok, e... se a criança tivesse uma profissional, nomeadamente uma assistente operacional, auxiliar de ação educativa, na função de acompanhamento e apoio individual diário à criança com PEA sente que tinha benefícios no desenvolvimento da mesma?

EI2: Sim, sim, sim, sim, sim...

Entrevistadora: Se sim, porquê?

EI2: Olhe nomeadamente na, na psicomotricidade, no outro dia, ele tem dificuldade em fazer a tríade e esquece-se... aliás, ele por um pequeno pormenor, um pequeno grande pormenor...

Entrevistadora: Hum, hum.

EI2: Cada vez que eles têm que assinalar, têm que ser autónomos, têm que assinalar os trabalhos deles com o seu nome...

Entrevistadora: Hum, hum.

EI2: ... e o M. ainda faz o nome muito grande! Entretanto o que é que eu faço, escrevo a lápis e ele tem que passar por cima, estou a reduzir o tamanho da letra que eu faço, para que ele consiga reproduzir o mais perto possível do tamanho que eu para já estou a pretender, mas eu tenciono... ir diminuindo o tamanho... porque ele esquece-se sempre e para fazer a tríade é muito difícil porque ele... quando agarra esquece-se... depois eu tenho que o lembrar “como é que se agarra?” lá lhe lembro, ele lembra-se logo como é que é, pronto, é...

Entrevistadora: Ou seja, neste tipo de atenção...

EI2: Era, era mais atenção e... porque esquece-se, não é? Do... é um reflexo que ele já tem... adquirido, o pegar mal, à maneira dele a... e então, claro que as coisas não ficam muito bem, por esse motivo, mas está... está, estamos a trabalhar no sentido de o acompanhar mais para dar essa resposta melhor.

Entrevistadora: Sim... muito bem.

EI2: É um dos motivos por que a mãe também quer que ele fique... mais um ano...

Entrevistadora: Mais um ano...

EI2: ... no jardim.

Entrevistadora: ... no jardim. E... como é que descreve a importância deste tipo de acompanhamento e apoio individual diário a uma criança com PEA?

EI2: É o... é uma mais-valia muito, muito grande porque ele tem feito... tem feito uma evolução fantástica... fantástica!

Entrevistadora: E com esta pessoa poderia...

EI2: Ajudava, ajudava...

Entrevistadora: Ok...

EI2: ... ajudava muito era uma grande ajuda!

Entrevistadora: E a criança com PEA se tivesse este acompanhamento e apoio, que requisitos essenciais é que este profissional teria de ter?

EI2: Olhe, pronto, tinha que ter formação no pré-escolar, pra já...

Entrevistadora: Hum, hum.

EI2: ... na educação pré-escolar e tinha que ter o perfil de uma pessoa paciente e compreensiva... tinha que ter essas bases como perfil como pessoa...

Entrevistadora: Hum, hum.

EI2: ... porque pode ter o curso e não ter minimamente o... perfil adequado.

Entrevistadora: Ou seja, acha que então devia ter aqui o perfil...

EI2: Sim... sim, sim... não era assim uma escolha aleatória, eu tenho uma menina de cadeira de rodas que... já requer outros acompanhamentos, pronto...

Entrevistadora: Exatamente.

EI2: Os pais estão a lutar ali na Câmara para que sim... não tem a ver com o assunto...

Entrevistadora: Sim, claro...

EI2: Mas é mais...

Entrevistadora: Mas também é importante, não é...?

EI2: ... essa preocupa-me, essa preocupa-me...

Entrevistadora: ... este tipo de apoios.

EI2: ... muitíssimo mais, é. Porque requer... pronto essa menina não é o caso que estamos a falar...

Entrevistadora: Sim, mas não tem problema partilhar.

EI2: ..., mas é... temos que lhe mudar a fralda, ela fala, tudo bem, tudo bem tem 85% de incapacidade, estamos a treiná-la a sentar-se, apoiar-se (inaudível) vai ser operada agora novamente aos joelhos...

Entrevistadora: Hum, hum.

EI2: ... já foi operada (inaudível) estou a tua ensiná-la amparar-se nas mesas para se conseguir sentar, nós só pomos, ajustamos a cadeira atrás, para ela se sentar na mesa para ser mais... o mais autónoma possível... e ainda e usar a casa de banho, de maneira...

Entrevistadora: Que cada vez seja mais autónoma.

EI2: Sim... que ela é muito forte...

Entrevistadora: E a menina não tem acompanhamento individual?

EI2: Não, não, não... e era uma grande ajuda porque... eu pela idade que já tenho e a escoliose que eu tenho, depois as auxiliares também têm vértebras, ai vértebras, vértebras toda a gente tem!

Entrevistadora: (risos)

EI2: Têm é hérnias...

Entrevistadora: Sim, sim.

EI2: ... hérnias na coluna e outra... sofre também muito da, da... do cóccix...

Entrevistadora: E até porque lá está, depois tem outras 20 crianças para dar atenção, não é?

EI2: Tenho, por acaso tenho redução por causa dos... já, eu tive um menino também com autismo... brasileiro, foi embora para lá...

Entrevistadora: Sim.

EI2: Esse já era... pronto, eles, estes dois meninos, tanto o presente como aquele que eu tive este ano, essa tal dita menina de cadeira de rodas veio em substituição desse menino também com autismo... foi para o Brasil novamente.

Entrevistadora: Hum, hum, sim.

EI2: A... por isso eu tenho até uma reduzida de 20, já tinha então saiu um...

Entrevistadora: Hum, hum.

EI2: ..., mas olhe, eu por acaso, na minha experiência em 35 anos, 36... de trabalho foi a primeira vez que eu tive assim um autismo declarado...

Entrevistadora: Sim.

EI2: ... porque às vezes nós percebemos que há ali qualquer coisa, tentamos encaminhar e os pais não desenvolvem para ir... o médico é que tem que dizer... ou é ou não é, não é?

Entrevistadora: Sim, tem que fazer o diagnóstico.

EI2: A... fazer o diagnóstico para nós sabermos e para conseguirmos algum acompanhamento..., mas os outros que eu tive, foi muito leve, estes então também são leves, tanto este é leve como o menino que foi.

Entrevistadora: Sim.

EI2: Muito meiguinhos os dois...

Entrevistadora: Neste momento então, o que se preocupa mais é a menina que realmente...

EI2: Está-me a preocupar mais...

Entrevistadora: ... não tem acompanhamento individual.

EI2: ..., está-me a preocupar mais...

Entrevistadora: Deve ser... bastante complicado...

EI2: ... 'tá, 'tá, 'tá...

Entrevistadora: Até porque lá está, com esta... com uma pessoa... ao lado dela, podia trabalhar estas autonomias que está a falar...

EI2: Sim, sim, sim, sim...

Entrevistadora: ... de conseguir ir à casa-de-banho e segurar-se...

EI2: ... sim porque compreenda, não é fácil!

Entrevistadora: Não, não...

EI2: 20 crianças, está bem estão reduzidos para 20, menos dava-me muito mais jeito, porque estou a orientar uns, são hábitos por saber... e agora estamos no Sistema Solar porque isto surgiu por causa da primavera foi... nós apanhamos as coisas, não temos um programa mas temos orientações curriculares... e as coisas às vezes saem deles e nós temos que apanhar para, a partir dali, do interesse deles, desenvolver... portanto, é mesmo imaginário e a atitude, a nossa, atenta, para... algum... algum... bastante conhecimento geral para poder orientar...

Entrevistadora: Sim.

EI2: ... para poder orientar e para prestar alguns esclarecimentos e algumas luzinhas de conhecimento em relação às coisas, o que está a correr muito bem, com o Sistema Solar, não é uma coisa que não se estava à espera agora, mas está assim leve, mas... aligeirei as coisas, mas eles estão muito interessados. Então trabalho com estes estão hábitos por saber que continuar... continuar o trabalho dos planetas, estamos a fazer tal, outros têm... não têm interesse nenhum...

Entrevistadora: Pois.

EI2: ... então está quieto, faz assim uma coisa, já está a andar assim, não, não, não, tenho que dar a volta para tu conseguires... fazer um mínimo porque vais para a primária como é que isto, não é que eu tenha o foco sempre na primária, tenho o foco na pessoa... cada um tem uma, é que cada um mesmo tem o seu feitio...

Entrevistadora: É verdade.

EI2: ... o seu temperamento, ninguém é mesmo, ninguém igual a ninguém... e a pessoa tem que dar estes acompanhamentos todos, estou sempre a ser solicitada e depois não posso estar a acompanhar a menina... já pedi à, à avó que está, está com os avós, uma fralda cueca para ser mais fácil... não é? Porque eu não tenho... ela, ela perde a paciência por estar ali sentada à espera de (inaudível), o pai diz que ela a nível cognitivo, não tem, porque ela tem... perdeu... perdeu muita massa encefálica, perdeu massa encefálica, perdeu neurónios!

Entrevistadora: Sim.

EI2: ... não é massa encefálica, os neurónios ficaram liquidados com 3 paragens cardiorrespiratórias que ela teve... e é, o pai diz que o médico... diz-lhe mesmo que é escusado estar a treinar o controlo dos esfíncteres porque o cérebro dela não obedece... eu acho um bocado estranho e que queria contrariar... porque ela para ano vai para a primária, esta menina já teve um ano...

Entrevistadora: E queria tentar...

EI2: ... tentar deixar a coisa mais aligeirada para, para, para a vida porque ela não gostava que ela usasse...

Entrevistadora: Ainda bem que o faz...

EI2: ... a fralda muito mais anos...

Entrevistadora: ..., ainda bem que o faz.

EI2: Não é fácil...

Não é fácil, acredito...

EI2: Não é fácil...

Entrevistadora: ..., mas acho que é importante tentar.

EI2: ... queria... tento, eu tento, tento mas às vezes tento... há dias em que não, não chego a tentar porque é o caso agora, estamos a trabalhar o Sistema Solar, não dá... não dá porque eu estou com uns... a investir... não é descorá-la a ela mas não é fácil acompanhar todos...

Entrevistadora: Dar-lhe atenção, sim...

EI2: É um bocadinho aborrecido...

Entrevistadora: Muito obrigada, mais uma vez, adorei!

EI2: Ok, foi depressa!

Entrevistadora: Foi, eu disse, que era rápido! (risos)

EI2: Olhe, desejo-lhe sorte...

ANEXO XI - GRELHA DE ANÁLISE DE CONTEÚDO DA ENTREVISTA À
EDUCADORA DE INFÂNCIA 2

Categoria: Formação	
Subcategoria	Conteúdo
Formação inicial	“Eu... sou educadora de infância e a tenho especialização em cidadania.”
Formação inicial com conteúdo sobre Necessidades Educativas Específicas	“Não, não, não.”
Formação em Educação Especial	“Nada.”
Experiência	
Experiência com crianças com PEA	“Olhe, é a primeira vez que eu tenho uma criança com... esse espectro. A... não tem sido difícil na medida em que ele é um autismo leve. Não me tem sido difícil...”
Dificuldades	
Dificuldades ao trabalhar com a(s) criança(s) com PEA	“É... conseguir que ele mantenha algum tempo... pronto a... de atenção. É assim... a minha... maior dificuldade, captar a atenção dele.”
Acompanhamentos e apoios	
Acompanhamentos e apoios na criança com PEA	“Tem muito, tem muitos apoios, tem da educação especial, tem a... psicomotricidade, terapia da fala... psicologia e, e...”

	também vai à sala snoezelen...” “... e também tem hipoterapia... a título particular”
Apoios e recursos necessários	“Creio que sim, até... pronto não é usual de usufruir de tantos.”
Acompanhamentos e apoios que acrescentaria	“Mais do que eu posso dar, eu não sei mais o que posso dar tenho que ir apalpando terreno... de certa forma e... vendo qual é a melhor maneira de relacionar com ele de modo a captar a atenção dele, o mais tempo possível... o terceiro período vamos implementar um mapa com as tarefas... porque ele teve adiamento escolar, vai ter adiamento escolar este ano que vem...”
Importância da assistente operacional de apoio individual	
Benefícios no desenvolvimento da criança com PEA	<p>“Sim, sim, sim, sim, sim...” “Olhe nomeadamente na, na psicomotricidade, no outro dia, ele tem dificuldade em fazer a tríade e esquece-se... aliás, ele por um pequeno pormenor, um pequeno grande pormenor...” “Cada vez que eles têm que assinalar, têm que ser autónomos, têm que assinalar os trabalhos deles com o seu nome...” “... e o M. ainda faz o nome muito grande! Entretanto o que é que eu faço, escrevo a lápis e ele tem que passar por cima, estou a reduzir o tamanho da letra que eu faço, para que ele consiga reproduzir o mais perto possível do tamanho que eu para já estou a pretender, mas eu tenciono... ir diminuindo o tamanho... porque ele esquece-se sempre e para fazer a tríade é muito difícil porque ele... quando agarra esquece-se... depois eu tenho que o lembrar (...)”</p> <p>“Era, era mais atenção e... porque esquece-se, não é? Do... é um reflexo que ele já tem... adquirido, o pegar mal, à maneira dele a... e então, claro que as coisas não ficam muito bem, por esse motivo, mas está... está, estamos a trabalhar no sentido de o acompanhar mais para dar essa resposta melhor.” “É um dos</p>

	<p>motivos por que a mãe também quer que ele fique... mais um ano...” “... no jardim.”</p>
<p>Importância do acompanhamento e apoio individual</p>	<p>“É o... é uma mais-valia muito, muito grande porque ele tem feito... tem feito uma evolução fantástica... fantástica!” “(assistente individual) ... ajudava muito era uma grande ajuda!”</p>
<p>Requisitos essenciais</p>	
<p>Requisitos essenciais da assistente operacional de apoio individual</p>	<p>“Olhe, pronto, tinha que ter formação no pré-escolar, pra já...” “... na educação pré-escolar e tinha que ter o perfil de uma pessoa paciente e compreensiva... tinha que ter essas bases como perfil como pessoa...” “... porque pode ter o curso e não ter minimamente o... perfil adequado.” “Sim... sim, sim... não era assim uma escolha aleatória (...)”</p>

ANEXO XII - GUIÃO DA ENTREVISTA AOS PROFESSORES DE EDUCAÇÃO ESPECIAL

Bom dia. O meu nome é Adriana Carreira, sou estudante do mestrado de Educação Especial – Domínio Cognitivo-Motor, da Escola Superior de Educação e Ciências Sociais, do Instituto Politécnico de Leiria, e, neste momento, estou a realizar o meu relatório de projeto. A temática insere-se o acompanhamento e apoio individual diário por parte de assistentes operacionais - auxiliares de ação educativa - em crianças com perturbação do espectro do autismo (PEA) em educação pré-escolar. Todas as respostas são confidenciais e serão utilizadas apenas para o estudo em questão.

Antes de iniciarmos, gostaria de saber se autoriza a gravação desta entrevista?

1 - Qual é a sua formação?

2 - A formação realizada formou-a para trabalhar com crianças com Necessidades Educativas Específicas, nomeadamente com crianças com PEA?

3 - Possui alguma formação contínua ou especializada em Educação Especial?

3.1 - Se sim, qual?

4 – Como descreve a sua experiência com a criança com PEA?

5 - Quais são as maiores dificuldades ao trabalhar com a(s) criança(s) com PEA?

6 – A(s) criança(s) com PEA com que trabalha tem algum tipo de acompanhamento ou apoio?

6.1 – Se sim, qual?

7 – Na(s) criança(s) com PEA que acompanha pensa que são prestados os respetivos apoios e recursos necessários?

7.1 – Se sim, quais?

8 - Que acompanhamentos e apoios acrescentaria à criança com PEA?

9 – Se a(s) criança(s) tem/tivesse uma profissional, nomeadamente uma assistente operacional, auxiliar de ação educativa, na função de acompanhamento e apoio individual diário à criança com PEA, sente que tem/tinha benefícios no desenvolvimento da mesma?

9.1 – Se sim, porquê?

9.2 – Se não, porquê?

10 – Como descreve a importância deste tipo de acompanhamento e apoio individual diário a uma criança com PEA?

11 – Se tem uma assistente operacional (se não, avance para a questão 12) no acompanhamento e apoio individual diário para a criança com PEA, de que forma é que o seu trabalho tem influência na criança ao nível do desenvolvimento psicomotor?

11.1 – E ao nível do desenvolvimento psicossocial?

11.2 – E ao nível do desenvolvimento cognitivo?

11.3 – E ao nível do desenvolvimento da linguagem e da comunicação?

12 – A(s) criança(s) com PEA se tem/tivesse este acompanhamento e apoio, que requisitos essenciais este profissional teria de ter?

ANEXO XIII - TRANSCRIÇÃO COMPLETA DA ENTREVISTA À PROFESSORA DE EDUCAÇÃO ESPECIAL

Legenda: Professora de Educação Especial – ProfEE

Codificação da Entrevista: ProfEE

A entrevista foi realizada com data e hora previamente marcada e gravada em áudio digital.

Duração: 8 minutos e 16 segundos

Entrevistadora: Então... boa tarde, meu nome é Adriana Carreira, sou estudante do mestrado de educação especial domínio cognitivo e motor da Escola Superior de Educação e Ciências Sociais do Instituto Politécnico de Leiria e neste momento estou a realizar o meu relatório de projeto. A temática insere-se no acompanhamento e apoio individual diário a... para com... por parte de assistentes operacionais, neste caso, auxiliares de ação educativa, em crianças com perturbação do espectro do autismo (PEA) em educação pré-escolar. Todas as respostas são confidenciais e serão utilizadas apenas para o estudo em questão. Antes de iniciarmos gostaria de saber se autoriza a gravação desta entrevista?

ProfEE: Sim autorizo.

Entrevistadora: Ok, então vamos lá, qual é que é a sua formação?

ProfEE: A minha formação inicial é educadora de infância. Pronto, depois fiz esta... especia... ai... especialização em 2015 porque na minha formaç... aliás, durante o meu, o meu trabalho, sempre tive muito, muitos meninos a... com algum tipo de... problema ou algum tipo de dificuldade...

Entrevistadora: Hum, hum.

ProfEE: ... e era sempre a mim que eles vinham todos. Pronto nenhuma colega tinha sensibilidade a receber estes meninos...

Entrevistadora: Hum, hum.

ProfEE: ... então achei por bem fazer esta esta pós-graduação... estou assim um bocadinho... estou muito cansada mesmo...

Entrevistadora: Tudo bem.

ProfEE: ... esta pós-graduação a... e tem sido uma mais-valia pronto. E nunca pensei estar a trabalhar atualmente só com a educação especial.

Entrevistadora: Ok... e a formação realizada, neste caso, a primeira, formou-a para trabalhar com crianças com necessidades educativas específicas, nomeadamente com crianças com PEA?

ProfEE: A inicial não, não é? Eu quando tirei o curso de educadora de infância não tinha no no... no currículo do curso não havia disciplina nenhum, nós tínhamos uma, uma cadeira que falava um bocadinho sobre tudo, mas mas nada por ali além, nós saímos dos cursos sem termos... a... formação para trabalhar com estes, com estes meninos daí sentir necessidade em 2015 de fazer a formação nesta... nesta área.

Entrevistadora: Pronto, a próxima questão até é... sobre isso se possuía alguma formação contínua ou especializada em educação especial, mas...

ProfEE: Sim, sim.

Entrevistadora: ... já percebi que sim, a pós-graduação pronto... e como é que descreve a sua experiência com a criança com PEA ou então, neste caso, as crianças... (risos)

ProfEE: Pois é, é... eu atualmente eu tenho 9... 9 crianças e todas elas quase têm autismo, pronto, nenhuma é igual... é a primeira vez que tenho uma menina com autismo, nunca tinha tido nenhuma, nenhuma menina até porque é mais normal nos rapazes do que nas... nas raparigas a...

Entrevistadora: Hum, hum.

ProfEE: ..., mas está, está a correr muito bem, estou a gostar muito! É... é muito desafiante trabalhar com estes meninos.

Entrevistadora: Ok, ainda bem e então... e quais é que são as maiores dificuldades ao trabalhar com as crianças com PEA?

ProfEE: É o comportamento deles, a parte comportamental, nós sabemos que está associado ao... ao problema, não é? Mas, por outro lado, eles também são um bocadinho teimosos, acho eu...

Entrevistadora: Hum, hum. (risos)

ProfEE: A parte comportamental também não ajuda muito (risos).

Entrevistadora: Sim.

ProfEE: Mas pronto...

Entrevistadora: E a criança com PEA com que trabalha tem algum tipo de acompanhamento ou apoio? Se sim, qual?

ProfEE: Tem, tem terapia da fala... têm psicomotricista... tem hipoterapia, que nós conseguimos este ano também, e eu também levo meninos da... da pré comigo...

Entrevistadora: Hum, hum.

ProfEE: ... lá, lá acima a (local) e também houve... também temos sala, sala snoezelen, também consegui levá-los também lá acima comigo...

Entrevistadora: Hum, hum.

ProfEE: A... e psicologia. Pronto.

Entrevistadora: Ok.

ProfEE: São os apoios que eles têm... nem todos têm esses apoios, uns têm mais, outros têm menos... mas dentro disso...

Entrevistadora: Estou a perceber, hum, hum. E... a... nas crianças com PEA que acompanha pensa que são prestados os respetivos apoios e recursos necessários?

ProfEE: Oh, não, claro que não... devíamos ter muito mais recursos, recursos humanos... eu tenho a sorte de ter uma auxiliar quase sempre comigo..., mas a... por exemplo eu sou professora contratada, não é? E se calhar devia haver para estes meninos alguém que tivesse efetivo, sempre... sempre com eles e que não houvesse sempre esta troca, entra uns, sai outros, entra uns, sai outros... até porque estes meninos... quando vêm em nós uma grande referência faz todo o sentido nós continuarmos com eles. Tanto auxiliar como... a professora.

Entrevistadora: Como professora... ok... e que acompanhamentos, que já acabou por responder... e apoios acrescentaria à criança? Era esses que acabou por dizer exatamente... então e se a criança tivesse então uma profissional, nomeadamente uma assistente operacional, auxiliar de ação educativa, na função de acompanhamento e apoio individual diário à criança com PEA ou às crianças, sente que tinha benefícios no desenvolvimento da mesma? Se sim, porquê? Se não, porquê?

ProfEE: Eu acho que sim... não quer dizer que 20 pessoas diferentes que também não haja... algum tipo de crescimento, não é? Porque cada uma de nós trabalha de forma diferente, é uma mais-valia para eles, terem cá pessoas novas, só que por outro lado, a parte de socializar... estes são meninos que enquanto não ganham confiança na pessoa com quem estão, é difícil conseguir haver contacto ocular e haver algum tipo de abertura...

Entrevistadora: Hum, hum.

ProfEE: ... não é? Por isso eu acho que... é um bocadinho um pau de 2 bicos... pode ser bom, pode não ser, também depende muito da... das crianças. É sempre um bocadinho subjetivo, mas... lá está, se calhar o, o... mais, o mais correto, seria haver alguém que prolongasse... que fosse sempre... pelo menos uma auxiliar sempre a mesma.

Entrevistadora: Nestes 3 anos da educação...

ProfEE: Sim, mesmo que o professor mudasse...

Entrevistadora: Sim.

ProfEE: ... que houvesse aquela referência para eles sempre...

Entrevistadora: Ok estou a perceber. E como é que descreve a importância deste tipo de acompanhamento e apoio individual diário à criança com PEA?

ProfEE: É ótimo! Porque, por exemplo, eu este ano a... nós a unidade está a trabalhar enquanto CAA (Centro de Apoio à Aprendizagem)... eu tenho uma menina de quarto ano que pouco está em sala e que desce constantemente... e tenho meninos do pré-escolar... que tanto trabalho em sala como trabalho com eles individualmente e, e, e... quando tem esta menina que chega, se houver uma auxiliar que consiga dizer “então olha se não se importar trabalha isto com... com a E.”. E eu posso trabalhar com outro. Eu estando sozinha com 2 miúdos com autismo é muito difícil...

Entrevistadora: Sim.

ProfEE: É muito difícil...

Entrevistadora: Acredito que sim... e... então e se... se tem, porque eu sei que há uma assistente operacional aqui que está nesse reforço... a...

ProfEE: Sim, temos, a S.

Entrevistadora: ... no acompanhamento e apoio individual diário para a criança a... de que forma é que o... o trabalho da, da colega tem influência na criança ao nível do desenvolvimento psicomotor?

ProfEE: Desde que a colega queira fazer um bom trabalho tem, tem uma grande influência, por exemplo, essa colega que está com, por exemplo, com um menino que nós temos aqui... a... eu consegui levar... eu só ia com essa menina do quarto ano e consegui também arranjar carrinha para também levar os da pré, foi assim uma aventura, pronto...

Entrevistadora: Que bom.

ProfEE: ... e então consegui a... levar comigo 2 auxiliares...

Entrevistadora: Hum, hum.

ProfEE: ... uma dessas é a S. que vai sempre com alguém para a hipoterapia... e lá está, eu acho que é fundamental o trabalho que ela faz com os miúdos que acompanha, por exemplo, à hipoterapia e mesmo em sala, acho que é, acho que é muito bom... para que

eu consiga ficar em sala snoezelen com outros meninos, portanto, eu acho que... estas colegas se quiserem fazem um trabalho... excepcional com estes, com estes miúdos.

Entrevistadora: Ok, e... gostava de referenciar, por exemplo, alguma influência que tenha também ao nível do desenvolvimento psicossocial ou desenvolvimento cognitivo assim mais específico, ou mesmo na linguagem e comunicação?

ProfEE: Eu acho que em tudo... porque lá está... há, há, há professores... não há melhores nem piores, há diferentes. Assim como também há colegas nem melhores nem piores, há diferentes, mas, o que é certo é que há pessoas que têm mais sensibilidade para trabalhar com estes miúdos, não é? E essas pessoas conseguem que eles atinjam às vezes patamares que nós pensamos que era impensável conseguirem atingir..., portanto eu acho que é... é muito bom haver pessoas assim...

Entrevistadora: Entendo perfeitamente e, por último, a criança com PEA a... se tem então este acompanhamento e apoio, que requisitos essenciais este profissional teria de ter?

ProfEE: (risos) Eu acho que às vezes nem é preciso grandes, grandes requisitos é... é mesmo ter sensibilidade e ter vontade de trabalhar com, com, com... com estes miúdos, pronto. Querer que eles desenvolvam, querer ajudar no crescimento deles... acho que bastava isso...

Entrevistadora: Ok, muito obrigada então, cara professora C. Obrigada pelo seu tempo!

ProfEE: Pronto, olha, obrigada! E que tudo corra bem, 'tá bem? E boa sorte!

Entrevistadora: Obrigada, obrigada!

ANEXO XIV - GRELHA DE ANÁLISE DE CONTEÚDO DA ENTREVISTA À
PROFESSORA DE EDUCAÇÃO ESPECIAL

Categoria: Formação	
Subcategoria	Conteúdo
Formação inicial	“A minha formação inicial é educadora de infância. Pronto, depois fiz esta... especia... ai... especialização (pós-graduação em educação especial) em 2015 porque na minha formaç... aliás, durante o meu, o meu trabalho, sempre tive muito, muitos meninos a... com algum tipo de... problema ou algum tipo de dificuldade...”
Formação inicial com conteúdo sobre Necessidades Educativas Específicas	“A inicial não, não é? Eu quando tirei o curso de educadora de infância não tinha no no... no currículo do curso não havia disciplina nenhum, nós tínhamos uma, uma cadeira que falava um bocadinho sobre tudo, mas mas nada por ali além, nós saímos dos cursos sem termos... a... formação para trabalhar com estes, com estes meninos daí sentir necessidade em 2015 de fazer a formação nesta... nesta área.”
Formação em Educação Especial	“(...) Pronto, depois fiz esta... especia... ai... especialização (pós-graduação em educação especial) em 2015 (...)”
Experiência	
Experiência com crianças com PEA	“Pois é, é... eu atualmente eu tenho 9... 9 crianças e todas elas quase têm autismo, pronto, nenhuma é igual... é a primeira vez que tenho uma menina com autismo, nunca tinha tido nenhuma, nenhuma menina até porque é mais normal nos rapazes do que nas... nas raparigas a...” “..., mas está, está a correr muito bem, estou a gostar muito! É... é muito desafiante trabalhar com estes meninos.”
Dificuldades	

<p>Dificuldades ao trabalhar com a(s) criança(s) com PEA</p>	<p>“É o comportamento deles, a parte comportamental, nós sabemos que está associado ao... ao problema, não é? Mas, por outro lado, eles também são um bocadinho teimosos, acho eu...” “A parte comportamental também não ajuda muito (...)”</p>
<p>Acompanhamentos e apoios</p>	
<p>Acompanhamentos e apoios na criança com PEA</p>	<p>“Tem, tem terapia da fala... têm psicomotricista... tem hipoterapia, que nós conseguimos este ano também (...)” “(...) também temos sala, sala snoezelen (...)” “A... e psicologia. (...)” “São os apoios que eles têm... nem todos têm esses apoios, uns têm mais, outros têm menos... mas dentro disso...”</p>
<p>Apoios e recursos necessários</p>	<p>“Oh, não, claro que não... (...)”</p>
<p>Acompanhamentos e apoios que acrescentaria</p>	<p>“(...) devíamos ter muito mais recursos, recursos humanos... eu tenho a sorte de ter uma auxiliar quase sempre comigo..., mas a... por exemplo eu sou professora contratada, não é? E se calhar devia haver para estes meninos alguém que tivesse efetivo, sempre... sempre com eles e que não houvesse sempre esta troca, entra uns, sai outros, entra uns, sai outros... até porque estes meninos... quando vêm em nós uma grande referência faz todo o sentido nós continuarmos com eles. Tanto auxiliar como... a professora.”</p>
<p>Importância da assistente operacional de apoio individual</p>	
<p>Benefícios no desenvolvimento da criança com PEA</p>	<p>“: Eu acho que sim... não quer dizer que 20 pessoas diferentes que também não haja... algum tipo de crescimento, não é? Porque cada uma de nós trabalha de forma diferente, é uma mais-valia para eles, terem cá pessoas novas, só que por outro lado, a parte de socializar... estes são meninos que enquanto não ganham confiança na pessoa com quem estão, é difícil conseguir haver contacto ocular e haver algum tipo de abertura...” “... não é? Por isso eu acho que... é um bocadinho um pau de 2 bicos...”</p>

	<p>pode ser bom, pode não ser, também depende muito da... das crianças. É sempre um bocadinho subjetivo, mas... lá está, se calhar o, o... mais, o mais correto, seria haver alguém que prolongasse... que fosse sempre... pelo menos uma auxiliar sempre a mesma.” “Sim, mesmo que o professor mudasse...” “... que houvesse aquela referência para eles sempre...”</p>
<p>Importância do acompanhamento e apoio individual</p>	<p>“É ótimo! Porque, por exemplo, eu este ano a... nós a unidade está a trabalhar enquanto CAA (Centro de Apoio à Aprendizagem)... eu tenho uma menina de quarto ano que pouco está em sala e que desce constantemente... e tenho meninos do pré-escolar... que tanto trabalho em sala como trabalho com eles individualmente e, e, e... quando tem esta menina que chega, se houver uma auxiliar que consiga dizer “então olha se não se importar trabalha isto com... com a E.”. E eu posso trabalhar com outro. Eu estando sozinha com 2 miúdos com autismo é muito difícil...”</p>
<p>Influência no desenvolvimento psicomotor, psicossocial, cognitivo, linguagem e comunicação</p>	<p>“Desde que a colega queira fazer um bom trabalho tem, tem uma grande influência, por exemplo, essa colega que está com, por exemplo, com um menino que nós temos aqui... a... eu consegui levar... eu só ia com essa menina do quarto ano e consegui também arranjar carrinha para também levar os da pré (...)” “... e então consegui a... levar comigo 2 auxiliares...” “... uma dessas é a S. que vai sempre com alguém para a hipoterapia... e lá está, eu acho que é fundamental o trabalho que ela faz com os miúdos que acompanha, por exemplo, à hipoterapia e mesmo em sala, acho que é, acho que é muito bom... para que eu consiga ficar em sala snoezelen com outros meninos, portanto, eu acho que... estas colegas se quiserem fazem um trabalho... excecional com estes, com estes miúdos.” “Eu acho que em tudo... porque lá está... há, há, há professores... não há melhores nem piores, há diferentes. Assim como também há colegas nem melhores nem piores, há</p>

	diferentes, mas, o que é certo é que há pessoas que têm mais sensibilidade para trabalhar com estes miúdos, não é? E essas pessoas conseguem que eles atinjam às vezes patamares que nós pensamos que era impensável conseguirem atingir..., portanto eu acho que é... é muito bom haver pessoas assim...”
Requisitos essenciais	
Requisitos essenciais da assistente operacional de apoio individual	“(...) Eu acho que às vezes nem é preciso grandes, grandes requisitos é... é mesmo ter sensibilidade e ter vontade de trabalhar com, com, com... com estes miúdos, pronto. Querer que eles desenvolvam, querer ajudar no crescimento deles... acho que bastava isso...”

ANEXO XV - GUIÃO DA ENTREVISTA AOS ASSISTENTES OPERACIONAIS, AUXILIARES DE AÇÃO EDUCATIVA, DE SALA

Bom dia. O meu nome é Adriana Carreira, sou estudante do mestrado de Educação Especial – Domínio Cognitivo-Motor, da Escola Superior de Educação e Ciências Sociais, do Instituto Politécnico de Leiria e, neste momento, estou a realizar o meu relatório de projeto. A temática insere-se sobre o acompanhamento e apoio individual diário por parte de assistentes operacionais - auxiliares de ação educativa - em crianças com perturbação do espectro do autismo (PEA) em educação pré-escolar. Todas as respostas são confidenciais e serão utilizadas apenas para o estudo em questão.

Antes de iniciarmos, gostaria de saber se autoriza a gravação desta entrevista?

1 - Qual é a sua formação?

2 - A formação realizada formou-a para trabalhar com crianças com Necessidades Educativas Específicas, nomeadamente com crianças com PEA?

3 - Possui alguma formação no domínio da Educação Especial?

3.1 - Se sim, qual?

4 - Como descreve a sua experiência com a(s) criança(s) com PEA?

5 - Quais são as maiores dificuldades ao trabalhar com a(s) criança(s) com PEA?

6 – A(s) criança(s) com PEA com que trabalha tem algum tipo de acompanhamento ou apoio?

6.1 – Se sim, qual?

7 – Na(s) criança(s) com PEA que acompanha pensa que são prestados os respetivos apoios e recursos necessários?

7.1 – Se sim, quais?

8 - Que acompanhamentos e apoios acrescentaria à(s) criança(s) com PEA?

9 – Se a(s) criança(s) tem/tivesse uma profissional, nomeadamente uma assistente operacional, auxiliar de ação educativa, na função de acompanhamento e apoio individual diário à criança com PEA, sente que tem/tinha benefícios no desenvolvimento da mesma?

9.1 – Se sim, porquê?

9.2 – Se não, porquê?

10 – Como descreve a importância deste tipo de acompanhamento e apoio individual diário a uma criança com PEA?

11 – Se tem uma assistente operacional (se não, avance para a questão 12) no acompanhamento e apoio individual diário para a criança com PEA, de que forma é que o seu trabalho tem influência na criança ao nível do desenvolvimento psicomotor (correr, saltar, dançar, chutar, pintar, desenhar, ...)?

11.1 – E ao nível do desenvolvimento psicossocial (interagir, brincar com os seus pares, ...)?

11.2 – E ao nível do desenvolvimento cognitivo (entender jogos, regras simples, letras, números, cores, ...)?

11.3 – E ao nível do desenvolvimento da linguagem e da comunicação?

12 – A(s) criança(s) com PEA se tem/tivesse este acompanhamento e apoio, que requisitos essenciais este profissional teria de ter?

ANEXO XVI - TRANSCRIÇÃO COMPLETA DA ENTREVISTA À ASSISTENTE OPERACIONAL 1

Legenda: Assistente Operacional 1 – AO1

Codificação da Entrevista: AO1

A entrevista foi realizada com data e hora previamente marcada e gravada em áudio digital.

Duração: 6 minutos e 41 segundos

Entrevistadora: Já está... Então bom dia ou boa tarde, neste caso, o meu nome é Adriana Carreira, sou estudante do mestrado... de educação especial domínio cognitivo e motor, da escola de educação especial... desculpe, da Escola de Educação e Ciências Sociais do Instituto Politécnico de Leiria... e neste momento estou a realizar o meu relatório de projeto, a temática insere-se sobre o acompanhamento e apoio individual diário por parte de assistentes operacionais, neste caso, auxiliares de ação educativa em crianças com perturbação do espectro do autismo (PEA)... em educação pré-escolar. Todas as respostas são confidenciais e serão utilizadas apenas para o estudo em questão. Antes de iniciarmos então, gostaria de saber se autoriza a gravação desta entrevista.

AO1: Sim autorizo.

Entrevistadora: Pronto, em primeiro, qual é a sua formação?

AO1: A minha formação, tenho o 12º ano com curso de técnica de ação educativa, nível 4.

Entrevistadora: Ok, 12ºano... E... a sua formação realizada formou-a para trabalhar com crianças com necessidades educativas específicas, nomeadamente com crianças com PEA?

AO1: É assim eu... tive muito... muitas poucas horas de formação com NEE's. Eu penso que tenha, no total, dos três anos de curso tenham sido duzentas horas.

Entrevistadora: Hum, hum, ok, ok. E possui alguma formação no domínio da educação especial. Se sim, qual?

AO1: Não, não.

Entrevistadora: E... como descreve a sua experiência com a criança com PEA... que neste caso se já teve alguma interação?

AO1: É assim... é o primeiro ano que... tenho uma na minha sala.

Entrevistadora: É a primeira vez?

AO1: É.

Entrevistadora: E como é que descreve essa experiência?

AO1: (suspiro) Eh pá é assim um bocadinho...

Entrevistadora: Seja sincera.

AO1: É assim um bocadinho complicado porque... não estamos habituados... No início de dezembro, recebemos uma menina com trissomia 21... super calminha... não dava trabalho nenhum... não interferia com as outras crianças, não é? Tudo... a gente trabalhava com as outras... E ela não perturbava a sala...

Entrevistadora: Sim.

AO1: E agora... Há três semanas recebemos um menino que tem autismo e é complicado.... Só duas pessoas dentro da sala, é complicado...

Entrevistadora: Ok, ok, obrigada... e quais é que são as maiores dificuldades a trabalhar com essa criança com PEA?

AO1: Olhe, dar de comer... não comem. Ir à casa de banho se não... se não o levarmos, não vai sozinho... e já tem quase... eu penso que aquele já tenha seis anos...

Entrevistadora: Hum, hum.

AO1: ...e ele não... não está sossegado não... anda sempre de um lado para o outro e... e os outros veem e também... não ajuda.

Entrevistadora: Querem também correr, não é?

AO1: Pois...

Entrevistadora: Também querem fazer o mesmo. Entendo perfeitamente... E a criança com PEA que trabalha tem algum tipo de acompanhamento e apoio? Se sim, qual?

AO1: Olhe, eu para ser sincera não sei se tem... porque ele como entrou há pouco tempo não sei se já foi referenciado à unidade... não sei lhe dar essa resposta.

Entrevistadora: Tudo bem, tudo bem.

Por acaso não sei.

Entrevistadora: Tudo bem. E na criança com PEA que acompanha pensa que são prestados os respetivos apoios e recursos necessários? Se sim, quais?

AO1: Não, não.

Entrevistadora: Ok, ok. E que apoios e acompanhamentos acrescentaria à criança?

AO1: Olhe acrescentaria mais uma assistente operacional porque... somos duas pessoas, educadora e assistente operacional, para 25 crianças, e uma delas com necessidades especiais. Enquanto eu estou com ela sozinha, a educadora está sozinha com as outras 24... ou vice-versa... não é?

Entrevistadora: Porque acaba por dar esse apoio que ele precisa?

AO1: Eu se for... eu se for para o recreio com elas todas... eu acabo... eu acabo por me focar só mais nela e os outros andam... um bocadinho mais à vontade, não é? E são 25 crianças dentro daquela sala...

Entrevistadora: Estou a perceber... E se a criança tivesse uma profissional, nomeadamente uma assistente operacional, auxiliar da ação educativa, na função de

acompanhamento e apoio individual diário à criança com PEA sente que tinha benefícios no desenvolvimento na mesma?

AO1: Sim, sim... muitos.

Entrevistadora: E se sim, porquê?

AO1: Porquê... porque... é assim, ele... ele só para um bocadinho, se eu estiver sentada ao lado dele. Eu ponho um jogo à frente e ele faz. Se eu estiver sentada ao lado dele. Se eu me levantar para ir... lavar as mãos ou algum... algum dos outros me chamar para ir à casa de banho, ou isto ou aquilo, quando chegar já está tudo espalhado no chão e a concentração dele já foi.

Entrevistadora: Já foi, exato.

AO1: Já foi...

Entrevistadora: Estou a perceber... e como é que descreve a importância deste tipo de acompanhamento e apoio individual à criança com PEA? Como é que descreve esta importância?

AO1: É muito importante... é muito importante...

Entrevistadora: Para o desenvolvimento da criança?

AO1: Sim.

Entrevistadora: E... a criança com PEA se tivesse este acompanhamento e apoio individual, que requisitos essenciais é que esse profissional teria de ter? Que pensa que deveria ter, neste caso.

AO1: Deveria ter formação para tal.

Entrevistadora: Formação especializada?

AO1: Exatamente o que às vezes não acontece... Não é?

Entrevistadora: O que infelizmente não... como disse agora, não é?

AO1: Porque se... se forem pô uma pessoa como eu, não é? Que não tem tanta formação como eu... vai acabar por... por ser um bocadinho igual ao que se estava a passar, só por dizer que há mais uma pessoa dentro da sala...

Entrevistadora: Sim.

AO1: ...não é?

Entrevistadora: Sim, estou a perceber. Pronto, vamos terminar, por aqui. Vou só aqui então fechar a nossa gravação... mais uma vez obrigada...

AO1: Obrigada.

Entrevistadora: ... por ter estado aqui comigo e por ter dado a sua resposta.

ANEXO XVII - GRELHA DE ANÁLISE DE CONTEÚDO DA ENTREVISTA À
ASSISTENTE OPERACIONAL 1

Categoria: Formação	
Subcategoria	Conteúdo
Formação inicial	“A minha formação, tenho o 12º ano com curso de técnica de ação educativa, nível 4.”
Formação inicial com conteúdo sobre Necessidades Educativas Específicas	“É assim eu... tive muito... muitas poucas horas de formação com NEE’s. Eu penso que tenha, no total, dos três anos de curso tenham sido duzentas horas.”
Formação em Educação Especial	“Não, não.”
Experiência	
Experiência com crianças com PEA	<p>“É assim... é o primeiro ano que... tenho uma na minha sala.”</p> <p>“É assim um bocadinho complicado porque... não estamos habituados... (...)”</p> <p>“(...) recebemos um menino que tem autismo e é complicado.... Só duas pessoas dentro da sala, é complicado...”</p>
Dificuldades	
Dificuldades ao trabalhar com a(s) criança(s) com PEA	“Olhe, dar de comer... não comem. Ir à casa de banho se não... se não o levamos, não vai sozinho... e já tem quase... eu penso que aquele já tenha seis anos...” “...e ele não... não está sossegado não... anda sempre de um lado para o outro e... e os outros veem e também... não ajuda.”
Acompanhamentos e apoios	

Acompanhamentos e apoios na criança com PEA	“Olhe, eu para ser sincera não sei se tem... porque ele como entrou há pouco tempo não sei se já foi referenciado à unidade... não sei lhe dar essa resposta.”
Apoios e recursos necessários	“Não, não.”
Acompanhamentos e apoios que acrescentaria	<p>“Olhe acrescentaria mais uma assistente operacional porque... somos duas pessoas, educadora e assistente operacional, para 25 crianças, e uma delas com necessidades especiais. Enquanto eu estou com ela sozinha, a educadora está sozinha com as outras 24... ou vice-versa... não é?”</p> <p>“Eu se for... eu se for para o recreio com elas todas... eu acabo... eu acabo por me focar só mais nela e os outros andam... um bocadinho mais à vontade, não é? E são 25 crianças dentro daquela sala...”</p>
Importância da assistente operacional de apoio individual	
Benefícios no desenvolvimento da criança com PEA	“Sim, sim... muitos.” “(...) porque... é assim, ele... ele só para um bocadinho, se eu estiver sentada ao lado dele. Eu ponho um jogo à frente e ele faz. Se eu estiver sentada ao lado dele. Se eu me levantar para ir... lavar as mãos ou algum... algum dos outros me chamar para ir à casa de banho, ou isto ou aquilo, quando chegar já está tudo espalhado no chão e a concentração dele já foi.”
Importância do acompanhamento e apoio individual	“É muito importante... é muito importante...” “(Para o desenvolvimento da criança?) Sim.”
Requisitos essenciais	
Requisitos essenciais da	“Deveria ter formação para tal.” “Porque se... se forem pôr uma pessoa como eu, não é? Que não tem tanta formação como eu...”

assistente operacional de apoio individual	vai acabar por... por ser um bocadinho igual ao que se estava a passar, só por dizer que há mais uma pessoa dentro da sala...”
---	--

ANEXO XVIII – TRANSCRIÇÃO COMPLETA DA ENTREVISTA À ASSISTENTE OPERACIONAL 2

Legenda: Assistente Operacional 2 – AO2

Codificação da Entrevista: AO2

A entrevista foi realizada com data e hora previamente marcada e gravada em áudio digital.

Duração: 15 minutos e 48 segundos

Entrevistadora: Vamos lá, já está, então boa tarde, o meu nome é Adriana, sou estudante do mestrado de educação especial domínio cognitivo e motor, da Escola Superior de Educação e Ciências Sociais, do Instituto Politécnico de Leiria e neste momento estou a realizar o meu relatório de projeto. A temática insere-se sobre o acompanhamento e apoio individual diário por parte de assistentes operacionais, auxiliares de ação educativa, em crianças com perturbação do espectro do autismo (PEA) em educação pré-escolar. Todas as respostas são confidenciais e serão utilizados apenas para o estudo em questão. Antes de iniciarmos gostaria de saber se autoriza a gravação desta entrevista.

AO2: Autorizo sim.

Entrevistadora: Então a primeira pergunta será, qual é a sua formação?

AO2: Eu tirei um CET em serviço social e desenvolvimento comunitário, (nome da instituição)... dediquei-me a... uns anos a este CET não é, à temática deste CET e depois virei-me para a área do fitness e tive uns anos também. Agora vim aqui parar a... à escola onde estou há cerca de 6 meses.

Entrevistadora: Ok, muito bem. E então a formação realizada formou-a para trabalhar com crianças com necessidades educativas específicas, nomeadamente crianças com PEA?

AO2: Não, nada a ver, não é? Mas... no... após o terminar do 12º ano, fiz algumas formações porque não entrei logo... não fui logo estudar. Tive ali um ano a melhorar notas e depois então é que concorri e fiz o CET. Então nesse ano eu tirei algumas formações das quais fiz uma para crianças com necessidades educativas especiais pronto... ainda... uma formação que demorou cerca de 3, 4 meses. Muita... pronto, uma formação mais extensa, muitas horas.

Entrevistadora: Por acaso eu ia perguntar isso a seguir, se possuía aqui alguma formação no domínio da educação especial, mas já percebi que sim.

AO2: Sim, fiz uma formação, sim.

Entrevistadora: Isso é muito importante... como é que descreve a sua experiência com a criança com PEA?

AO2: É assim eu nunca tinha estado muito com... ou convivido muito com... alguma criança..., mas recentemente tenho na minha sala um menino com... 5 anos e... ou seja está a ser aqui um bocadinho período de adaptação, tanto dele a nós como de nós a ele porque ele já estava fora do... da escola há cerca de 5 meses. É assim, é uma criança que requer bastante atenção, não é? É... se nos colocarmos com ele numa mesa a trabalhar, fazer jogos... por exemplo de palavras, se colocar o abecedário em frente ele constrói palavras e tenta construí-las sempre em inglês. Eu digo vamos construir em português e ele é sempre em inglês, pronto, mas sabe é o que está... está o que está a acontecer connosco é isto, ainda muita fase de adaptação, ele tem comportamentos em que não quer permanecer muito tempo sentado, não quer... estar... se estivermos em sala, por exemplo, numa história ele ainda não consegue estar...

Entrevistadora: Sentado, a ouvir.

AO2: Sentado... acredito que com o passar das semanas vai conseguir porque já vem mudar desde o início até agora, nós vamos sempre... é rotativas as nossas semanas, meses, são 4 semanas uma colega, 4 semanas outra, as minhas 4 semanas já foram, já estou a meio das outras 2 semanas e ainda me falta mais 2 para voltar à sala. E já noto diferenças nele, pronto, ou seja, este período todo de adaptação...

Entrevistadora: Uau!

AO2: ...já se nota diferença. Já consegue ficar ao lanche sentado, acredito que... com trabalho...

Entrevistadora: Aos poucos e poucos, não é?

AO2: Sim, sim, que ele consegue adaptar-se ao grupo que tem, acho que sim, acho que sim.

Entrevistadora: E quais é que são as maiores dificuldades ao trabalhar com a criança com PEA?

AO2: É um bocadinho a dinâmica do... ele é uma criança que não consegue estar muito tempo focada em... em fazer algo, ou seja, ele levanta-se vai, senta-se, ou seja, o facto de permanecer agora no canto da leitura, agora vai para os brinquedos, agora, mas agarra numa coisa rapidamente perde o foco daquela coisa, vai agarrar outra e é o que andamos a tentar trabalhar com ele é ok, podes brincar, vamos brincar, ok brincamos. Então agora temos que arrumar, agora vamos arrumar... tem sido esta dinâmica e ele a pouco e pouco eu noto que...

Entrevistadora: Vai percebendo.

AO2: Vai percebendo, sim, a dinâmica da sala, a dinâmica como é que funcionam os amigos também... uma coisa que ele não fazia... ele não olhava... nos olhos de ninguém, não é?

Entrevistadora: Sim.

AO2: De vez em quando se a gente se sentasse a brincar no chão, ele segurava no meu rosto, punha as mãos no meu rosto e tipo olhava assim nos meus olhos e eu dizia assim “Uau, estás a olhar para A.!” e ele ria-se, ou seja, havia aqui um contato visual, não é? O que é que eu noto agora é que ele já... eu digo assim “vai dar a mão aos amigos, vá, vamos para a hora de almoço” e ele vai dar a mão ao amigo, ou seja, já não vai na minha mão, ou seja, isso também é criar um bocadinho de...

Entrevistadora: Autonomia.

AO2: Autonomia nele que é... ok, és uma criança igual a todas as outras, não é? És uma criança igual a todas as outras... então, eu digo, vais dar a mão à amiga e à amiga dá esse

apoio que é, vai então ela buscar a mão dele e vão para o almoço assim, em vez de ir sempre comigo porque... aqui está igualdade, não é? Ele é igual aos outros.

Entrevistadora: E para criar também interação do grupo.

AO2: E agora ele já vai na mão dos amigos todo contente pronto...

Entrevistadora: Que bom.

AO2: Que ao início tínhamos que ser nós e quase que me até rasto né tipo vá, vamos, temos que ir anda, vamos para o almoço... olha tem lá pãozinho... tinha que ser ali uma... uma logística de tentar convencê-lo a ir agora...

Entrevistadora: Já está a ir com o grupo.

AO2: Vamos fazer os pares e ele vai com o grupo sim...

Entrevistadora: Uau! Ainda bem.

AO2: Maravilhoso, maravilhoso...

Entrevistadora: Grande evolução!

AO2: É... mesmo! Aqui em poucas semanas acho que temos conseguido um bom trabalho sim...

Entrevistadora: Isso é muito bom, isso é muito bom e... a criança com PEA com que trabalha tem algum tipo de acompanhamento ou apoio? Se sim, qual?

AO2: Eu acho que não... eu acho que... ainda não. É um caso recente aqui na nossa escola... e à qual... sei que a educadora está a trabalhar para, para... conseguirmos esses apoios... está cá recentemente também...

Entrevistadora: Ok, ok.

AO2: Não é português, por isso está cá recentemente e veio sem... sem qualquer apoio e acho que... que agora estamos a trabalhar nisso, pelo menos... daquilo que sei.

Entrevistadora: E na criança com perturb... ai desculpe... com PEA que acompanha, pensa que são prestados os respetivos apoios e recursos necessários? Se sim, quais?

AO2: Não sei...

Entrevistadora: Não sabe?

AO2: Não sei, não sei... acredito que, lá está, como são recentes, também são na escola, recentes em Portugal, por isso acredito que isto tudo num processo de... ter os apoios necessários sim.

Entrevistadora: Estou a perceber, sim.

AO2: Acredito que sim.

Entrevistadora: E que acompanhamentos e apoios acrescentaria à criança com PEA?

AO2: Eu acho que aqui, eu... Não sabendo ainda muito... sobre o caso dele não é? Mas acho que precisava de acompanhamento até mesmo... alguma terapia que o ensinasse ou que o motivasse... ao comportamento, sei lá... ele rapidamente se cansa de algo que está a fazer, alguma terapia... da fala porque ele fala pouco ou nada... ele ainda, ele ainda ou já consegue falar, no início do ano não se percebia, agora já vai dizendo, se eu disser o meu nome A. e pedir para repetir, ele vai conseguindo, por isso acho que aqui pelo menos nas terapias que eu possa... conhecer ou que sei que hajam aqui na escola a... a terapia da fala, todas estas terapias que... que ajudem ao processo de... dele...

Entrevistadora: De aprendizagem.

AO2: Sim, acho que sim... pronto, também não sei... como não estou em sala agora este mês... não sei se já foi tratado de alguma coisa, pronto, mas também...

Entrevistadora: Tudo bem, tudo bem, não tem problema, responde o que sabe.

AO2: Não sei...

Entrevistadora: Se a criança... tivesse uma profissional, nomeadamente uma assistente operacional, auxiliar da ação educativa, na função de acompanhamento e

apoio individual diário à criança com PEA, sente que tinha benefícios no desenvolvimento da mesma?

AO2: Acredito que sim...

Entrevistadora: Porquê?

AO2: Acredito que em qualquer sala que... que se tenha crianças com espectro de autismo, acho que... prevalece dar importância à criança não é? Porque somos uma sala composta por 25 crianças contando com... com esta criança que temos... sendo que, estamos uma auxiliar e uma educadora para 25, sendo que ele, no meu caso, é um ele... ele necessita de mais atenção não é? Acaba por ficar um grupo todo prejudicado... prejudicado entre aspas, pelo facto de ter um que necessita de mim sendo que eu não estou só para ele, ou seja, eu estou para todos mas acabo sempre por me deslocar mais a ele porque... se a educadora estiver a contar uma história, ele há toda uma logística de... sons que ele emite, que se levanta, que... imita sons, que grita, que... e isto necessita que eu esteja ao pé dele sentada numa secretária, a brincar com ele, a fazer jogos, a... a pintar... para que ele consiga estar...

Entrevistadora: Tranquilo...

AO2: ...tranquilo, sim, senão... isto... depois a educadora tentar trabalhar com um grupo de 24... e eu a tentar dar aqui auxílio a um para que os 24 consigam trabalhar, pronto... sendo que, obviamente se vier... imagino, se viesse outra colega para estar com... com os 24 e eu só com ele, ou vice-versa, iria ser o mesmo, não é? Porque ele vai emitir os sons, ele vai se levantar mas era mais focado... só nele, ou seja, os outros 24 poderíamos também controlar o grupo com outra colega e aqui educadora, coitada, que está sempre no... no comando do grupo todo... está a tentar contar uma história, mas entretanto um quer ir à casa de banho, outro pergunta para fazer não sei o quê...

Entrevistadora: Sim...

AO2: ... e acaba por ser... pronto acredito que tendo uma colega em sala... focada só... na criança, acho que sim...

Entrevistadora: Poderia ajudar?

AO2: ...que tem muitos benefícios, sim... e se a colega então tiver formação ou que... seja feita a formação antes da própria entrar na sala, acho que é um benefício muito grande tanto para... quem está a trabalhar para uma educadora ou outra colega que esteja com o grupo e até para criança...

Entrevistadora: Sim... sim, sim, sim.

AO2: Acho que isso é uma mais-valia tanto para nós... para nós que estamos com o grupo como para ele que possa ter esse benefício só... só dele, não é? Alguém só para ele.

Entrevistadora: Percebo perfeitamente... E como é que descreve, que acabou já por descrever em parte, a importância deste tipo de acompanhamento e apoio individual diário à criança?

AO2: É isto... é... eu acho que é muito para... imagine, nós vamos para a hora do almoço... ele é uma criança que não quer comer, ou seja, eu vou com ele para hora de almoço, eu tenho um grupo de 25... obviamente que nem todos os dias estão os 25 porque há um que está doente, pronto, há sempre uma falta ou outra mas... em grande parte... menos de 20, 22 eu nunca tenho...

Entrevistadora: Sim.

AO2: ... então vamos todos para a hora de almoço... e eu estou a dar almoço... eu estou a dar almoço a 22, a 23 ou a 24 com ele 25 e ele é uma criança que não quer comer, ou seja, eu... eu não posso ficar ali uma hora sentada ao pé dele quando ele não come... quando tenho os outros 24 que eu tenho crianças na minha sala com... feitos os 3 anos agora recentemente...

Entrevistadora: Também estão a aprender.

AO2: Exatamente, pronto, eu acho que, lá está, a importância de ter acompanhamento... para ir, neste caso, para este ele, é importante para também... porque acaba por... não há ali uma insistência tão grande na hora do almoço para com ele porque existem os outros todos que estão... que estão a comer, não é? E ele já manifestou que não quer comer, a própria mãe já informou que não é uma criança fácil de comer então... aqui nós, também, depois uma para este grupo inteiro... não conseguimos também dar um apoio, eu acho, devido...

Entrevistadora: Dar resposta.

AO2: ...a ele, sim... a ele dar apoio a ele próprio, pronto, o apoio necessário que ele precisa... porque é assim toda a gente aprende a comer, não é? Um bocadinho mais, um bocadinho hoje um bocadinho de arroz, amanhã um bocadinho de carne, se formos insistindo diariamente, eu tenho aqui crianças, não é, que não comiam sopa e que agora comem uma tigela inteira, tinha crianças não comiam banana, pronto, isto é...

Entrevistadora: Aos poucos e poucos.

AO2: ...educar, não é? Pronto, e é o que eu sinto com ele é que nós não estamos a conseguir fazê-lo porque... pronto, somos uma, existem outras colegas que dão esse apoio obviamente, que dão o apoio, mas não é, imagine, mas não é a colega que está só para ele pronto...

Entrevistadora: Sim.

AO2: ...porque depois também... ele conhece quem está sempre com ele...

Entrevistadora: Sim.

AO2: ...e se calhar é mais fácil às vezes trabalhar esta dinâmica... sempre que a pessoa... com a mesma pessoa... eu acho que não é bom ser sempre a mesma mas, no caso dele, acho que numa fase inicial era importante ser sempre a mesma pessoa... pronto, para... acho... pelo menos...

Entrevistadora: Sim, mas é isso que eu preciso saber.

AO2: Acho que era importante ser a mesma pessoa para que ele possa perceber que há confiança, que eu posso confiar nestas pessoas... que... estão a fazer o melhor para mim... pronto, é toda uma... é o acreditar, não é? Eu acredito que ele, a pouco e pouco, com insistência... às vezes é um bocadinho massa, mas ele rejeita... pronto, mas isto depois também, vá lá... se nós na escola, aqui, como técnicas não conseguimos fazer... o nosso trabalho no sentido de lhe dar... a refeição. Se não for feita em casa, ou seja, esta parceria entre escola-casa... se nós na escola insistimos, em casa não insistem... nós sozinhas não conseguimos, nós precisamos deste...

Entrevistadora: Tem de ser um trabalho de equipa.

AO2: ...desta ligação, não é? Que é para que seja... um final feliz, não é? Senão é... é muito difícil porque, pronto.

Entrevistadora: É estarem todos a remar para o mesmo lado.

AO2: É, é... e se calhar, pronto, não estamos... porque... aquilo que entendemos acho que... pronto, o tipo de refeição é sempre quase o mesmo...

Entrevistadora: Sim.

AO2: ...porque é o que gosta... porque se não dermos o que gosta não come, pronto, acho que pelo menos daquilo que entendi, em poucas palavras, de... do lado da família, é um bocadinho isto... o tipo de refeição é o que ele gosta, pronto...

Entrevistadora: Acabam por não insistirem em novos alimentos?

AO2: Sim, sim, pronto, e se for um trabalho feito com a escola e todos... é mais fácil...

Entrevistadora: Sim, muito mais fácil.

AO2: E isto é para beneficiar a ele, claro.

Entrevistadora: Sim, claro.

AO2: É em benefício tudo dele.

Entrevistadora: Sempre da criança, exato... E por último, a criança com PEA... se tivesse este acompanhamento e apoio, que requisitos essenciais este profissional teria de ter? Que acabou já por dizer.

AO2: É formação. É assim, neste... eu acho que para trabalhar com crianças com necessidades educativas especiais, é termos formação... se não temos formação na área, se não somos pessoas licenciadas... pronto, precisamos de ter algum... alguma bagagem para que possamos saber o que é que podemos fazer com esta criança. E isso eu acho que é muito importante. Se não temos, se não nos é dado também podemos sempre tentar procurar formações que nos ensinem a nós a trabalhar... com as crianças, não é?

Entrevistadora: Sim.

AO2: Porque há sempre... é importante, termos alguma bagagem, alguma coisa para que nos possamos agarrar, para poder... ajudar e também... é na base do amor, se isto funcionar com amor, se as pessoas tiverem... paciência, ser persistente, não desistir né... porque tem dias que não é fácil, há dias aqui que não é fácil, há dias que saímos daqui muito cansadas porque é um dia difícil...

Entrevistadora: Acredito que sim.

AO2: ... que se uma criança dita normal, não é? Tem dias que tem... tem birra, tem sono... manifesta-se de uma forma e temos... as crianças com necessidades educativas especiais que também se manifestam e, às vezes... estão mais cansadas, mais saturadas e que, ao não falarem muito, nós também às vezes é difícil... perceber...

Entrevistadora: Não conseguem comunicar, não é?

AO2: Sim, sim..., mas pronto é tudo na base, acho que sim, na base do amor, na base da paciência...

Entrevistadora: Sem dúvida, sem dúvida...

AO2: ...e se tivermos formação para tal, acho que... ajuda... é uma forma de ajudar...

Entrevistadora: Concordo plenamente... olhe muito obrigada A. ...

AO2: Obrigada eu e boa sorte.

Entrevistadora: ... por ter dado a sua opinião, por ter estado aqui a ouvir e, também, por ter dado aqui o seu testemunho. Muito obrigada!

AO2: Obrigada, foi um prazer, parabéns, obrigada!

ANEXO XIX - GRELHA DE ANÁLISE DE CONTEÚDO DA ENTREVISTA À
ASSISTENTE OPERACIONAL 2

Categoria: Formação	
Subcategoria	Conteúdo
Formação inicial	“Eu tirei um CET em serviço social e desenvolvimento comunitário (...) dediquei-me a... uns anos a este CET não é, à temática deste CET e depois virei-me para a área do fitness e tive uns anos também. Agora vim aqui parar a... à escola onde estou há cerca de 6 meses.”
Formação inicial com conteúdo sobre Necessidades Educativas Específicas	“Não, nada a ver, não é? Mas... no... após o terminar do 12º ano, fiz algumas formações porque não entrei logo... não fui logo estudar. Tive ali um ano a melhorar notas e depois então é que concorri e fiz o CET. Então nesse ano eu tirei algumas formações das quais fiz uma para crianças com necessidades educativas especiais pronto... ainda... uma formação que demorou cerca de 3, 4 meses. Muita... pronto, uma formação mais extensa, muitas horas.”
Formação em Educação Especial	“Sim, fiz uma formação, sim.”
Experiência	
Experiência com crianças com PEA	“É assim eu nunca tinha estado muito com... ou convivido muito com... alguma criança..., mas recentemente tenho na minha sala um menino com... 5 anos e... ou seja está a ser aqui um bocadinho período de adaptação, tanto dele a nós como de nós a ele porque ele já estava fora do... da escola há cerca de 5 meses. É assim, é uma criança que requer bastante atenção, não é? É... se nos colocarmos com ele numa mesa a trabalhar, fazer jogos... por exemplo de palavras, se colocar o abecedário em

	<p>frente ele constrói palavras e tenta construí-las sempre em inglês. Eu digo vamos construir em português e ele é sempre em inglês, pronto, mas sabe é o que está... está o que está a acontecer connosco é isto, ainda muita fase de adaptação, ele tem comportamentos em que não quer permanecer muito tempo sentado, não quer... estar... se estivermos em sala, por exemplo, numa história ele ainda não consegue estar...” “Sentado... acredito que com o passar das semanas vai conseguir porque já vem mudar desde o início até agora (...) é rotativas as nossas semanas (...) E já noto diferenças nele, pronto, ou seja, este período todo de adaptação...” “...já se nota diferença. Já consegue ficar ao lanche sentado, acredito que... com trabalho...” “(...) que ele consegue adaptar-se ao grupo que tem, acho que sim, acho que sim.”</p>
Dificuldades	
<p>Dificuldades ao trabalhar com a(s) criança(s) com PEA</p>	<p>“É um bocadinho a dinâmica do... ele é uma criança que não consegue estar muito tempo focada em... em fazer algo, ou seja, ele levanta-se vai, senta-se, ou seja, o facto de permanecer agora no canto da leitura, agora vai para os brinquedos, agora, mas agarra numa coisa rapidamente perde o foco daquela coisa, vai agarrar outra e é o que andamos a tentar trabalhar com ele é ok, podes brincar, vamos brincar, ok brincamos. Então agora temos que arrumar, agora vamos arrumar... tem sido esta dinâmica e ele a pouco e pouco eu noto que...” “Vai percebendo, sim, a dinâmica da sala, a dinâmica como é que funcionam os amigos também... uma coisa que ele não fazia... ele não olhava... nos olhos de ninguém, não é?” “De vez em quando se a gente se sentasse a brincar no chão, ele segurava no meu rosto, punha as mãos no meu rosto e tipo olhava assim nos meus olhos e eu dizia assim “Uau, estás a olhar para A.!” e ele ria-se, ou seja, havia aqui um contato visual, não é? O que é que eu noto agora é que ele já... eu digo assim “vai dar a mão aos amigos, vá, vamos</p>

	<p>para a hora de almoço” e ele vai dar a mão ao amigo, ou seja, já não vai na minha mão, ou seja, isso também é criar um bocadinho de...” “Autonomia nele que é... (...) eu digo, vais dar a mão à amiga e à amiga dá esse apoio que é, vai então ela buscar a mão dele e vão para o almoço assim, em vez de ir sempre comigo porque... aqui está igualdade, não é? Ele é igual aos outros.” “E agora ele já vai na mão dos amigos todo contente pronto...” “Que ao início tínhamos que ser nós e quase que me até rasto (...) tinha que ser ali uma... uma logística de tentar convencê-lo a ir (...)”</p>
Acompanhamentos e apoios	
Acompanhamentos e apoios na criança com PEA	<p>“Eu acho que não... eu acho que... ainda não. É um caso recente aqui na nossa escola... e à qual... sei que a educadora está a trabalhar para, para... conseguirmos esses apoios... está cá recentemente também...”</p>
Apoios e recursos necessários	<p>“Não sei, não sei... acredito que, lá está, como são recentes, também são na escola, recentes em Portugal, por isso acredito que isto tudo num processo de... ter os apoios necessários sim.”</p>
Acompanhamentos e apoios que acrescentaria	<p>“Eu acho que (...) precisava de acompanhamento até mesmo... alguma terapia que o ensinasse ou que o motivasse... ao comportamento, sei lá... ele rapidamente se cansa de algo que está a fazer, alguma terapia... da fala porque ele fala pouco ou nada... ele ainda, ele ainda ou já consegue falar, no início do ano não se percebia, agora já vai dizendo, se eu disser o meu nome A. e pedir para repetir, ele vai conseguindo, por isso acho que aqui pelo menos nas terapias que eu possa... conhecer ou que sei que hajam aqui na escola a... a terapia da fala, todas estas terapias que... que ajudem ao processo de... dele...”</p>
Importância da assistente operacional de apoio individual	

<p style="text-align: center;">Benefícios no desenvolvimento da criança com PEA</p>	<p>“Acredito que sim...” “Acredito que em qualquer sala que... que se tenha crianças com espectro de autismo, acho que... prevalece dar importância à criança, não é? Porque somos uma sala composta por 25 crianças contando com... com esta criança que temos... sendo que, estamos uma auxiliar e uma educadora para 25, sendo que ele, no meu caso, é um ele... ele necessita de mais atenção, não é? Acaba por ficar um grupo todo prejudicado... prejudicado entre aspas, pelo facto de ter um que necessita de mim sendo que eu não estou só para ele, ou seja, eu estou para todos mas acabo sempre por me deslocar mais a ele porque... se a educadora estiver a contar uma história, ele há toda uma logística de... sons que ele emite, que se levanta, que... imita sons, que grita, que... e isto necessita que eu esteja ao pé dele sentada numa secretária, a brincar com ele, a fazer jogos, a... a pintar... para que ele consiga estar...” “...tranquilo, sim, senão... isto... depois a educadora tentar trabalhar com um grupo de 24... e eu a tentar dar aqui auxílio a um para que os 24 consigam trabalhar, pronto... sendo que, obviamente se vier... imagino, se viesse outra colega para estar com... com os 24 e eu só com ele, ou vice-versa, iria ser o mesmo, não é? Porque ele vai emitir os sons, ele vai se levantar mas era mais focado... só nele, ou seja, os outros 24 poderíamos também controlar o grupo com outra colega e aqui educadora, coitada, que está sempre no... no comando do grupo todo... (...)” “... e acaba por ser... pronto acredito que tendo uma colega em sala... focada só... na criança, acho que sim...” “...que tem muitos benefícios, sim... (...)” “Acho que isso é uma mais-valia tanto para nós... para nós que estamos com o grupo como para ele que possa ter esse benefício só... só dele, não é? Alguém só para ele.”</p>
--	--

<p>Importância do acompanhamento e apoio individual</p>	<p>“É isto... é... eu acho que é muito para... imagine, nós vamos para a hora do almoço... ele é uma criança que não quer comer, ou seja, eu vou com ele para hora de almoço, eu tenho um grupo de 25... obviamente que nem todos os dias estão os 25 porque há um que está doente, pronto, há sempre uma falta ou outra mas... em grande parte... menos de 20, 22 eu nunca tenho...”</p> <p>“... então vamos todos para a hora de almoço... e eu estou a dar almoço... eu estou a dar almoço a 22, a 23 ou a 24 com ele 25 e ele é uma criança que não quer comer, ou seja, eu... eu não posso ficar ali uma hora sentada ao pé dele quando ele não come... quando tenho os outros 24 que eu tenho crianças na minha sala com... feitos os 3 anos agora recentemente...”</p> <p>“(...)a importância de ter acompanhamento... para ir, neste caso, para este ele, é importante para também... porque acaba por... não há ali uma insistência tão grande na hora do almoço para com ele porque existem os outros todos que estão... que estão a comer, não é? E ele já manifestou que não quer comer, a própria mãe já informou que não é uma criança fácil de comer então... aqui nós, também, depois uma para este grupo inteiro... não conseguimos também dar um apoio, eu acho, devido...”</p> <p>“(dar resposta) ...a ele, sim... a ele dar apoio a ele próprio, pronto, o apoio necessário que ele precisa... porque é assim toda a gente aprende a comer, não é? Um bocadinho mais, um bocadinho hoje um bocadinho de arroz, amanhã um bocadinho de carne, se formos insistindo diariamente (...)” “(...) o que eu sinto com ele é que nós não estamos a conseguir fazê-lo porque... pronto, somos uma, existem outras colegas que dão esse apoio obviamente, que dão o apoio, mas não é, imagine, mas não é a colega que está só para ele pronto...” “Acho que era importante ser a mesma pessoa para que ele possa perceber que há confiança, que eu posso confiar nestas pessoas... que... estão a fazer o melhor para mim... (...)”</p>
--	---

Requisitos essenciais	
Requisitos essenciais da assistente operacional de apoio individual	<p>“(...) e se a colega então tiver formação ou que...seja feita a formação antes da própria entrar na sala, acho que é um benefício muito grande tanto para... quem está a trabalhar para uma educadora ou outra colega que esteja com o grupo e até para criança...”</p> <p>“É formação. É assim, neste... eu acho que para trabalhar com crianças com necessidades educativas especiais, é termos formação... se não temos formação na área, se não somos pessoas licenciadas... pronto, precisamos de ter algum... alguma bagagem para que possamos saber o que é que podemos fazer com esta criança. E isso eu acho que é muito importante. Se não temos, se não nos é dado também podemos sempre tentar procurar formações que nos ensinem a nós a trabalhar... com as crianças, não é?” “Porque há sempre... é importante, termos alguma bagagem, alguma coisa para que nos possamos agarrar, para poder... ajudar e também... é na base do amor, se isto funcionar com amor, se as pessoas tiverem... paciência, ser persistente, não desistir né... porque tem dias que não é fácil, há dias aqui que não é fácil, há dias que saímos daqui muito cansadas porque é um dia difícil...”</p>

ANEXO XX - TRANSCRIÇÃO COMPLETA DA ENTREVISTA À ASSISTENTE OPERACIONAL 3

Legenda: Assistente Operacional 3 – AO3

Codificação da Entrevista: AO3

A entrevista foi realizada com data e hora previamente marcada e gravada em áudio digital.

Duração: 8 minutos e 25 segundos

Entrevistadora: Então boa tarde, o meu nome é Adriana Carreira, sou estudante do mestrado de educação especial domínio cognitivo e motor... da Escola Superior de Educação e Ciências Sociais do Instituto Politécnico de Leiria e neste momento estou a realizar o meu relatório de projeto. A temática insere-se no... no acompanhamento e apoio individual diário por parte dos assistentes operacionais, auxiliares de ação educativa, em crianças com perturbação do espectro do autismo (PEA)... em educação pré-escolar. Todas as respostas são confidenciais e serão utilizadas apenas para o estudo em questão. Antes de iniciarmos gostaria de saber se autoriza a gravação desta entrevista.

AO3: Claro que sim.

Entrevistadora: Pronto, em primeiro, qual é a sua formação?

AO3: Eu sou assistente operacional.

Entrevistadora: E a formação realizada formou-a para trabalhar com crianças com necessidades educativas específicas, nomeadamente com crianças com PEA?

AO3: Também, também.

Entrevistadora: Também? Ok e...possui alguma formação no domínio da educação especial, se sim, qual?

AO3: Normalmente costumam fazer as formações para crianças com necessidades... é tudo num módulo... globalizado. Fala um bocadinho de cada, para estarmos dentro.

Entrevistadora: Hum hum, ok, e como é que descreve a sua experiência com... a criança com PEA?

AO3: Na atual data?

Entrevistadora: Sim.

AO3: Já tive vários casos...

Entrevistadora: Na atual data, neste momento.

AO3: Na atual data é 5 estrelas...

Entrevistadora: É?

AO3: É, ele evoluiu muito desde que... já estou há 2 anos... 2 anos com ele e tem evoluído imenso... e puxo imenso por ele. Ele entrou sem falar, neste momento fala tudo. Usava fralda, neste momento já não usa fralda. A... não fazia nome, pu-lo a fazer o nome e... pronto, é assim o acompanhamento que eu tenho puxado imenso por ele e nota-se muito evolução nele, muita mesmo... e é muito meiguinho, não é uma criança agressiva... super meigo, muito dócil... coisa que, por vezes... já assisti situações em que não são, são agressivos. Este não, este é um doce de menino...

Entrevistadora: Ainda bem, e... quais são as maiores dificuldades ao trabalhar com a criança com PEA?

AO3: Eu neste caso, ele... sinto dificuldades no sentido em que... a gente quer atingir tal objetivo, neste caso, pô-lo a escrever, é claro que eles vão entrar no mundo deles, muitas vezes, então tem que os puxar para atenção, mas... arranjo estratégias... eu com ele finjo que às vezes que estou chorar (risos) e ele não gosta de ver sofrer...

Entrevistadora: Sim.

AO3: Porque ele tem este sentido e eu disse olha que eu vou chorar... e ele diz não não não não... e então faz e mas, puxo sempre por ele, tento sempre...

Entrevistadora: Motivá-lo.

AO3: ... motivá-lo para, sim, mas também respeitando sempre os limites dele, se bem que... pronto, entra lá no mundo dele, deixo-o estar ali um bocadinho... é uma questão de segundos, por vezes, e depois... focamos.

Entrevistadora: Muito bem e... a criança com perturbação do espetrismo... desculpe... com PEA que trabalha tem algum tipo de acompanhamento ou apoio?

AO3: Tem... tem terapia da fala...

Entrevistadora: Se sim, qual? Era isso que ia perguntar.

AO3: Tem hipoterapia...

Entrevistadora: Hipoterapia.

AO3: Sim... tem terapia da fala, hipoterapia, eles agora à quarta-feira têm ensino especial... eles à quarta-feira também vão às salas de snoezelen... pronto e... pronto, creio que é isto... andamos a fazer também aulas de natação... inclusive eu ia com ele para dentro de água... inicialmente ele tinha os seus medos, mas depois puxei por ele, tanto puxei, tanto puxei... porque... é um miúdo que me cativa imenso... então puxei imenso por ele e vamos e vamos e vamos... se bem que ele gasta o meu nome!

Entrevistadora: Sim.

AO3: A mãe já me disse... oh V., ele lá em casa até chama-me V. e eu assim eu sou tua mãe (risos) e depois ele gasta-me imenso... porque eu estou sempre a puxar por ele, porque é uma criança que me cativa imenso e...

Entrevistadora: Que bom.

AO3: ... que gosto de puxar por ele e vamos fazer isto, se os outros conseguem, também vais ser capaz.

Entrevistadora: Que bom!

AO3: Então a minha teoria é esta... se os outros conseguem, este também consegue... e tem conseguido.

Entrevistadora: Que bom, fico contente em ouvir isso... e na criança com PEA que acompanha, pensa que são prestados os respectivos apoios e recursos necessários?

AO3: É assim, neste caso, se não fosse... agora sim porque está referenciado, tem o ensino especial, terapia da fala, agora aqui na escola, pronto, que ele tinha inicialmente tinha fora da escola... mas como se referenciou e agora tem...

Entrevistadora: Aqui.

AO3: ... aqui na escola, mas hipoterapia, como é óbvio, é fora da escola e aí já são os pais que têm que... pagar.

Entrevistadora: Sim.

AO3: Mas sim, de resto sim, a professora do ensino especial agora leva-os à quarta-feira, porque lutou para isso, para ir à sala snoezelen e também faz hipoterapia com eles, mais uma ajuda... e está também a puxar nesse sentido...

Entrevistadora: De ter esse apoio.

AO3: ... esse apoio, sim porque para isso também era preciso transportes, aquelas coisas todas que...

Entrevistadora: São precisas.

AO3: ... que infelizmente são necessárias não é? Mas que por vezes não é sempre é fácil de... as conseguir. Neste momento, sim. Pronto, o que é ótimo.

Entrevistadora: Ainda bem... e... que acompanhamentos e apoios acrescentaria à criança?

AO3: Pronto, eu neste sentido acho que ele tem um bocadinho... não sei se... existe mais alguma coisa, para que o ajude, não é?

Entrevistadora: Hum, hum.

AO3: Mas tem muita diferença desde que ele entrou na hipoterapia... muita, evoluiu imenso... muito mesmo e notámos muita diferença nele, foi assim um... fez ali um clique que nós “epá!”.

Entrevistadora: Uau.

AO3: Apesar de... estar sempre a puxar por ele e também o ajudo imenso, não é? Tanto que a professora do ensino especial e a mãe não sabiam que ele fazia já o nome, e eu disse “não, faz o nome sim senhora, então eu pu-lo a trabalhar para isso” (risos) e então, eu assim, “M. põe-te a escrever” e ele... foi olhar para o para o cartãozinho normal, de identificação...

Entrevistadora: Sim.

AO3: ... e elas ficaram parvas a olhar para mim porque eu estando em sala, eu puxo por ele... cativo-o para isso e puxo por ele, por todos, faço por todos, um bocadinho a cada um... não custa nada...

Entrevistadora: Ainda bem, ainda bem.

AO3: ... de resto, não sei se existe mais... para além da terapia da fala para além de... do ensino especial, da hipoterapia, neste caso, natação... se existe mais alguma coisa que se possa fazer para os ajudar, não faço ideia.

Entrevistadora: Tudo bem, estamos... estou mesmo a ouvir a sua opinião.

AO3: Não faço a mínima ideia.

Entrevistadora: E se a criança tivesse uma profissional, nomeadamente uma assistente operacional, auxiliar de ação educativa, na função de acompanhamento e apoio individual diário à com criança com PEA, sente que tinha benefícios no desenvolvimento da mesma? Se sim, porquê? Se não, porquê?

AO3: Eu acho que sim...

Entrevistadora: Hum, hum.

AO3: Eu acho que sim porque está ali focado para ele, não é? E se calhar... momentos em que estou com os outros, não estou com ele, não é? E se calhar está ali mais... entra mais se calhar mais no mundo dele ou... se calhar puxava ainda mais com ele a nível de jogos, pronto, outras coisas... se calhar seria bom... mas não havendo...

Entrevistadora: Ok, estou a perceber... e como é que descreve a importância deste tipo de acompanhamento e apoio individual diário a uma criança com PEA?

AO3: Ah, ajuda imenso, não é? Porque... evoluem... muito. Se uma pessoa se dedica é claro que... evoluem imenso, estamos ali para eles, não é? Dedicados só para eles, para estar ali. Logo aí, faz a diferença.

Entrevistadora: E a criança com PEA... se tivesse este acompanhamento e apoio, que requisitos essenciais este profissional teria de ter?

AO3: Pelo menos que tivesse formação específica para, não? Porque... se calhar estaria dentro do assunto, de... da forma como agir com a criança, pronto, acho eu, acho que era isto.

Entrevistadora: Está bom, obrigado...

AO3: Obrigada.

Entrevistadora: ... pela sua atenção, pelo seu tempo!

AO3: 'Tá, obrigada.

Entrevistadora: Obrigada, boa tarde!

ANEXO XXI - GRELHA DE ANÁLISE DE CONTEÚDO DA ENTREVISTA À
ASSISTENTE OPERACIONAL 3

Categoria: Formação	
Subcategoria	Conteúdo
Formação inicial	“Eu sou assistente operacional.”
Formação inicial com conteúdo sobre Necessidades Educativas Específicas	“Também, também.”
Formação em Educação Especial	“Normalmente costumam fazer as formações para crianças com necessidades... é tudo num módulo... globalizado. Fala um bocadinho de cada, para estarmos dentro.”
Experiência	
Experiência com crianças com PEA	<p>“Na atual data é 5 estrelas...” “É, ele evoluiu muito desde que... já estou há 2 anos... 2 anos com ele e tem evoluído imenso... e puxo imenso por ele. Ele entrou sem falar, neste momento fala tudo. Usava fralda, neste momento já não usa fralda. A... não fazia nome, pu-lo a fazer o nome e... pronto, é assim o acompanhamento que eu tenho puxado imenso por ele e nota-se muito evolução nele, muita mesmo... e é muito meiguinho, não é uma criança agressiva... super meigo, muito dócil... coisa que, por vezes... já assisti situações em que não são, são agressivos. Este não, este é um doce de menino...”</p> <p>“(...) eu ia com ele para dentro de água... inicialmente ele tinha os seus medos, mas depois puxei por ele, tanto puxei, tanto puxei... porque... é um miúdo que me cativa imenso... então</p>

	<p>puxei imenso por ele e vamos e vamos e vamos... se bem que ele gasta o meu nome!”</p> <p>“Apesar de... estar sempre a puxar por ele e também o ajuda imenso, não é? Tanto que a professora do ensino especial e a mãe não sabiam que ele fazia já o nome, e eu disse “não, faz o nome sim senhora, então eu pu-lo a trabalhar para isso” (risos) e então, eu assim, “M. põe-te a escrever” e ele... foi olhar para o para o cartãozinho normal, de identificação...” “... e elas ficaram parvas a olhar para mim porque eu estando em sala, eu puxo por ele... cativo-o para isso e puxo por ele, por todos, faço por todos, um bocadinho a cada um... não custa nada...”</p>
Dificuldades	
<p>Dificuldades ao trabalhar com a(s) criança(s) com PEA</p>	<p>“Eu neste caso, ele... sinto dificuldades no sentido em que... a gente quer atingir tal objetivo, neste caso, pô-lo a escrever, é claro que eles vão entrar no mundo deles, muitas vezes, então tem que os puxar para atenção, mas... arranjo estratégias... (...)” “(...) puxo sempre por ele, tento sempre...” “... motivá-lo para, sim, mas também respeitando sempre os limites dele, se bem que... pronto, entra lá no mundo dele, deixo-o estar ali um bocadinho... é uma questão de segundos, por vezes, e depois... focamos.”</p>
Acompanhamentos e apoios	
<p>Acompanhamentos e apoios na criança com PEA</p>	<p>“(...) tem terapia da fala, hipoterapia, eles agora à quarta-feira têm ensino especial... eles à quarta-feira também vão às salas de snoezelen... (...) andamos a fazer também aulas de natação... (...)”</p>
<p>Apoios e recursos necessários</p>	<p>“(...) agora sim porque está referenciado, tem o ensino especial, terapia da fala, agora aqui na escola, pronto, que ele tinha inicialmente tinha fora da escola... mas como se referenciou e</p>

	<p>agora tem...” “... aqui na escola, mas hipoterapia, como é óbvio, é fora da escola e aí já são os pais que têm que... pagar.”</p> <p>“Mas tem muita diferença desde que ele entrou na hipoterapia... muita, evoluiu imenso... muito mesmo e notámos muita diferença nele, foi assim um... fez ali um clique que nós “epá!”.”</p>
Acompanhamentos e apoios que acrescentaria	<p>“Pronto, eu neste sentido acho que ele tem um bocadinho... não sei se... existe mais alguma coisa, para que o ajude, não é?”</p>
Importância da assistente operacional de apoio individual	
Benefícios no desenvolvimento da criança com PEA	<p>“Eu acho que sim...” “Eu acho que sim porque está ali focado para ele, não é? E se calhar... momentos em que estou com os outros, não estou com ele, não é? E se calhar está ali mais... entra mais se calhar mais no mundo dele ou... se calhar puxava ainda mais com ele a nível de jogos, pronto, outras coisas... se calhar seria bom... mas não havendo...”</p>
Importância do acompanhamento e apoio individual	<p>“Ah, ajuda imenso, não é? Porque... evoluem... muito. Se uma pessoa se dedica é claro que... evoluem imenso, estamos ali para eles, não é? Dedicados só para eles, para estar ali. Logo aí, faz a diferença.”</p>
Requisitos essenciais	
Requisitos essenciais da assistente operacional de apoio individual	<p>“Pelo menos que tivesse formação específica para, não? Porque... se calhar estaria dentro do assunto, de... da forma como agir com a criança, pronto, acho eu, acho que era isto.”</p>

ANEXO XXII - TRANSCRIÇÃO COMPLETA DA ENTREVISTA À ASSISTENTE OPERACIONAL 4

Legenda: Assistente Operacional 4 – AO4

Codificação da Entrevista: AO4

A entrevista foi realizada com data e hora previamente marcada e gravada em áudio digital.

Duração: 7 minutos e 26 segundos

Entrevistadora: Então boa tarde, o meu nome é Adriana Carreira, sou estudante do mestrado de educação especial domínio cognitivo e motor, da escola superior de educação e ciências sociais do Instituto Politécnico de Leiria e neste momento estou a realizar o meu... relatório de projeto. A temática insere-se sobre o acompanhamento e apoio individual diário por parte dos assistentes operacionais, auxiliares de ação educativa, em crianças com perturbação do espectro autismo (PEA)... em educação pré-escolar. Todas as respostas são confidenciais e serão utilizadas apenas para o estudo em questão. Antes de iniciarmos gostaria de saber se autoriza a gravação desta entrevista.

AO4: Autorizo.

Entrevistadora: Em primeiro, qual é que é a sua formação?

AO4: A minha formação base é... finanças empresariais.

Entrevistadora: Ok.

AO4: Fiz licenciatura, depois fiz o primeiro mestrado em... gestão das instituições financeiras.

Entrevistadora: Ok e a formação, neste caso realizada... que não, não está ligada com... acredito com a educação, não é? Mas formou-a ou teve outro tipo de formação ligada com...

AO4: Sim, sim, fiz um curso... de auxiliar de ação educativa.

Entrevistadora: Hum, hum.

AO4: Agora não me lembro do... do nome... (nome da entidade de formação) cá na (local).

Entrevistadora: Hum, hum.

AO4: Antes de vir para cá trabalhar fiz esse curso.

Entrevistadora: E dentro desse curso, tinha... esse curso ou formação formou-a para trabalhar com crianças com necessidades educativas específicas, nomeadamente crianças com PEA?

AO4: Sim, sim falámos.

Entrevistadora: Ok... e possui alguma formação no domínio da educação especial, à parte?

AO4: Não, não...

Entrevistadora: Não? Ok e como é que descreve a sua experiência com criança com PEA?

AO4: No meu caso, pronto, acho que nenhum é igual, cada criança com autismo... são todas diferentes, têm todas as suas particularidades.

Entrevistadora: Hum, hum.

AO4: No meu caso, neste momento, tenho uma criança na minha sala... ao início acho que foi a... a adaptação não... não foi logo fácil...

Entrevistadora: Hum, hum.

AO4: ... a..., mas sim, este é o segundo ano que eu estou na mesma sala mesmo por causa disso, nós não rodámos de sala e... sinto que... ele se agarrou muito a mim porque... tenho, ou seja, ele começou a confiar em mim a partir desse momento... temos uma boa relação...

Entrevistadora: Sim.

AO4: ... ele vai achar estranho se for outra pessoa e já não for eu, por exemplo. No verão... no verão eu noto... alterações no comportamento dele... porque não é a mesma pessoa... por exemplo, na hora da refeição, o facto de o almoço ser noutra espaço, ser noutra, noutra lugar, isso altera logo tudo...

Entrevistadora: O comportamento da criança?

AO4: Sim... ele come muito bem, mas pode, por exemplo, já... o primeiro verão que eu tive com ele, chegou a acontecer ele mal tocar comida e ninguém lhe conseguia dar a comida. Porque ele não tinha confiança com...

Entrevistadora: Com a pessoa?

AO4: ...com ninguém... agora... é super querido.

Entrevistadora: Muito bem e quais é que são as maiores dificuldades ao trabalhar com a criança com PEA?

AO4: Eu acho que é um bocadinho... por exemplo, se ele está a fazer um desenho, por exemplo, tem dificuldade em talvez se concentrar... vai querer ir fazer outra coisa e... se levantar...

Entrevistadora: Hum, hum.

AO4: Está no seu mundo, pronto, só quer estar no seu mundo, ele vai se levantar, ele vai... Quando os meninos fazem uma roda ou ouvir uma história... eu tenho o chamar "M. anda cá...".

Entrevistadora: E a criança com PEA com que trabalha tem algum tipo de acompanhamento ou apoio? Se sim, qual?

AO4: Tem, ele tem educação especial cá na escola e... eu penso que também deve ter alguém com terapia da fala e isso...

Entrevistadora: Hum, hum, mais alguma coisa?

AO4: Acho que tem, mas não me lembro do nome.

Entrevistadora: Não tem problema...

AO4: Pronto acho que à parte da escola faz hipoterapia.

Entrevistadora: Ok, hipoterapia.

AO4: Pelo menos que eu tenha conhecimento.

Entrevistadora: E... nas crianças com PEA, neste caso na criança que acompanha, pensa que são prestados os respetivos apoios e recursos necessários?

AO4: Sim... não há uma pessoa só para ele, acho que se houvesse era, pronto, era melhor... ele teria mais atenção, são 20...

Entrevistadora: Hum, hum.

AO4: Tem que ser... a atenção tem que ser repartida por todos e acho que se talvez houvesse alguém só para ele... podia puxar mais por ele talvez e alguém que percebesse melhor do assunto seria melhor...

Entrevistadora: Ok... e que... já acabou por responder, mas que acompanhamentos e apoios acrescentaria à criança com PEA? Era...

AO4: Talvez isso...

Entrevistadora: Ok, ok... e então... depois... eu vou também falar aqui desse assunto, se a criança tivesse uma profissional, nomeadamente uma assistente operacional, auxiliar de ação educativa, na função de acompanhamento e apoio individual diário à criança com PEA sente que tinha benefícios no desenvolvimento da mesma? Se sim, porquê? Se não, porquê?

AO4: Eu acho que sim porque assim... podemos, pronto, puxar mais por ele digamos... acompanhá-lo mais... incentivá-lo mais...

Entrevistadora: Sim.

AO4: Porque ele está a fazer um... colocamos todos a fazer um trabalhinho, ele assim... que ele quiser ele vai sair. Se tivermos a orientá-lo... se calhar já vai ser diferente...

Entrevistadora: Ok, estou a perceber.

AO4: Às vezes depois eu vou lá a ele e ajudo e, pronto, ele realmente está a fazer... mas tem que ter ali alguém com ele...

Entrevistadora: Estar ao lado dele?

AO4: Sim.

Entrevistadora: E como é que descreve a importância deste tipo de acompanhamento e apoio individual diário à criança com PEA?

AO4: Como é que eu descrevo, como assim a importância?

Entrevistadora: Sim, a importância o que é que isso poderia dar a criança... a mais.

AO4: Podia... se calhar uma maior evolução... talvez na...

Entrevistadora: Maior evolução, ok.

AO4: ...atenção... mesmo na parte de brincarmos com ele e tudo...

Entrevistadora: Ok e a criança com PEA a... se tivesse este acompanhamento e apoio, que requisitos essenciais este profissional teria de ter?

AO4: Acho que tinha que ter alguma formação em educação especial...

Entrevistadora: Ok...

AO4: Porque não é igual lidarmos com uma criança... especial, digamos... não podemos falar da mesma maneira, ela não vai perceber da mesma maneira...

Entrevistadora: Ok...

AO4: ...que outra criança.

Entrevistadora: Muito obrigada pelo seu tempo A.

ANEXO XXIII - GRELHA DE ANÁLISE DE CONTEÚDO DA ENTREVISTA À
ASSISTENTE OPERACIONAL 4

Categoria: Formação	
Subcategoria	Conteúdo
Formação inicial	“A minha formação base é... finanças empresariais.” “Fiz licenciatura, depois fiz o primeiro mestrado em... gestão das instituições financeiras.” “(...) fiz um curso... de auxiliar de ação educativa.”
Formação inicial com conteúdo sobre Necessidades Educativas Específicas	“Sim, sim falámos.”
Formação em Educação Especial	“Não, não...”
Experiência	
Experiência com crianças com PEA	<p>“No meu caso, pronto, acho que nenhum é igual, cada criança com autismo... são todas diferentes, têm todas as suas particularidades.”</p> <p>“No meu caso, neste momento, tenho uma criança na minha sala... ao início acho que foi a... a adaptação não... não foi logo fácil...” “... a..., mas sim, este é o segundo ano que eu estou na mesma sala mesmo por causa disso, nós não rodámos de sala e... sinto que... ele se agarrou muito a mim porque... tenho, ou seja, ele começou a confiar em mim a partir desse momento... temos uma boa relação...” “... ele vai achar estranho se for outra pessoa e já não for eu, por exemplo. No verão... no verão eu noto... alterações no comportamento dele... porque não é a</p>

	mesma pessoa... por exemplo, na hora da refeição, o facto de o almoço ser noutro espaço, ser noutro, noutro lugar, isso altera logo tudo...”
Dificuldades	
Dificuldades ao trabalhar com a(s) criança(s) com PEA	<p>“Eu acho que é um bocadinho... por exemplo, se ele está a fazer um desenho, por exemplo, tem dificuldade em talvez se concentrar... vai querer ir fazer outra coisa e... se levantar...”</p> <p>“Está no seu mundo, pronto, só quer estar no seu mundo, ele vai se levantar, ele vai... Quando os meninos fazem uma roda ou ouvir uma história... eu tenho o chamar (...)”</p>
Acompanhamentos e apoios	
Acompanhamentos e apoios na criança com PEA	“Tem, ele tem educação especial cá na escola e... eu penso que também deve ter alguém com terapia da fala e isso...” “Pronto acho que à parte da escola faz hipoterapia.”
Apoios e recursos necessários	“Sim... não há uma pessoa só para ele, acho que se houvesse era, pronto, era melhor... ele teria mais atenção, são 20...”
Acompanhamentos e apoios que acrescentaria	“Tem que ser... a atenção tem que ser repartida por todos e acho que se talvez houvesse alguém só para ele... podia puxar mais por ele talvez e alguém que percebesse melhor do assunto seria melhor...”
Importância da assistente operacional de apoio individual	
Benefícios no desenvolvimento da criança com PEA	<p>“Eu acho que sim porque assim... podemos, pronto, puxar mais por ele digamos... acompanhá-lo mais... incentivá-lo mais...”</p> <p>“Porque ele está a fazer um... colocamos todos a fazer um trabalhinho, ele assim... que ele quiser ele vai sair. Se tivermos a orientá-lo... se calhar já vai ser diferente...” “Às vezes depois eu vou lá a ele e ajudo e, pronto, ele realmente está a fazer... mas tem que ter ali alguém com ele...”</p>

<p>Importância do acompanhamento e apoio individual</p>	<p>“Podia... se calhar uma maior evolução... talvez na...” “...atenção... mesmo na parte de brincarmos com ele e tudo...”</p>
<p>Requisitos essenciais</p>	
<p>Requisitos essenciais da assistente operacional de apoio individual</p>	<p>“Acho que tinha que ter alguma formação em educação especial...” “Porque não é igual lidarmos com uma criança... especial, digamos... não podemos falar da mesma maneira, ela não vai perceber da mesma maneira...” “...que outra criança.”</p>

ANEXO XXIV - TRANSCRIÇÃO COMPLETA DA ENTREVISTA À ASSISTENTE
OPERACIONAL 5

Legenda: Assistente Operacional 5 – AO5

Codificação da Entrevista: AO5

A entrevista foi realizada com data e hora previamente marcada e gravada em áudio digital.

Duração: 9 minutos e 35 segundos

Entrevistadora: Então boa tarde...

AO5: Boa tarde.

Entrevistadora: ... o meu nome é Adriana Carreira, sou estudante do mestrado de educação especial, domínio cognitivo e motor, da Escola Superior de Educação e Ciências Sociais do Instituto Politécnico de Leiria e neste momento estou a realizar o meu relatório de projeto. A temática insere-se sobre o acompanhamento e apoio individual diário por parte de assistentes operacionais, auxiliares de ação educativa, em crianças com perturbação do espectro do autismo (PEA) em educação pré-escolar. Todas as respostas são confidenciais e serão utilizadas apenas para o estudo em questão. Antes de iniciarmos gostaria de saber se autoriza a gravação desta entrevista.

AO5: Sim.

Entrevistadora: Então vamos lá... em primeiro, qual é que é então a sua formação?

AO5: 12º ano.

Entrevistadora: Ok, 12º ano e... então, a formação realizada, durante os seus estudos, formou-a para trabalhar com crianças com necessidades educativas específicas, nomeadamente com crianças com PEA.

AO5: Eu tirei várias formações a seguir ao 12º ano, tirei várias formações.

Entrevistadora: Ok, eu por acaso ia depois perguntar aqui se possui alguma formação no domínio da educação especial, se sim qual?

AO5: Do autismo... mas foram... de pouca duração daquelas... 25 horas, 50 horas, não, nada assim muito aprofundado...

Entrevistadora: Hum, hum.

AO5: ... do autismo houve do fator... x frá... como é que se chama? X frágil...

Entrevistadora: Sim.

AO5: Pronto, esse também tirei...

Entrevistadora: Sim, sim, síndrome X frágil.

AO5: ... sim... dos NEE's também... sei que foram assim uns 3 ou 4...

Entrevistadora: Vários cursos assim de curta duração?

AO5: Sim... e depois tirei outras relacionado com crianças que não tem a ver com essa... que não tem... diretamente!

Entrevistadora: Sim, diretamente, mas acaba sempre por ter alguma... alguma... ligação. Ok e então, como é que descreve a sua experiência com a criança com PEA, que tem neste momento?

AO5: Eu gosto de trabalhar com ela! Pronto... é um bocadinho diferente das outras... se não lhe apetecer fazer... temos que ter paciência e tentar mais tarde... não, não se pode obrigar a criança a fazer...

Entrevistadora: Hum, hum.

AO5: ... mas de resto, pelo menos as que estão comigo na sala, compreendem o que a gente diz, falam... não é assim um grau muito muito profundo...

Entrevistadora: Ok, ok...

AO5: ... eles percebem tudo...

Entrevistadora: E quais é que são as maiores dificuldades ao trabalhar com a criança com PEA?

AO5: Falta de meios, falta de jogos para eles, falta... aquilo é uma sala normal não tem nada para eles...

Entrevistadora: Ok, ok... e... e a criança com PEA com que trabalha tem algum tipo de acompanhamento ou apoio? Se sim, qual?

AO5: Tem, aqui tem... e depois de fora sei que a mãe também leva a terapias.

Entrevistadora: Ok, ok... e sabe me dizer quais é que são?

AO5: Não sei...

Entrevistadora: Tudo bem...

AO5: ... os nomes não sei...

Entrevistadora: ... tudo bem.

AO5: Só sei que são terapias, ah ele vai à terapia! Mas não sei...

Entrevistadora: Exatamente, tudo bem...

AO5: ... o quê...

Entrevistadora: ...tudo bem e... na criança com PEA que acompanha pensa que são prestados os respetivos apoios e recursos necessários? Se sim, quais?

AO5: São as terapias, mas...

Entrevistadora: Acabou por já me responder que faltava alguns meios na sala...

AO5: É isso, é terapias, mas falta muita coisa, não... acho que ele podia ser apoiado, ele e os outros todos...

Entrevistadora: Sim.

AO5: Falta muita coisa, muitos apoios, muitos...

Entrevistadora: E que acompanhamentos e apoios acrescentaria à criança com PEA? Mais terapias, não é? Que já me disse...

AO5: Mais terapias, mas é assim... a pessoa está com ele mas não tem nada para fazer com ele... ou é os jogos que os outros fazem que ele... às vezes ele nem liga nenhuma, os puzzles, os legos que ele nem liga nenhuma. Ele gosta daqueles movimentos e barulhos... Se tivesse... jogos específicos para ele, talvez ele se interessasse mais... mas ele, ele gosta doutros trabalhos, gosta da picotagem, só que não é... não está ali muito tempo...

Entrevistadora: Ok... e então... se a criança tem, neste caso uma profissional, nomeadamente uma assistente operacional, auxiliar de ação educativa, na função de acompanhamento e apoio individual diário à criança com PEA, sente que tem benefícios no desenvolvimento da mesma?

AO5: Tem, tem, tem...

Entrevistadora: E porquê?

AO5: Porque dá mais apoio... porque imagine... uma sala com 20 crianças... estamos ali a trabalhar com as outras... ele fica um bocadinho posto de parte... só é chamado... quando ele entende que é chamado, pronto...

Entrevistadora: Sim.

AO5: E se... se uma pessoa está com ele já... ele próprio identifica-se mais com ela “olha vai com a S., vai ali fazer isto” ou “vai com a M., vai ali fazer isto”. E ele já sabe que ali... vai fazer aquele trabalho...

Entrevistadora: Ok, estou a perceber.

AO5: E connosco é mais... brincar...

Entrevistadora: Ou seja, seria mais difícil se não tivesse esta... esta pessoa com ele?

AO5: Porque no ano passado tivemos sozinhos em sala, não havia a S., não havia a M., não havia a M., não havia nada... era só a S... Era só a S., era só eu!

Entrevistadora: Sim... E era mais difícil?

AO5: Às vezes era difícil... eu fazia trabalhos com ele mas não era aquela atenção que ele precisa...

Entrevistadora: Mais... focada nele.

AO5: Só para ele...

Entrevistadora: Ok... e como é que descreve a importância deste tipo de acompanhamento e apoio individual diário a uma criança com PEA? A importância desta pessoa aqui com... com ele.

AO5: Esta pessoa acompanha-o em tudo... se ele tiver que ir à sala de apoio, ela vai... se ele tiver que ir fazer terapias, não é bem terapias, mas vai... ainda hoje foram a... andar de cavalo, ela vai com ele... se não houvesse essa pessoa, quem é que ia? A sala não ia ficar sem ninguém, nem havia ninguém de fora para ir...

Entrevistadora: Ok...

AO5: Para a natação... vamos à natação, se se ele precisar... vá dentro d'água com ele, quem é que vai? Tem que ser ela....

Entrevistadora: Ou seja, essa pessoa acaba por acompanhar todo o percurso da criança, não é?

AO5: Sim, sim...

Entrevistadora: Ok, e isso é importante sem dúvida... e então e se tem uma assistente operacional no acompanhamento e apoio individual diário para a criança com PEA de que forma é que o seu trabalho tem influência na criança ao nível do desenvolvimento psicomotor, por exemplo, correr, saltar, dançar, chutar, pintar, desenhar... esta colega que é que sente que influencia nestas... nestas vertentes que eu acabei de dizer do desenvolvimento psicomotor?

AO5: Ela?

Entrevistadora: Sim... o que é que influencia na criança? Se evolui... nestas nestas questões....

AO5: Ela não está muito tempo com ele...

Entrevistadora: Sim.

AO5: Está há uns meses só... mas eu acho que evolui...

Entrevistadora: Ok... e por exemplo... a nível do desenvolvimento psicossocial, interagir, brincar com os seus pares...

AO5: Ele está melhor... porque ele o ano passado a... a maneira de ele chegar às pessoas era bater assim na cabeça... e eles não gostavam, não achavam muita piada.

Entrevistadora: Pois... (risos)

AO5: Este ano já não está tanto... já está mais calminho, já não bate... não é bater, é chamar à atenção! Ele em vez de chamar a pessoa, faz assim...

Entrevistadora: Sim em vez de verbalizar, chamava a bater.

AO5: Que ele chama, ele sabe o nome de todos... mas fazia assim, chegava ao pé deles assim, este ano não faz tanto...

Entrevistadora: Ok, começou a perceber... que isso era errado, ok... e ao nível de desenvolvimento cognitivo, por exemplo, entender os jogos, regras simples, letras, números, cores... esta pessoa...

AO5: As cores sabe!

Entrevistadora: ... que influência... Ok, as cores...

AO5: E ela faz alguns jogos com... mas é tal coisa, não é jogos para a idade dele que ele ligue muito aquilo...ele está ali um bocadinho...

Entrevistadora: Acha na mesma que em termos de recursos materiais também não... há aqui uma falta.

AO5: Temos ali a nossa sala de... ai como é que se chama aquela sala...

Entrevistadora: Snoezelen?

AO5: Sala de apoio... não, aquilo tem outro nome...

Entrevistadora: Essa é outra sala?

AO5: Mas também tem... tem lá isso... também tem, este ano tem... e ela vai lá acompanha-o lá a essa sala e diz que ele lá...

Entrevistadora: Consegue também trabalhar com ele?

AO5: Melhor...

Entrevistadora: Ok... do que em sala com o grupo?

AO5: Sim porque ela ali tem essas coisas que ele gosta...

Entrevistadora: Ok...

AO5: Aquelas luzes... ele gosta...

Entrevistadora: Ok, muito bem...

AO5: Mas ele é capaz de estar sentado... se tivermos a contar uma história, ele está lá ouvir a história... sabe as músicas... ele sabe tudo... e ela consegue estar com ele... a fazer isso!

Entrevistadora: Sim porque lá está, está... para ele.

AO5: Está só para ele.

Entrevistadora: Ok e ao nível aqui do desenvolvimento da linguagem e da comunicação, esta pessoa, que influência é que teve na criança, nesta parte da linguagem e comunicação?

AO5: Ele já fala tudo!

Entrevistadora: Ele já falava antes?

AO5: Já!

Entrevistadora: Ok... não houve aqui uma... evolução maior do que... desde a presença dela? Ok...

AO5: É o que eu digo, ele está há pouco tempo ainda com ela...

Entrevistadora: Há uns meses...?

AO5: ...poucos meses...

Entrevistadora: Foi desde o início do ano letivo?

AO5: Não, não, não...

Entrevistadora: Ok, já foi... a meio?

AO5: Já foi depois...

Entrevistadora: Ok...

AO5: Não me lembro bem, mas já foi depois.

Entrevistadora: Ok e a... a criança com PEA se tem este acompanhamento e apoio, que requisitos essenciais este profissional teria de ter? ...a pessoa que está com ele. Que formação é que deveria ter?

AO5: Eu acho que pelo menos a formação... dos NEE's, saber mais ou menos o que é que representa o autismo, os sinais e... o que é que eles gostam de fazer, o que é que eles... não gostam de fazer...

Entrevistadora: Hum, hum.

AO5: Tirar essa formação, pelo menos... o básico.

Entrevistadora: Ok... muito bem, mais uma vez obrigada!

AO5: É só?

Entrevistadora: Pelo seu tempo. Foi rápido! Muito obrigada, pronto.

ANEXO XXV - GRELHA DE ANÁLISE DE CONTEÚDO DA ENTREVISTA À
ASSISTENTE OPERACIONAL 5

Categoria: Formação	
Subcategoria	Conteúdo
Formação inicial	“12º ano.”
Formação inicial com conteúdo sobre Necessidades Educativas Específicas	“Eu tirei várias formações a seguir ao 12º ano, tirei várias formações.”
Formação em Educação Especial	“Do autismo... mas foram... de pouca duração daquelas... 25 horas, 50 horas, não, nada assim muito aprofundado...” “... do autismo houve do fator... (...) X frágil...” “(...) dos NEE’s também... sei que foram assim uns 3 ou 4...”
Experiência	
Experiência com crianças com PEA	“Eu gosto de trabalhar com ela! Pronto... é um bocadinho diferente das outras... se não lhe apetecer fazer... temos que ter paciência e tentar mais tarde... não, não se pode obrigar a criança a fazer...” “mas de resto, pelo menos as que estão comigo na sala, compreendem o que a gente diz, falam... não é assim um grau muito muito profundo...” “... eles percebem tudo...”
Dificuldades	
Dificuldades ao trabalhar com a(s) criança(s) com PEA	“Falta de meios, falta de jogos para eles, falta... aquilo é uma sala normal não tem nada para eles...”

Acompanhamentos e apoios	
Acompanhamentos e apoios na criança com PEA	“Tem, aqui tem... e depois de fora sei que a mãe também leva a terapias.”
Apoios e recursos necessários	“São as terapias, mas...” “É isso, é terapias, mas falta muita coisa, não... acho que ele podia ser apoiado, ele e os outros todos...” “Falta muita coisa, muitos apoios, muitos...”
Acompanhamentos e apoios que acrescentaria	“Mais terapias, mas é assim... a pessoa está com ele mas não tem nada para fazer com ele... ou é os jogos que os outros fazem que ele... às vezes ele nem liga nenhuma, os puzzles, os legos que ele nem liga nenhuma. Ele gosta daqueles movimentos e barulhos... Se tivesse... jogos específicos para ele, talvez ele se interessasse mais... mas ele, ele gosta doutros trabalhos, gosta da picotagem, só que não é... não está ali muito tempo...”
Importância da assistente operacional de apoio individual	
Benefícios no desenvolvimento da criança com PEA	“Tem, tem, tem...” “Porque dá mais apoio... porque imagine... uma sala com 20 crianças... estamos ali a trabalhar com as outras... ele fica um bocadinho posto de parte... só é chamado... quando ele entende que é chamado, pronto...” “E se... se uma pessoa está com ele já... ele próprio identifica-se mais com ela (...) E ele já sabe que ali... vai fazer aquele trabalho...” “Porque no ano passado tivemos sozinhos em sala (...)” “Às vezes era difícil... eu fazia trabalhos com ele mas não era aquela atenção que ele precisa...”
Importância do acompanhamento e apoio individual	“Esta pessoa acompanha-o em tudo... se ele tiver que ir à sala de apoio, ela vai... se ele tiver que ir fazer terapias, não é bem terapias, mas vai... ainda hoje foram a... andar de cavalo, ela vai com ele... se não houvesse essa pessoa, quem é que ia? A sala não ia ficar sem ninguém, nem havia ninguém de fora para

	<p>ir...” “Para a natação... vamos à natação, se se ele precisar... vá dentro d’água com ele, quem é que vai? Tem que ser ela...”</p> <p>“Temos ali a nossa sala de... (...)” “Sala de apoio... (...)” “(...) e ela vai lá acompanha-o lá a essa sala e diz que ele lá...” “Sim porque ela ali tem essas coisas que ele gosta...”</p> <p>“Mas ele é capaz de estar sentado... se tivermos a contar uma história, ele está lá ouvir a história... sabe as músicas... ele sabe tudo... e ela consegue estar com ele... a fazer isso!”</p>
<p>Influência no desenvolvimento psicomotor, psicossocial, cognitivo, linguagem e comunicação</p>	<p>“Ela não está muito tempo com ele...” “Está há uns meses só... mas eu acho que evolui...”</p> <p>“Ele está melhor... porque ele o ano passado a... a maneira de ele chegar às pessoas era bater assim na cabeça... e eles não gostavam, não achavam muita piada.” “Este ano já não está tanto... já está mais calminho, já não bate... não é bater, é chamar à atenção! Ele em vez de chamar a pessoa, faz assim...”</p> <p>“Que ele chama, ele sabe o nome de todos... mas fazia assim, chegava ao pé deles assim, este ano não faz tanto...”</p> <p>“As cores sabe!” “E ela faz alguns jogos com... mas é tal coisa, não é jogos para a idade dele que ele ligue muito aquilo...ele está ali um bocadinho...”</p> <p>“Ele já fala tudo!” “É o que eu digo, ele está há pouco tempo ainda com ela...” “...poucos meses...”</p>
<p>Requisitos essenciais</p>	
<p>Requisitos essenciais da assistente operacional de apoio individual</p>	<p>“Eu acho que pelo menos a formação... dos NEE’s, saber mais ou menos o que é que representa o autismo, os sinais e... o que é que eles gostam de fazer, o que é que eles... não gostam de fazer...” “Tirar essa formação, pelo menos... o básico.”</p>

ANEXO XXVI - GUIÃO DA ENTREVISTA AOS ASSISTENTES OPERACIONAIS,
AUXILIARES DE AÇÃO EDUCATIVA, DE APOIO INDIVIDUAL

Bom dia. O meu nome é Adriana Carreira, sou estudante do mestrado de Educação Especial – Domínio Cognitivo-Motor, da Escola Superior de Educação e Ciências Sociais, do Instituto Politécnico de Leiria, e, neste momento, estou a realizar o meu relatório de projeto. A temática insere-se sobre o acompanhamento e apoio individual diário por parte de assistentes operacionais - auxiliares de ação educativa - em crianças com Perturbação do Espectro do Autismo (PEA) em educação pré-escolar. Todas as respostas são confidenciais e serão utilizadas apenas para o estudo em questão.

Antes de iniciarmos, gostaria de saber se autoriza a gravação desta entrevista?

1 - Qual é a sua formação?

2 - A formação realizada formou-a para trabalhar com crianças com Necessidades Educativas Específicas, nomeadamente com crianças com PEA?

3 - Possui alguma formação no domínio da Educação Especial?

3.1 - Se sim, qual?

4 - Como descreve a sua experiência com a criança com PEA?

5 - Quais são as maiores dificuldades ao trabalhar com a criança com PEA?

6 – A criança com PEA com que trabalha tem algum tipo de acompanhamento ou apoio?

6.1 – Se sim, qual?

7 – Na criança com PEA que acompanha pensa que são prestados os respetivos apoios e recursos necessários?

7.1 – Se sim, quais?

8 - Que acompanhamentos e apoios acrescentaria à criança com PEA?

9 – Sendo que é uma profissional, nomeadamente uma assistente operacional, auxiliar de ação educativa, que realiza a função de acompanhamento e apoio individual diário à criança com PEA, sente que tem benefícios no desenvolvimento da criança?

9.1 – Se sim, porquê?

9.2 – Se não, porquê?

10 – Como descreve a importância do seu acompanhamento e apoio individual diário a uma criança com PEA?

11 – Sendo que é uma assistente operacional no acompanhamento e apoio individual diário para a criança com PEA, de que forma é que o seu trabalho tem influência na criança ao nível do desenvolvimento psicomotor (correr, saltar, dançar, chutar, pintar, desenhar, ...)?

11.1 – E ao nível do desenvolvimento psicossocial (interagir, brincar com os seus pares, ...)?

11.2 – E ao nível do desenvolvimento cognitivo (entender jogos, regras simples, letras, números, cores, ...)?

11.3 – E ao nível do desenvolvimento da linguagem e da comunicação?

12 - A criança com PEA ao ter este acompanhamento e apoio, que requisitos essenciais este profissional tem de ter?

ANEXO XXVII - TRANSCRIÇÃO COMPLETA DA ENTREVISTA À ASSISTENTE
OPERACIONAL DE APOIO INDIVIDUAL

Legenda: Assistente Operacional de Apoio Individual – AOApoyo

Codificação da Entrevista: AOApoyo

A entrevista foi realizada com data e hora previamente marcada e gravada em áudio digital.

Duração: 8 minutos e 28 segundos

Entrevistadora: Então boa tarde...

AOApoyo: Boa tarde.

Entrevistadora: ... o meu nome é Adriana Carreira, sou estudante do mestrado de educação especial, domínio cognitivo e motor da Escola Superior de Educação e Ciências Sociais... do Instituto Politécnico de Leiria e neste momento estou a realizar o meu relatório projeto. A temática insere-se sobre o acompanhamento e apoio individual diário por parte de assistentes operacionais, auxiliares de ação educativa, em crianças com perturbação do espectro do autismo (PEA) em educação pré-escolar. Todas as respostas são confidenciais e serão utilizadas apenas para o estudo em questão. Antes de iniciarmos gostaria de saber se autoriza a gravação desta entrevista.

AOApoyo: Sim.

Entrevistadora: Qual, então, vamos começar... qual é que é a sua formação?

AOApoyo: A... auxiliar de ação educativa.

Entrevistadora: Ok... a formação realizada formou-a para... para trabalhar com crianças com necessidades educativas específicas, nomeadamente com crianças com PEA?

AOApoio: A... não dentro do... do curso tinha... falava em NEE's, necessidades especiais... mas não dentro de autismo, no geral, só...

Entrevistadora: Ok, ok... e possui alguma formação no domínio da educação especial? Se sim, qual?

AOApoio: Hum, não. Só mesmo... conter infor... pronto o curso, de auxiliar...

Entrevistadora: Ok...

AOApoio: Não fiz nada assim específico.

Entrevistadora: ... e como é que descreve a sua experiência com a criança com PEA?

AOApoio: Estou a gostar, todos os dias é... uma aventura (risos) também aprendo muito com eles...

Entrevistadora: Sim.

AOApoio: Não é? Mesmo por muitos estudos, cada criança é uma criança, não é?

Entrevistadora: Hum, hum, sim.

AOApoio: Cada tipo de autismo... a... estou a gostar.

Entrevistadora: E quais é que são as maiores dificuldades ao trabalhar com criança com PEA?

AOApoio: É... muitas vezes é compreender, compreensão... deles... às vezes pensamos que é isto que eles querem e não é isto (risos) então é assim um bocadinho... é... complicado. Vamos aprendendo... com eles...

Entrevistadora: Ok...

AOApoio: ... dia-a-dia.

Entrevistadora: E a criança com PEA que... com que trabalha, tem algum tipo de acompanhamento ou apoio?

AOApoio: Sim.

Entrevistadora: Se sim, qual?

AOApoio: Tem as terapeutas a... na escola.

Entrevistadora: Hum, hum...

AOApoio: Fora... também tem..., mas é terapia mas é... fisioterapia mas isso é por causa do motor... a...

Entrevistadora: Ok.

AOApoio: Que ele não... ele não desenvolvia bem, pronto, o andar...

Entrevistadora: Sim.

AOApoio: ... agora já começou... a andar e também tem a natação...

Entrevistadora: Ok.

AOApoio: ... também dentro, é um projeto... que...

Entrevistadora: Muito bem.

AOApoio: ... que eles conseguiram agora há uns tempos, não me pergunte que eu não sei (risos)...

Entrevistadora: Não tem problema.

AOApoio: Só a educadora é que sabe, mas sei que é... em relação também a ele ser, a ter autismo... que ele conseguiu...

Entrevistadora: Ok, ainda bem.

AOApoio: ... esse projeto.

Entrevistadora: Ainda bem... e... na criança com PEA que acompanha pensa que são prestados os respectivos apoios e recursos necessários? Se sim, quais?

AOApoio: É assim... eu penso que sim, não sei... (risos)

Entrevistadora: Esteja à vontade, é para dar a sua opinião, não se preocupe.

AOApoio: Eu acho que sim, todos os dias fazem... aquilo que, não sei explicar...

Entrevistadora: Acham que então a... são prestados os respetivos...

AOApoio: Sim!

Entrevistadora: ... apoio e recursos?

AOApoio: Sim...

Entrevistadora: Ok...

AOApoio: Por acaso agora também costumamos... costumamos ir à quarta-feira à unidade a (local) ...

Entrevistadora: Hum, hum.

AOApoio: A... e eles têm lá sempre um senhor que... vão no (local)...

Entrevistadora: Sim.

AOApoio: ... que anda de pónei com eles... conseguiram essa parceria, pronto com... mas o senhor não leva... dinheiro nenhum, por isso...

Entrevistadora: Sim.

AOApoio: ... é uma...

Entrevistadora: Parceria.

AOApoio: Sim, mas é de boa vontade do senhor. Então nós conseguimos sempre... se não forem todos da unidade, que a carrinha só tem também um x lugares... mas vamos sempre com... com um menino ou outro (risos).

Entrevistadora: Ainda bem.

AOApoio: Temos feito também esse... hoje por acaso fomos...

Entrevistadora: Pois, hoje é quarta, sim, sim.

AOApoio: ... e ele gostou muito...

Entrevistadora: Ok.

AOApoio: ... de andar de cavalo.

Entrevistadora: Isso é muito bom.

AOApoio: Também é mais uma... uma ajuda!

Entrevistadora: Sim, sim, sim... e que acompanhamentos e apoios acrescentaria à criança com PEA?

AOApoio: Não sei... acho que não... dentro... do acompanhamento que ele tem acho que não... não é preciso mais, não sei...

Entrevistadora: Ok...

AOApoio: ... o que responder.

Entrevistadora: Tudo bem!

AOApoio: (risos)

Entrevistadora: A... e sendo que então é a profissional que, nomeadamente uma assistente operacional, auxiliar de ação educativa, que realiza a função de acompanhamento e apoio individual diário à criança com PEA... sente que tem benefícios no desenvolvimento da criança? Se sim, porquê? Se não, porquê?

AOApoio: A... eu tento sempre, mas faço o meu melhor... (risos)

Entrevistadora: Ok...

AOApoio: Às vezes pronto, também... tentar que seja autónomo, dentro da sala... por exemplo, noto agora que ele... uma pequena... simples, mas já acho que é uma vitória! Ele sentar-se... por exemplo, no lanche, tentar beber um iogurte sentado, colocar o iogurte no caixote do lixo quando acaba ou na reciclagem quando acaba de...

Entrevistadora: De comer?

AOApoio: ... de comer! Andamos assim, a pouco e pouco, a tentar esses pequeninos... essas pequenas vitórias!

Entrevistadora: Então sente que tem evolução, por exemplo...

AOApoio: Sim, eu penso...

Entrevistadora: ... na autonomia da criança?

AOApoio: Sim, eu tento sempre...

Entrevistadora: Ok...

AOApoio: ... conseguir ...

Entrevistadora: ... ainda bem.

AOApoio: ... a pouco e pouco haveremos de conseguir mais!

Entrevistadora: Ok, muito bem. E como é que descreve então a importância do seu acompanhamento e apoio individual diário a uma criança com PEA?

AOApoio: Não sei...

Entrevistadora: Como é que descreve a importância ao estar presente com ele?

AOApoio: Sim, é assim, acho que é diferente... eles precisam... apesar de a auxiliar de sala... e a educadora tentarem sempre, mas... são muitos né?

Entrevistadora: Sim.

AOApoio: Convém sempre se calhar estar... alguém... conseguimos se calhar trabalhar só com eles... a... penso que sim. Como é que eu hei de explicar... está-me a entender?

Entrevistadora: Estou, estou. Sim, sim.

AOApoio: É mais fácil, por exemplo, ainda agora ele estava... chegou ao pé de mim e eu disse “então D., o que vamos fazer?” E ele “a... pintar o dedo”. Gosta sempre das pinturas dele... é... com o dedo.

Entrevistadora: Ai é?

AOApoio: Assim, lápis e assim não pega muito mas está bem, então vamos! Pronto, apesar de que a educadora podia ir, não é? Mas estava... assim pode ajudar os outros meninos...

Entrevistadora: Porque tem também todo o grupo...

AOApoio: ... somos uma sala de 20!

Entrevistadora: ... para dar atenção, não é?

AOApoio: São 20 meninos (risos).

Entrevistadora: Ok...

AOApoio: É complicado, sei que se calhar se não tivesse a auxiliar só para ele ia ser... não teve, durante estes 3 anos, não teve... mesmo a educadora diz que foi muito complicado..., mas pronto...

Entrevistadora: Deve ter sido.

AOApoio: ... agora já tem e...

Entrevistadora: Ainda bem.

AOApoio: Mesmo!

Entrevistadora: E... sendo que então é uma assistente operacional neste acompanhamento e apoio individual diário para a criança com PEA... de que forma é que o seu trabalho tem influência na criança ao nível do desenvolvimento psicomotor, por exemplo, correr, saltar, dançar, chutar, pintar, desenhar... o que é que sente que... tem influência no desenvolvimento...

AOApoio: Eu tento sempre fazer...

Entrevistadora: ... dessa questão.

AOApoio: ... com que ele consiga...

Entrevistadora: Ok.

AOApoio: Pronto, como eu agora estava a dizer, desenhar, ele pede-me e eu vou...

Entrevistadora: Sim.

AOApoio: ... correr... tento sempre que aqui... e ele já vai... agora dá-me para fugir...
(risos)

Entrevistadora: (risos) Sim.

AOApoio: ... e tento sempre, jogar à bola...

Entrevistadora: Hum, hum. Sim, essas coisas, lá está, que estão ligadas sente que tem...

AOApoio: Sim, sim.

Entrevistadora: ... que tem evolução?

AOApoio: Sim, sim.

Entrevistadora: Ok... e ao nível do desenvolvimento psicossocial, por exemplo, interagir, brincar com os seus... pares!

AOApoio: Sim, sim, também, e sabe os nomes deles.

Entrevistadora: Ok, isso é muito importante, ainda bem. E ao nível do desenvolvimento cognitivo, por exemplo, entender jogos, regras simples, letras, números, cores...

AOApoio: A... ainda não bem...

Entrevistadora: Ok, mas sente que tem alguma influência? É sempre a mesma questão.

AOApoio: Tento sempre...

Entrevistadora: Agora nesta questão.

AOApoio: ..., mas ainda não... nessa fase é mais complicado.

Entrevistadora: Ok e... ao nível do desenvolvimento da linguagem e da comunicação?

AOApoio: Sim, também.

Entrevistadora: Ok e, por último, a criança com PEA ao ter este acompanhamento e apoio, que requisitos essenciais este profissional tem de ter? Ou seja...

AOApoio: Pois...

Entrevistadora: ... que acrescentaria que formação, neste caso, a si.

AOApoio: Pois uma formação sobre mesmo de... autismo.

Entrevistadora: Ok.

AOApoio: Acho que me falta ainda... (risos) um bocadinho...

Entrevistadora: Ok tudo bem.

AOApoio: ... tentar sempre compreender.

Entrevistadora: Obrigada, mais uma vez pelo seu tempo!

AOApoio: De nada. Obrigada!

Entrevistadora: Por ter aceite aqui...

AOApoio: Obrigada.

Entrevistadora: ... fazer estas perguntas. Mais uma vez obrigada S.

ANEXO XXVIII - GRELHA DE ANÁLISE DE CONTEÚDO DA ENTREVISTA À
ASSISTENTE OPERACIONAL DE APOIO INDIVIDUAL

Categoria: Formação	
Subcategoria	Conteúdo
Formação inicial	“A... auxiliar de ação educativa.”
Formação inicial com conteúdo sobre Necessidades Educativas Específicas	“A... não dentro do... do curso tinha... falava em NEE’s, necessidades especiais... mas não dentro de autismo, no geral, só...”
Formação em Educação Especial	“Hum, não. Só mesmo... conter infor... pronto o curso, de auxiliar...”
Experiência	
Experiência com crianças com PEA	“Estou a gostar, todos os dias é... uma aventura (...) também aprendo muito com eles...” “(...) cada criança é uma criança (...)” “Cada tipo de autismo... a... estou a gostar.”
Dificuldades	
Dificuldades ao trabalhar com a(s) criança(s) com PEA	“É... muitas vezes é compreender, compreensão... deles... às vezes pensamos que é isto que eles querem e não é isto (...) então é assim um bocadinho... é... complicado. Vamos aprendendo... com eles...” “... dia-a-dia.”
Acompanhamentos e apoios	
Acompanhamentos e apoios na criança com PEA	“Sim.” “Tem as terapeutas a... na escola.” “Fora... também tem..., mas é terapia mas é... fisioterapia mas isso é por causa do motor... a...” “(...) e também tem a natação...”

Apoios e recursos necessários	“É assim... eu penso que sim, não sei... (...)” “Eu acho que sim, todos os dias fazem... aquilo que, não sei explicar”
Acompanhamentos e apoios que acrescentaria	“Não sei... acho que não... dentro... do acompanhamento que ele tem acho que não... não é preciso mais, não sei...” “... o que responder.”
Importância da assistente operacional de apoio individual	
Benefícios no desenvolvimento da criança com PEA	“A... eu tento sempre, mas faço o meu melhor...” “Às vezes pronto, também... tentar que seja autónomo, dentro da sala... por exemplo, noto agora que ele... uma pequena... simples, mas já acho que é uma vitória! Ele sentar-se... por exemplo, no lanche, tentar beber um iogurte sentado, colocar o iogurte no caixote do lixo quando acaba ou na reciclagem quando acaba de...” “... de comer! Andamos assim, a pouco e pouco, a tentar esses pequeninos... essas pequenas vitórias!”
Importância do acompanhamento e apoio individual	“Sim, é assim, acho que é diferente... eles precisam... apesar de a auxiliar de sala... e a educadora tentarem sempre, mas... são muitos né?” “Convém sempre se calhar estar... alguém... conseguimos se calhar trabalhar só com eles... (...)” “É mais fácil, por exemplo, ainda agora ele estava... chegou ao pé de mim e eu disse “então D., o que vamos fazer?” E ele “a... pintar o dedo”. Gosta sempre das pinturas dele... é... com o dedo.” “Assim, lápis e assim não pega muito mas está bem, então vamos! Pronto, apesar de que a educadora podia ir, não é? Mas estava... assim pode ajudar os outros meninos...” “... somos uma sala de 20!” “É complicado, sei que se calhar se não tivesse a auxiliar só para ele ia ser... não teve, durante estes 3 anos, não teve... mesmo a educadora diz que foi muito complicado..., mas pronto...”
Influência no desenvolvimento	“Eu tento sempre fazer...” “... com que ele consiga...” “Pronto, como eu agora estava a dizer, desenhar, ele pede-me e eu vou...”

<p>psicomotor, psicossocial, cognitivo, linguagem e comunicação</p>	<p>“... correr... tento sempre que aqui... e ele já vai... (...)” “... e tento sempre, jogar à bola...”</p> <p>“Sim, sim, também, e sabe os nomes deles (seus pares).”</p> <p>“A... ainda não bem... (entender regras)” “Tento sempre...”</p> <p>“..., mas ainda não... nessa fase é mais complicado”</p> <p>“Sim, também. (linguagem e comunicação)”</p>
<p>Requisitos essenciais</p>	
<p>Requisitos essenciais da assistente operacional de apoio individual</p>	<p>“Pois uma formação sobre mesmo de... autismo.”</p>